



TEQUILA TEQUILA

EMMA HART

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR





TRADUÇÃO: BETTY FLEISCHER
REVISÃO INICIAL: BETTY FLEISCHER
REVISÃO FINAL: MIKA HANAZUKI
LEITURA: AURORA WINGS
FORMATAÇÃO: AURORA WINGS



Aviso

A tradução foi efetuada pelo grupo Warriors Angels of Sin (WAS), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WAS poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo WAS de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.



Sinopse

TEQUILA + SEU MELHOR AMIGO + SEU QUARTO = OOPS?

Não durma com seu melhor amigo.

Confie em mim. Eu fiz isso. E foi horrível.

Algo mau como 'queria-que-a-tequila-me-fizesse-esquecer'.

O problema é que Luke esqueceu. Ele jura que não consegue se lembrar de nada daquela noite além das bandejas de doses de tequila sendo colocadas nas mesas.

Mas não consigo esquecer. Não consigo esquecer quão boas suas mãos pareciam até que eu caí e bati meu quadril na cômoda, e com certeza não consigo esquecer os dois minutos inteiros de mete-mete-goza.

Estranho. Embaraçoso. E o novo assunto de alguns sonhos lúcidos e eróticos.

Mas não tenho intenção de contar a ele o que fizemos. Nada de bom resultará em dizer ao seu melhor amigo que ele é o pior cara com quem você já dormiu.

O que torna a tequila no meu aniversário uma ideia muito ruim mesmo.



Capítulo 1

Aspen

Tequila Te-Bate-Bate

Era uma verdade universalmente aceita que dormir com seu melhor amigo era uma ideia muito, mas muito ruim.

Só porque funcionou para Chandler Bing e Monica Geller¹ não quer dizer que era para todos.

Claro, não que eu estivesse pensando nisso agora.

Não.

Neste momento, eu estava pressionada contra o corpo forte do meu melhor amigo. Seus dedos estavam no meu cabelo bagunçado, tornando-o ainda mais um desastre, e os meus estavam apertando sua camisa.

E sim, estávamos nos beijando.

Eu sei. Não consigo pensar.

Foi tudo culpa da tequila. Nós bebemos muito, e o que tinha começado como uma tentativa para ele me ajudar a ir para cama acabou comigo caindo no batente da porta, rindo, e ele...

Bem, me beijando.

Eu estava confusa sobre como isso aconteceu. De fato, dada a grande quantidade de tequila que eu consumi esta noite, eu estava confusa sobre quase tudo.

¹ Chandler Bing e Monica Geller são personagens da série televisiva Friends.



A única coisa que estava perfeitamente ciente era que eu estava beijando ele de volta. Com muito entusiasmo.

E, sabe, eu não pude pará-lo. Não tinha certeza de como tudo começou, mas foi um beijo muito bom. Um pouco descuidado, claro, no entanto, estávamos ambos bêbados. Não ia ser um beijo de roubar a alma agora, não é?

Convenhamos, beijar era meio confuso, mesmo quando se está sóbria, nem imagine quando você está bêbada e não tem a coordenação mais básica.

Luke se afastou e olhou para mim com brilhantes olhos azuis. — Eu sinto muito.

— Pelo quê?— Perguntei.

Olhe para isso. Eu não enrolei minhas palavras. Vai Aspen Bêbada!

— Beijar você. — Ele mordeu o lábio inferior carnudo. — Foi um acidente.

Bufei rindo, caindo para frente nele. Coloquei meu rosto em seu peito enquanto as risadas se apoderavam de mim, fazendo-me cambalear para frente.

— Ei, — ele riu, segurando-me, mesmo que estivesse instável. — Por que você está rindo?

Esticando meu pescoço para trás para encontrar seus olhos, eu pressionei um dedo nos meus lábios. — Shh, — sussurrei. — Porque posso sentir que você não está arrependido.

Ele me encarou, piscando de forma que seus cílios escuros e espessos projetavam pequenas sombras sobre suas lindas bochechas.

Uau, sim. Eu estava bêbada. Lindas bochechas? Havia algo assim?

— O quê?— Luke não se moveu.



Uma Aspen Sóbria não diria as próximas palavras. Aspen Sóbria era chata. — Seu pênis está muito duro, — eu sussurrei, assentindo com firmeza. — E quer brincar.

— O que é isso? Um gatinho? — Ele riu, dando um passo para trás.

— Nãooooo! Eu tenho *uma perereca*!

Luke tropeçou na minha escova de cabelo no chão e caiu de costas na minha cama. Sua risada ecoou nas paredes, e ele quase saltou direto para o chão.

Eu ri, mas antes que pudesse controlar meus próprios pés, escorreguei em nada e caí em minha cômoda. Meu quadril bateu no canto, e eu gritei: — Foda-se!

— O que? Você está bem? — Luke tropeçou quando se levantou.

— Não! Minha cômoda está tentando me matar!

Ele me pegou e puxou para a cama. Foi um milagre não termos caído novamente, para ser honesta. Meu quarto era uma bagunça e parecia que dez adolescentes morassem lá. Não podíamos ser todos perfeitos.

— Aqui. Venha aqui. — Ele me deitou na cama e foi para o meu short.

Eu me contorci para longe. — O que você está fazendo?

Seus olhos se arregalaram. — Verificando seu quadril.

— Oh. Ok. — Eu ri de novo e rolei para o lado para deixá-lo verificar. A dor me invadiu quando meu quadril tocou a cama. — Opa! Quadril errado!

— Como você fez isso?

— Tequila. — Eu rolei para encará-lo e bati na minha têmpora. — Muito influente, mas uma idiota total. Deve ser um político.



— Assim como você com toda a merda que fala quando está bêbada. — Ele riu e puxou minha camisa, em seguida desceu cuidadosamente o cós da minha calça jeans para verificar meu quadril.

Olhei para baixo. A pele estava esfolada e mesmo bêbada eu sabia que haveria um hematoma lá daqui há dois dias. Excelente. Era disso que eu precisava no começo do verão.

Um hematoma no meu quadril.

— Não parece tão ruim. — Os dedos de Luke tocaram a pele macia, seus dedos ásperos fazendo minha pele formigar.

— Você acha? — Eu inclinei a cabeça para encontrar os olhos dele e congelei.

Seu rosto estava bem ali. Os lábios que estive beijando há apenas alguns minutos estavam perto o suficiente dos meus que só um movimento, e eles tocariam os meus novamente.

Talvez eu estivesse louca. Talvez fosse a tequila.

Não, definitivamente era a tequila, e eu estava definitivamente louca, mas pela intenção do que eu estava prestes a fazer, seria mais fácil usar a tequila como explicação.

Eu o beijei.

Beijei meu melhor amigo bem na boca. *Deliberadamente.*

Pensei que ele se afastaria, mas não se afastou. Seu toque gentil no meu quadril se tornou um aperto forte quando ele puxou meu corpo contra o dele. Ele definitivamente ainda estava duro, e eu estava muito feliz por termos bebido tequila suficiente para que isso fosse esquecido pela manhã.

Porque se havia alguma coisa que você queria esquecer, era beijar seu melhor amigo.



E ele tocar seu seio.

Que ele estava tocando agora.

Oh, meu Jesus. Isso estava acontecendo.

Decidi parar de pensar. Pensar não ia mudar isso, e inferno, era minha culpa. Eu o beijei novamente.

Eu caí no beijo. E nele, literalmente. Os minutos seguintes foram uma confusão de tocar e beijar desajeitadamente, e ficar mais excitada do que eu tinha o direito de estar por meu melhor amigo.

Antes que meu cérebro bêbado pudesse compreender, nós estávamos retirando nossas roupas, nos despindo para ficar totalmente nus. Depois estávamos nos beijando de novo, nossos dentes quase se chocando quando eu escorreguei quando nos juntamos. Risos foram abafados por gemidos quando Luke enfiou a mão entre as minhas pernas e tocou meu clitóris com os dedos.

Estendi a mão em direção a ele e peguei seu pau duro. Seus dentes roçaram meus lábios, e quando seus quadris sacudiram, ele se afastou de mim e encontrou meus olhos.

— Preservativo?

Apontei na direção da mesa de cabeceira.

O que?

Só porque não transo há seis meses não significa que eu não estava otimista de que isso poderia acontecer a qualquer momento.

Eu ri com esse pensamento. Quem diria que seria o meu melhor amigo que acabaria com a minha seca sexual?

Luke cambaleou quando se levantou. Eu soluzei, colocando as mãos sobre a boca quando ele riu e vasculhou minha gaveta de cima. Estando vazia, ele se moveu para a segunda, e meus olhos se arregalaram quando



ele arrancou meu pequeno vibrador tipo cápsula roxo e o segurou com uma sobrancelha questionadora.

Por dentro, Aspen Sóbria estava morrendo de vergonha.

Aspen Bêbada riu muito.

Aspen Sóbria iria odiar a Aspen Bêbada em cerca de doze horas.

Ele deixou-o cair de novo na gaveta e pegou uma caixa de preservativos. Como eu disse; estive sempre otimista de que uma divindade deixaria uma estrela pornô ou alguém igualmente talentoso na minha porta para uma rapidinha.

Outra risada explodiu de mim quando vi Luke se atrapalhar com o preservativo. Ele quase deixou cair antes de finalmente conseguir colocá-lo. Era como assistir a um gato tentar abrir uma porta ou segurar alguma coisa.

— Cale a boca, — ele murmurou, segurando o preservativo no lugar quando ele voltou para mim.

Eu ri, recostando-me. Ele deslizou facilmente entre as minhas pernas, e me beijou várias vezes antes de tentar empurrar dentro de mim.

Empurrei de volta para cima da cama como se seu pênis estivesse em chamas. — Luke, essa é a minha bunda.

Ele parou, recuou e se abaixou. — Ooops.

— Ooops? Você quase empalou minha bunda e você diz *ooops*?

— Shh. — Ele tocou um dedo nos meus lábios e tentou novamente.

Felizmente, desta vez, ele acertou.

Ele empurrou seu pênis dentro da minha boceta lentamente, inclinando-se para me beijar novamente. Agarrei seus ombros quando ele começou a se mover. Depois de três estocadas, seu pênis saiu, mas ele



escorregou de volta para dentro de mim... depois de um segundo, aconteceu.

Envolvi minhas pernas em sua cintura para que não acontecesse novamente. Nós nos beijamos com força, e eu inclinei os quadris para que ele pudesse empurrar mais fundo.

Isso foi um erro.

Ele gemeu.

E eu sabia.

Eu só *sabia* o que ia acontecer. Ele gozaria e eu não estava nem perto. Nem mesmo aquecida. A chave estava no carro, mas o motor não estava pegando. Não senhor, nem perto disso.

Então, fiz a única coisa que uma mulher de vinte e quatro anos que se preze que estava longe de gozar poderia fazer.

Eu fingi.

Gemer. Apertar. Agarrar. Gemer. Arquear. Se contorcer.

E gemer novamente.

Assim como eu suspeitava, Luke gozou.

E foi malditamente miserável.

Mete-mete-goza, realmente.

Ele desabou em cima de mim por um minuto, e eu fingi aquela névoa pós-orgástica de respiração pesada e contrações musculares aleatórias.

Luke saiu de mim e rolou para longe, alcançando imediatamente o preservativo. Aproveitei e me levantei, fingindo estar com as pernas trêmulas até sair do quarto.

Então corri para o banheiro e me tranquei lá.



Meu Deus, o que eu fiz? Graças a Deus, dois minutos de sexo ruim não me deixaram sóbria. Ninguém precisava ficar sóbrio depois disso.

Fiz xixi, lavei o rosto e agarrei a camiseta desta manhã do chão. Ela me proclamava ser uma inimiga do povo... exato... e caminho de volta para o meu quarto, usando a porta para me ajudar a ficar de pé.

Aparentemente, a tequila estava tendo a segunda vitória.

Parando do lado de fora da porta, Aspen Sóbria surgiu apenas tempo suficiente para convencer Aspen Bêbada a ir até a cozinha, tomar uma aspirina e beber um pouco de água.

Aspen Bêbada era inteligente. Ela obedeceu.

Aspirina e água tomados, finalmente cheguei ao meu destino: minha cama.

E alguém esteve menosprezando esse idiota, porque Luke já estava dormindo. Felizmente, ele não estava no meu lado favorito da cama, então não tive que tentar mover sua bunda nua.

Sejamos honestas. Provavelmente quebraria meu tornozelo tentando fazer isso depois de tanto álcool.

Peguei uma calcinha limpa da cômoda e quase caí tentando vesti-la, então abortei a ideia e, em vez disso, tropecei para o lado da cama e sentei-me para colocá-la.

Missão cumprida com a minha pobre vagina escondida dentro da calcinha, eu me deitei na cama e rolei, ficando de costas para meu melhor amigo nu.

O sono veio para mim em segundos, e eu nunca fui mais feliz.



Capítulo 2

Aspen

Panquecas e outras mentiras necessárias

Saí de fininho da cama enquanto Luke ainda estava dormindo. Ele rolou em algum momento da noite e agora estava deitado de bruços com a bunda nua no ar.

Se eu não me sentisse como um zumbi, teria tirado um minuto para admirar como seu traseiro era branco comparado ao resto de seu corpo bronzeado. Sendo meio mexicano, ele já tinha uma vantagem injusta sobre o resto de nós quando se tratava de bronzeado.

Como se eu fosse admitir que parte do meu bronzeado veio de uma garrafa.

Peguei um short rosa claro do topo do cesto de roupa suja e dei uma cheirada. Não cheirava como se tivesse sido usado... e havia uma boa chance de que não tivesse sido... então vesti-o e silenciosamente caminho até a cozinha.

Mais aspirina e água foram minha primeira parada, e a segunda foi afundar em um dos banquinhos da pequena ilha no meio da cozinha e gemer.

Infelizmente, minha noite de sono não teve o efeito que eu pensei.

Ou seja, ainda me lembro do desastre que foi a noite passada. Os dois minutos inteiros do pior sexo da minha vida com uma das pessoas mais importantes dela.



Que desastre. É por isso que vocês são avisados sobre o consumo excessivo, crianças. Não por causa de insuficiência hepática. Porque você pode se foder dormindo com seu melhor amigo.

Suspirei e passei os dedos pelo cabelo até que eles alcançaram meu coque, olhando pela minha janela. Eu não conseguia ver nada além de árvores já que meu bloco de apartamentos era voltado para o parque. Conseguia ouvir as crianças gritarem toda vez que eu abria as janelas... não que eu fizesse isso muito no Texas.

Isso seria insano.

O que eu deveria fazer agora? Eu conhecia Luke bem o suficiente para saber que ele sairia do meu quarto com perguntas sobre por que ele estava nu.

O que diabos eu digo?

Oh, sim, fizemos sexo e foi terrível pra caralho.

Não, eu não poderia fazer isso. Não podia nem dizer que fizemos sexo. Se ele mencionasse, então com certeza, mas eu não tocaria no assunto. De jeito nenhum.

Sejamos honestos. O sexo foi exponencialmente melhor para ele do que para mim.

Fingi mais do que alguns orgasmos na minha vida, mas nunca imaginei que estaria fingindo um com meu melhor amigo.

Por outro lado, eu nunca imaginei que transaria com ele também.

Endireitei-me e cobri a boca com as mãos. Isso tinha o potencial de arruinar nossa amizade. Bom sexo pode não ser um problema, mas sexo ruim? O pior sexo possível?

Sim. Isso significava que já era.



Não. Minha única opção era ficar aqui e esperar que ele não se lembrasse. Ele estava tão bêbado quanto eu, e a única razão pela qual lembro foi porque infelizmente tinha uma boa memória e bebi água antes de ir dormir.

Ele não tinha feito isso. Ele bombeou, despejou e desmaiou.

Eu precisava ser natural. Não podia ficar sentada aqui como uma perdedora quando ele acordasse e saísse.

Eu cozinharía. Sim. Não era a primeira vez que Luke ficava na minha casa depois de uma noitada, e eu estava sempre acordada antes dele, então eu cozinjava.

Não importava o fato de que tinha uma banda marcial na minha cabeça, e a ideia de comida fizesse meu estômago revirar... eu precisava de algo quente, pesado, cheio de carboidratos e gordura.

Tirei os ingredientes do armário para fazer panquecas a partir do zero, e tirei bacon da geladeira. Eu me ocupei preparando, me concentrando em cozinhar ao invés no que tinha acontecido.

O que eu realmente precisava fazer era ligar para Blaire, minha melhor amiga de longa data, e dizer a ela o quanto eu tinha estragado tudo. Contudo não podia fazer isso enquanto Luke estivesse aqui, então minha melhor opção era alimentar Luke e me livrar dele assim que fosse humanamente possível.

Era assim que se lidava com um homem da qual queria se livrar, não é? Com comida. E calça de moletom folgada, cabelo oleoso e rímel de ontem.

Se isso fosse verdade, tinha tudo sob controle. Meu cabelo estava em um coque sujo em cima da cabeça, com fios curtos estúpidos pendurados ao redor das minhas orelhas e pescoço, e meu rímel estava



fazendo um bom trabalho de me preparar para ser um panda para o Halloween deste ano.

Quanto à calça de moletom... Bem, esse era o uniforme da ressaca, não era? Especialmente se você tivesse companhia.

A porta do meu quarto se abriu. — Sinto cheiro de comida.

Eu me virei, com um copo de água na mão, e olhei diretamente para meu melhor amigo nu. — Luke! Pelo amor de Deus! Vista uma calça!

Ele olhou para baixo. — Foda-se! — Ele apertou as mãos sobre o pau e correu de volta para o quarto, batendo a porta atrás dele.

Tive um vislumbre de sua bunda bronzeada antes da porta se fechar, e isso foi o suficiente para me fazer rir.

Dois minutos depois, enquanto eu virava as panquecas, ele reapareceu, vestindo uma calça de moletom cinza e nada mais.

Havia momentos em que eu odiava que ele deixasse roupas na minha cômoda. Este era um deles.

A calça de moletom cinza era mais sexy do que tinha o direito de ser.

— Sabe, — eu disse, virando a última panqueca. — Se precisa de roupa de ressaca na minha cômoda, você precisa beber menos.

— Sabe, — ele retrucou, deslizando sobre o banquinho da ilha. — Se acha que vai gritar comigo, você deve me receber com aspirina e água.

— Se acha que estou gritando com você, deve aprender a controlar sua ingestão de álcool. — Eu deslizei uma garrafa de aspirina pela ilha para ele. — Água na geladeira.

— Tenho que pegar minha própria água?

— Você bebeu suas próprias doses de tequila, então sim. Não é como se estivesse aqui pedindo para você fazer o café da manhã. Estou te



fazendo comida. Pare de ser um bebezão. — Coloquei as panquecas em um prato e verifiquei o bacon. Estava pronto, então servi em outro prato e coloquei ambos na ilha entre nós.

Luke tirou uma garrafa de água da geladeira. — Você tem algum xarope?

— Como você pode engolir xarope depois de cinquenta litros de tequila?— Puxei um banquinho para o lado e sentei, não me incomodando com um prato para mim enquanto pegava uma panqueca e bacon e os juntava para comer.

Veja. Eu nunca aleguei ser uma dama.

Estava vestindo calça de moletom e camiseta de ontem. Eu era uma garota de verdade, Pinóquio.

Talvez fosse isso que Shania Twain estava realmente cantando em sua música. *I felt like a woman*. Eu me sentia como uma mulher desajeitada, de vinte e poucos anos, precisando de uma limpeza facial e de um banho, mas uma mulher mesmo assim.

Afinal, se seus vinte anos não tivessem gosto de arrependimento, você realmente fez tudo certo?

O lado inteligente de mim disse sim, você fez certo se não estiver arruinada o tempo todo.

Não que eu fosse essa pessoa. Eu trabalhava em um bar... o mesmo bar do qual nós saímos aos tropeços noite passada, na verdade. Eu vi mais do que o meu quinhão de pessoas bêbadas, mas ocasionalmente a tequila aparecia e então eu estava ferrada.

Como o casamento da tia de Luke. Os discursos mal terminaram e sua avó exigia doses de tequila nas mesas de todos.

Era o meu calcanhar de Aquiles.



O dele também, aparentemente.

— Xarope é o céu, — Luke respondeu, pegando-o do armário. —
Nunca estarei muito de ressaca para xarope.

Peguei meu segundo pedaço de bacon e mastiguei. Eu não sabia como ele poderia comer algo tão doce, mas por outro lado, eu não era exatamente alguém que gosta de doce.

— Você não está usando um prato? — Ele perguntou, sentando-se novamente.

— Não. — Peguei outra fatia de bacon. — Estou muito de ressaca para um prato.

— Mas não muito de ressaca para cozinhar.

— Vou jogar as panquecas no lixo.

— Ow, ow, ow, não se precipite. — Ele puxou o prato cheio de panquecas em direção a ele. — Então. Alguma ideia do por que acordei nu?

Ótimo.

Aqui vamos nós.

Mantenha a calma, Aspen. Pense rápido.

Fiz uma pausa, uma fatia de bacon crocante entre meu dedo e polegar. — Você não lembra?

Ele levantou uma sobrancelha. — Se eu pudesse lembrar, acha que eu estaria perguntando?

Eu abaixei o bacon. — Você realmente não se lembra?

Luke sacudiu a cabeça. — Eu não mostrei minhas partes íntimas para o gerente do prédio de novo, não é?



Precisei me conter para não rir dessa memória. — Não, e acho que a Sra. Carmichael estava muito agradecida por isso. Não tenho certeza se ela já superou da última vez.

— Graças a Deus. Então o que aconteceu?

— Nós voltamos aqui, e você decidiu que estava usando muitas roupas para dormir e se despiu. — Encolhi os ombros, o bacon revirando com isso. — Desculpa. Sem história suculenta e sem mostrar as partes íntimas a ninguém.

— Nem mesmo a um estranho?

— Não. Nós fomos surpreendentemente bem comportados na noite passada. — Exceto pela parte em que transamos... Se é que podemos chamar assim. Era bem longe da verdade.

Luke regou xarope em suas panquecas. E por regou, eu quis dizer encharcou. — Isso parece o mais chato Quatro de Julho de todos os tempos.

— Foi. — Balancei a cabeça. — Blaire nem precisou mostrar os seios a ninguém para ser servida no bar este ano.

— A última vez que Blaire se expôs a alguém no bar para ser servida, ela acabou quebrando o nariz de um cara dez minutos depois.

Ah. Sim. Isso era verdade. Não é de se admirar que meu chefe, Declan, tenha garantido que ela fosse servida em poucos minutos depois de se aproximar do bar.

— Ele merecia isso, — lembrei a Luke. — Quero dizer, ela não tinha sequer mostrado os mamilos. Não havia necessidade de tentar beijar seu peito.

— Não havia necessidade de Blaire mostrá-los. Ela poderia ter exercitado alguma paciência.



— A única coisa que Blaire exercita é a boca. Quando você já a viu ter paciência?

Luke mastigou um pedaço de bacon e inclinou-o em minha direção em reconhecimento. — Verdade. Ela tem a paciência de uma criança na hora do lanche.

— Como você sabe quão paciente uma criança é na hora do lanche?

— Eu tomei conta da minha prima.

— Você fez isso uma vez.

— Tudo bem, seja o que for. Eu *tomei* conta. — Ele pegou meu copo de suco e bebeu tudo, fazendo-me franzir a testa. — Então, nada de ruim aconteceu ontem à noite? De verdade?

Encontro seus olhos azuis. — Você não acha que eu teria dito se acontecesse?

Não. Mentirosa.

Ele considerou por um segundo, comendo o resto de sua fatia de bacon, depois encolheu os ombros e disse: — Bem, considerando que você trás a tona a vez que balancei meu pênis como um helicóptero no meu vigésimo primeiro aniversário, acho que diria.

— Tudo bem, mas, — eu bufei, — Isso será mencionado a todas as namoradas, em todas as festas e a cada possibilidade de “histórias embaraçosas” até você morrer.

— Aspen, uma vez você sentou no meio-fio e teve uma conversa com um gato sobre esquilos.

— Fique sabendo que ele era um ótimo ouvinte, muito obrigada.

— Claro que ele era. Ele era um gato.

— Gatos têm uma tendência a ir embora e ignorá-lo. — Lambi meus dedos e peguei meu copo vazio para reenchê-lo. Dividir um copo com ele



não parecia tão importante depois da coisa toda da troca de saliva na noite passada. — Muito parecido com você.

— Só quando você se queixa, — ele murmurou, espetando o último pedaço de panqueca em seu prato com um garfo. — Eu tenho que admitir, estou realmente surpreso por termos conseguido sair à noite sem nos ferirmos, sem mostrar as partes íntimas a alguém ou fazer algo realmente estúpido.

Tomei meu suco e sorri. — Sim, bem, há uma primeira vez para tudo.

Apenas não tinha sido a noite passada.

— Tudo bem. Se importa se eu usar o seu chuveiro antes de ir? — Ele colocou o prato e o garfo na pia.

— Desde quando você já pediu para usar o meu chuveiro?

— Tem razão. — Ele sorriu, tocando-me sob o queixo antes de caminhar na direção do banheiro. — Obrigado, Asp.

Levantei meu copo em resposta, inclinando o topo em sua direção.

— Você fez o *quê*? — Blaire gritou, se lançando para frente e quase derrubando seu copo de vinho.

É para curar a ressaca, tudo bem? Além disso, era sexta-feira à noite, o que significa estarmos na noite das garotas. Não se podia ter a noite das garotas sem vinho.

— Eu sei, — lamentei, enterrando o rosto nas mãos.

— Você fez sexo com Luke?



— Foi um acidente!— Olhei para ela sobre as pontas dos meus dedos. — Eu juro. Simplesmente aconteceu.

Ela arqueou uma sobrancelha. — Sim? O que? Ele apenas tropeçou e enfiou o pênis ereto em sua vagina?

— Não, mas ele estava desconfortavelmente perto de enfiar na minha bunda.

Blaire levantou uma mão, seu esmalte azul brilhando com o movimento. — Você precisa ir do início. Volte para o começo.

Peguei meu copo de vinho e bebi o resto, depois me recostei no sofá e coloquei uma almofada no colo. Convenhamos... eu estaria enterrando meu rosto nela em cerca de dois minutos.

— OK. Bem, voltamos para cá e me choquei com o batente da porta...

— Claro que sim. Você mal sabia que dia da semana era.

— Nem você, — eu respondi. — De qualquer forma, ele pulou para me impedir de cair e... nos beijamos.

Blaire piscou, os olhos cor de caramelo brilhando de diversão. — Bem desse jeito? Só aconteceu?

— É assim que eu me lembro disso.

— Certo. Continue. Mal posso esperar por isto.

Eu poderia. Não queria reviver a noite passada novamente. — Eu realmente não sei o que aconteceu depois disso, exceto que eu me choquei contra a cômoda. Aparentemente, tequila significa que você calcula mal a distância. Quem diria?

— Os mexicanos. Por muito tempo. E agora eles riem de nós idiotas.



Ter ido a muitos eventos familiares de Luke, eu sabia que isso era verdade. — De qualquer forma... ele me ajudou a ir para cama e checou meu quadril. Então eu o beijei.

— Você o beijou?

— O que? Foi sem querer!

— Há muito disso acontecendo nessa história. — Blaire disse secamente, inclinando-se para encher nossos copos com o resto do vinho da garrafa.

Mostrei o dedo para ela e continuei. — Uma coisa levou a outra, e depois de alguns beijos e outras coisas, nós... fizemos.

Eu realmente não queria me aprofundar mais do que isso.

— Ele tentou colocar na sua bunda antes ou depois?— Ela me passou o meu copo e sentou-se, segurando o dela.

— Antes. E quando eu disse a ele, ele disse: ‘oops’.

— Ooops?— Seus olhos se arregalaram. — Sim, ele nunca teve qualquer coisa colocada em sua bunda por acidente.

— A menos que haja algo que ele não esteja nos dizendo, eu duvido que tenha, — respondi. — Então sim. É isso aí. Nós fizemos.

— Só assim?— Ela piscou para mim. — Bem, como foi? O que aconteceu esta manhã? O que acontece agora?

Eu não disse nada.

— Não olhe para mim como se eu tivesse pedido para você descobrir o significado da vida. Você fodeu seu melhor amigo. Ou melhor, ele te fodeu. Isso não é exatamente algo que você faz todos os dias.

Respirei fundo. — Não sei o que acontecerá. Foi...

Ela se inclinou para frente, sorrindo. — Surpreendente? Incrível? Algo que você tem que fazer de novo? Tenho



que admitir, eu definitivamente tenho Luke na classe de melhor-sexo-da-sua-vida na minha imaginação.

— Uh... não exatamente.

Ela fez uma pausa.

— Foi horrível, Blaire. Tão ruim. Eu nunca fiz sexo tão ruim em toda a minha vida.

Seus olhos se arregalaram. — Pior que Ross?

Balancei a cabeça. — Pior que Ross.

— Ruim até que ponto?

— Mete-mete-goza.

Ela engasgou, apertando a mão sobre a boca. — Não! Não Luke!

— Sim.

— Foi a tequila?

— Eu não sei, mas eu não posso exatamente falar sobre isso, posso?— Estendi minhas mãos. — Ele entrou na cozinha esta manhã sem se lembrar do que aconteceu na noite passada. Apesar do fato de eu querer me fritar com o bacon, foi totalmente normal. Eu realmente acho que ele não consegue se lembrar.

Blaire olhou para mim. Ela nem se mexeu por um segundo, mas quando o fez, levou a outra mão até a boca, ainda segurando o copo de vinho. — Ele não se lembrava?

— Não. E se lembrou, ele obviamente não queria mencionar. Não que eu o culpe.

— Você não *foi gozar* mesmo?

— Só da Cidade da Desgraça, mas tenho certeza que meu trem vai me levar para Aldeia do Constrangimento.



— Bem, merda. — Minha melhor amiga caiu contra o sofá. — Sinto que ele diria se lembrasse. Só assim você pode varrer para debaixo do tapete e nunca mais falar sobre isso.

— Mesmo. Eu só... eu não quero dizer a ele se ele não se lembra disso.

— Por que não?

— O que diabos eu devo dizer? 'Ei, amiguinho! Eu só queria que você soubesse que nós transamos bêbados ontem à noite, mas você é o pior que já tive. Espero que isso não seja estranho!'

Blaire fez uma pausa. — Eu diria isto.

— Claro que sim. Mas eu não sou você. — Eu girei minha taça pela haste. — Não posso dizer isso a ele, Blaire. Tenho certeza que isso destruirá nossa amizade.

— Mais do que seus dois minutos no paraíso?

— Dois minutos podem ser um exagero.

— Uau. OK. Então, você só vai ignorar e esperar esquecer isso?

Suspirei e dei de ombros. — Acho que sim. Ele não se lembra, então dizer a ele o que aconteceu, e potencialmente constrangê-lo, não vai fazer nenhum bem a nenhum de nós. Prefiro ignorar que isso aconteceu e manter meu melhor amigo, não importa o quão estranho possa ser.

Blaire balançou a cabeça de um lado para o outro, depois deu de ombros em algo que parecia muito com um acordo relutante. Compreensão, no mínimo. — Entendo, mas vocês são melhores amigos desde os cinco anos. Quando me mudei para cá, foi como tirar sangue de uma pedra para ser sua amiga no começo.

Eu bufei. Verdade. Luke e eu éramos unha e carne desde que eu conseguia lembrar.



— Eu só... entendi o que você está dizendo, Asp, mas acho que deveria pensar em contar a ele o que aconteceu. Você realmente quer manter um segredo dele?

— Eu nunca disse a ele que você beijou o primo dele.

Ela levantou um dedo. — Não é importante.

— Totalmente importante.

— Não, eu não acho que seja. — Ela balançou a cabeça enfaticamente, seus cachos quase negros balançando de um lado para o outro. — Esse é o meu segredo, não o seu.

— Eu te vi beijando-o com tanta força que me perguntei quem ganhou o game naquele set no jogo de tênis da amígdala.

— Ainda não é importante. — Ela me ignorou. — Você fez sexo com ele, Aspen.

— Você chama isso de sexo? Eu chamo de erro causado pelo álcool que ninguém deveria lembrar em suas vidas.

Ela suspirou. — OK. Acho que a sua pergunta é: você tem cem por cento de certeza que Luke não se lembra do que fizeram na noite passada?

Assenti com firmeza. — Estou cem por cento segura de que Luke não se lembra. Apenas sei que ele não lembra.



Capítulo 3

Luke

O que não fazer depois de beber tequila

Eu tinha uma longa lista de coisas que nunca deveria fazer depois de beber tequila.

Mostrar as partes íntimas para uma senhora.

Tirar a roupa no parque público.

Permitir que seu abdômen fosse usado como uma plataforma de doses para uma festa de despedida de solteiro.

Foder sua melhor amiga.

E se eu tivesse que escolher uma dessas coisas para nunca mais fazer depois de beber tequila, seria cem por cento a última coisa.

Porque, foda-se.

Apenas *foda-se*.

Eu não tinha ideia do que estava pensando na noite passada. Fazer sexo com Aspen? Não havia nenhuma maneira possível que não pudesse dar errado depois da quantidade que bebemos.

Minha família era um pesadelo em feriados e, embora a maioria deles nem sequer fosse americana, eles usavam todos os feriados possíveis como desculpa para beber tequila. Quatro de julho incluído. Estava quase certo de que eles esvaziaram o bar depois que saímos, a julgar pelo texto às quatro da manhã do meu primo.

Mas eu... merda.



Fui tão idiota. Tão, tão idiota. Beijá-la era uma coisa, mas fazer sexo com ela? E foder tudo do jeito que eu fiz?

Jesus. Não havia como dizer a ela que sabia o que tinha acontecido na noite passada. A única salvação que eu tinha era que ela não parecia se lembrar de nada. Nós nos conhecíamos tempo suficiente para que um de nós pudesse ter mencionado se nos lembrássemos, então eu acho que era isso.

Ela nunca saberia que os piores dois minutos da minha vida foram com ela.

Não que ela fosse ruim. Puta merda, não. Ela não era. Ela era minha melhor amiga, mas ela era gostosa pra caralho. Eu teria que ser cego para não ser atraído por ela.

Mas de todas as noites para fazer algo sobre aqueles malditos olhos cor de mel e boca com um sorriso tão poderoso que poderia iluminar uma cidade inteira, tinha que ser a noite passada.

Tinha que ser depois de um número estúpido de doses de tequila. Um número estúpido de linhas de sal lambido no dorso da minha mão. Um número estúpido de fatias de limão sugado entre meus lábios.

Claro que funcionou.

E tinha que ser um terrível, horrível, estranho dois minutos para ela estar bêbada demais para fingir um orgasmo com precisão.

Em seguida, esta manhã, quando eu perguntei por que eu estava nu, não que eu tivesse percebido até que eu entrei na cozinha dela e ela gritou comigo, ela veio com uma desculpa perfeitamente boa por que eu estava nu.

No começo, pensei que ela estivesse mentindo. Ela estava escondendo a verdade. Quem diabos queria admitir que o pior sexo de



sua vida tivesse sido com seu melhor amigo? Era como dizer ao seu antigo cachorro que você preferia o seu novo cachorrinho.

Mais ou menos isso.

Mas não, quanto mais sondava, mais ela insistia que eu me despi. Que, para ser honesto, eu tinha um passado de quando ficava bêbado. Eu não era exatamente um membro modelo da sociedade depois de alguns drinques, mas pelo menos eu nunca dei socos em ninguém ou fui preso.

Eu era apenas, você sabe... Livre.

Como diabos eu deveria dizer a Aspen o que tinha acontecido? Que nós tivemos o que mal se pode chamar como sexo e ela fingiu para me fazer sentir bem?

Como se eu não soubesse que uma mulher não poderia gozar em dois minutos de penetração.

Eu não tinha quinze anos. Tinha vinte e cinco anos. Não que isso tenha feito diferença na noite passada.

Não. Isso foi tudo culpa da tequila.

A contusão no meu tornozelo direito? Tequila.

O golpe no meu ego? Tequila.

A vergonha de empurrar e gozar na sua melhor amiga?

Fo.di.da.Te.Qui.la.

A pior parte dessa situação com Aspen era que eu não tinha a menor ideia do que fazer agora. Eu não conseguia falar sobre isso. Eu me lembrava da noite claramente, e ela estava disposta em cada coisa que fizemos... o que não foi muito... mas ainda assim.



E se ela não acreditasse em mim? E se pensasse que eu me aproveitei dela? Eu nunca faria isso. Não para ela ou para qualquer outra pessoa.

Nós dois bebemos exatamente a mesma quantidade. Nós conseguimos entrar em um táxi e voltar para a casa dela simplesmente porque estava mais perto.

Era assim que funcionava. Ela deixava roupas de ressaca na minha gaveta e eu deixava na dela.

Ela estava muito melhor ao cozinhar no dia seguinte do que eu.

Mas foda-se. Como vamos seguir em frente depois disso? Fico aqui no meu sofá comendo Doritos e finjo que isso nunca aconteceu? Isso era o melhor? Como diabos se desculpa com sua melhor amiga por fodê-la, bem, com uma maldita boa foda?

Pelo menos eu sabia que ela dormiu bem. Ela roncou como um porto disparando um alarme para trazer um barco em segurança.

Deus bem sabe que eu a incitei a rolar e calar a boca o suficiente na noite passada.

Merda, no entanto. Merda.

Me inclinando para frente, passo uma mão pelo cabelo. A outra estava coberta de pó laranja dos Doritos que estava comendo, e quando me recosto, lambo os dedos.

Depois coço minhas bolas.

Veja. Eu estava de ressaca, atormentado, e colocaria cinquenta dólares em jogo, apostando que tinha fodido meu relacionamento com minha melhor amiga.



Se eu quisesse lambar o pó de Doritos da minha mão e coçar minhas bolas com a outra enquanto sentia pena de mim mesmo, então eu faria isso mesmo.

A verdade é que eu não sabia o que fazer com essa situação. Dificilmente havia um manual para o que fazer depois de fazer sexo ruim com sua melhor amiga.

E deveria haver.

Isso era muito mais valioso do que álgebra, e eu era basicamente um especialista nisso.

Ou eu era. Eu não a usava há sete anos.

Quem disse que a escola era útil?

Jogo o pacote vazio de Doritos para o lado e foco na TV. Os créditos para *Caçadores de Relíquias* apareciam na tela, mas eu realmente não me importava com o que Frank e Mike estavam fazendo hoje.

Não.

Tudo o que eu conseguia pensar era na minha melhor amiga.

Aspen. Cabelo escuro. Olhos de mel. Lábios carnudos. Um sorriso mais brilhante que lâmpadas de LED em uma árvore de Natal.

Talvez a maneira mais estranha que eu tenha me referido ao sorriso de uma mulher, mas eficaz do mesmo jeito.

Porra. Ela era minha melhor amiga.

Nós tínhamos feito castelos de areia juntos no jardim de infância... e ela me bateu com sua pá, consolidando nossa amizade pela vida.

Eu a defendi no segundo ano quando ela esqueceu que estava vestindo uma saia no trepa-trepa, e acidentalmente mostrou a calcinha para o playground inteiro.



Ela puxou o cabelo de uma menina na quarta série quando ela foi malvada comigo.

O sexto ano trouxe-nos a puberdade e eu lhe dei meu suéter quando alguém roubou seu sutiã.

O 1º ano do ensino médio veio com um babaca traiçoeiro que a considerou como presa fácil... e meu punho quebrando o nariz dele.

O 2º ano do ensino médio veio com o baile de formatura, onde eu a convidei antes de pensar em chamar outra pessoa. Ela disse que sim, e nós passamos a noite com nossos amigos, secretamente bebendo e rindo a noite inteira.

Não, porra. Eu não podia perdê-la.

Eu jamais poderia dizer a ela o que tinha acontecido na noite passada.

Não poderia sentar na frente dela e contar a verdade, não se ela não se lembrasse. Se ela tivesse realmente esquecido do desastre, então seria bom para ela. Eu gostaria de poder.

Queria poder apagar a memória do que havíamos feito. Não saber que isso aconteceu era definitivamente preferível.

Sim.

Era assim tão simples. A noite passada tinha que permanecer em segredo.

A todo custo.

— Se mantivesse sua geladeira devidamente abastecida, não precisaria invadir a minha. — Aspen sacudiu seu cabelo castanho claro por



cima do ombro. Era uma confusão de caracóis e lisos, e eu sabia que ela tinha ido para a cama com o cabelo molhado.

— Eu só não fui ao supermercado ainda, — eu disse, pegando o cream cheese de sua geladeira. — Você tem bagels?

— Sim. Você sequer tem pão?

— Pode não ser comestível, mas eu tenho alguns. — Eu não tinha certeza. Talvez eu tenha, talvez não. — Posso comer um bagel?

— Não há nenhum sentido em responder a essa pergunta. — Ela tirou sua xícara de café de debaixo da máquina e pegou o leite do balcão. — Você vai levar dois, não importa o que eu diga.

Rindo, peguei o pacote de bagels e tirei dois. — Pelo menos não estou pedindo para você fazê-los para mim.

— Sim, bem, você vai limpar sua bagunça.

— Eu tenho que estar no trabalho em uma hora!

— Luke. — Ela virou-se e me encarou com seus olhos cor de mel. — Se você não pode preparar, comer, e limpar depois, e ir trabalhar em uma hora, então você precisa voltar a morar com a sua mãe.

— Dispensio. — Eu corto os bagels ao meio. — Não enquanto minha avó estiver morando lá.

Aspen estremeceu. — Eu não gostaria de morar com ela também.

— Por quê? Porque ela te forçará a beber tequila?

— Eu já tomei tequila suficiente para durar a vida toda, — ela respondeu brevemente.

— Até o seu aniversário na próxima semana.

— Eu não vou beber no meu aniversário. Serei uma adulta responsável, ficarei em casa e assistirei a um filme.

— Você já disse isso a Blaire?



Ela fez uma pausa. — Não, mas...

Eu ri, colocando um bagel na torradeira. — Por favor, deixe-me estar lá quando você contar.

— Sabe, eu posso impedi-lo de vir aqui e comer minha comida a hora que eu quiser.

— Eu tenho uma chave reserva.

— Vou mudar a fechadura.

— E você vai me dar outra chave porque você perde praticamente tudo que é menor do que o seu celular. Não que seu telefone esteja seguro de se perder...

— Uma vez, Luke. Uma vez.

— Talvez uma vez por mês.

— Já chega. — Ela veio na minha direção e tirou o meu bagel recém-saído da torradeira antes que eu pudesse pegá-lo. — Isso é meu. Obrigada por me fazer o café da manhã.

Olhei feio para ela, mas ela me ignorou, escolhendo pegar o cream cheese e espalhar uma espessa camada de um lado do bagel. Ela o levantou, em seguida, mordeu, sorrindo para mim com uma mancha de queijo em sua bochecha.

— Você até come como uma criança de dois anos de idade, — eu disse, colocando o outro bagel dentro.

— E você come como um menino de quinze anos de idade eternamente na puberdade, — ela retrucou. — E você me custou uma fortuna. Não é de admirar que você tenha mais dinheiro do que eu. Você come tudo que é meu.

Infelizmente exato. — É assim que funciona quando se são melhores amigos. Eu como todo o seu dinheiro e depois você bebe o meu.



— Não mais. Estou parando de beber.

— Claro que você está, Asp. Assim como você parou depois do seu vigésimo primeiro aniversário.

— Oh, meu Deus, eu certamente parei de beber.

Engasguei com o meu café. — Por duas semanas!

— Eu ainda parei!— Ela riu, finalmente, limpando o queijo do rosto. — Só porque comecei de novo não significa que não parei. Mas desta vez é sério. Acho que ainda estou de ressaca do sábado. Eu não posso mais fazer isso. Estou ficando velha demais para isso.

Desta vez, eu consegui pegar meu maldito bagel antes dela pegar. — Você vai fazer vinte e cinco, não setenta e cinco.

— Isso é um quarto de século. Supondo que eu não viva nem cem, já vivi mais de um quarto da minha vida.

— Você não vai chegar aos vinte e cinco se não parar com essa merda.

— Você nunca poderia me matar. Você me ama demais.

A mordida do bagel que eu acabei de dar foi direto para a parte de trás da minha boca, bloqueando minha garganta. Eu engasguei, batendo meu punho contra o peito. Estava realmente bem enroscado, e a próxima coisa que senti foi uma pancada enorme entre as minhas omoplatas.

O pedaço de bagel preso saiu na minha mão e o joguei na pia.

— Se vai morrer, você poderia não fazer isso no meu apartamento? Não acho que meu seguro cobre meu melhor amigo se sufocando até a morte. — Aspen apertou meu braço. — E quando você puder respirar de novo, por favor, remova a sua comida cusvida da minha pia.

— É tão bom ver que você se importa tanto comigo, — eu disse devagar, pegando a garrafa de água que ela ofereceu.



— Acabei de salvar sua vida. Não foi Gasparzinho, o Fantasma da Camarada, que te socou nas costas.

— Você me deu um soco nas costas?

— Bem, você se socando no peito não estava funcionando. Imaginei que se nós dois fizéssemos isso ao mesmo tempo, o ar em seu corpo iria empurrar a comida para fora. — Ela encolheu os ombros e se apoiou no balcão, segurando seu café. — Funcionou, não foi?

Balancei a cabeça, corrigindo minha postura. — Ou você poderia ter feito a manobra de Heimlich².

Aspen revirou os olhos. — A coisa certa a dizer é ‘obrigado por salvar minha vida’.

— Obrigado por salvar minha vida, — eu respondi, sorrindo.

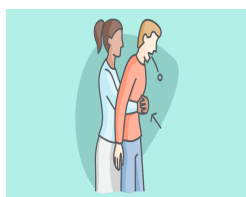
Ela olhou para mim até que eu a puxei para um abraço de um braço. Ela endureceu, apenas relaxando quando a soltei, mas considerando que ela estava em um péssimo humor desde que eu apareci esta manhã...

— Eu deveria ir, — disse, afastando-me dela. — Antes de quase me matar de novo. Eu odiaria ser um problema com sua companhia de seguros.

Ela bufou. — Mais como o seu ego não poderia sobreviver se eu tiver que salvar sua bunda novamente.

— Ah, quão bem você me conhece. — Eu pisquei e enfiei meu telefone no bolso. — Quando você começa a trabalhar?

— Quatro. Você vai passar por aqui?



— Provavelmente. Acho que Justin tem uma queda por você.

Ela franziu o rosto e me empurrou. — Pegue sua comida cuspida na minha pia e guarde suas bobagens pra você.

Eu ri, pegando a comida com que eu tinha me engasgado, e me certifiquei de jogar no lixo quando saí pela porta.

Algo quebrou, e o som de Aspen amaldiçoando com palavrões me seguiu enquanto eu me afastava.

Cara, ela estava com um humor terrível.



Capítulo 4

Aspen

Foda-se, tia Flo

Eu joguei o pano do bar com um bufo. O bar estava aberto há quarenta e cinco minutos, e eu já tive que dispersar uma briga e expulsar uma pessoa antes de outra começar.

Eram quatro e quarenta e cinco.

Isso mesmo. Claramente, algumas pessoas estavam cumprindo a regra de que eram cinco horas em algum lugar. Não me entenda mal, essa era a minha regra favorita. Acreditava que todos deveriam desfrutar de “São Cinco Horas Em Algum Lugar” em algum momento da sua vida.

Mas esse dia não foi o primeiro dia da minha menstruação.

Não, senhor. Hoje não era o dia de foder comigo. Meus hormônios estavam enfurecidos, eu estava sangrando mais do que qualquer humano deveria ser capaz sem desmaiar, e meu útero tinha um Wolverine em miniatura dentro dele tentando sair.

E tia Flo, a cadela furiosa, me pegou de surpresa, dez minutos depois do meu turno.

Eu deveria saber. Fiquei mal humorada o dia todo, especialmente esta manhã. Embora atribua isso ao fato de Luke estar comendo minha comida, e eu queria comer minha comida. Toda. Sozinha. No meio da minha casa e sem calças.



Sim. Isso realmente deveria ter sido meu primeiro indício de que a tia não desejada estava fazendo uma visita.

Normalmente, considerando que este era o Texas, fui a primeira pessoa a reclamar por ser obrigada a usar calças pretas para trabalhar atrás do bar. Hoje fiquei agradecida.

Calça preta escondia uma diversidade de pecados.

Como absorventes desconfortavelmente grandes da máquina de vendas do banheiro feminino.

Fiquei de olho no relógio enquanto se aproximava das cinco horas. Não só estava esperando que Blaire salvasse minha pele e deixasse um absorvente interno quando vinha do escritório de advocacia em que ela trabalhava, mas também estava esperando Luke e seu bando de pedreiros alegres arrastarem a poeira deles por todo o meu chão limpo.

E seu amigo estúpido, Justin, que era mais apalpador do que uma criança com uma mão no pote de biscoitos. Eu não me importava se ele tinha uma queda por mim. Suspeitava que tinha faz tempo, mas ele também era um idiota, e já tinha saído mais do que suficiente com eles no ensino médio.

E na faculdade.

E desde então.

E havia mais do que o suficiente desses mandando fotos de pau em aplicativos de namoro.

Mas estou divagando.

Acenei um tchau para o Sr. Gomez, que vinha regularmente às quatro e quinze em ponto todos os dias. Ele trabalhava na loja de surf na praia que ficava a poucos passos do bar. Ele morava a alguns quarteirões



daqui, então todos os dias ele entrava, comprava um gim-tônica duplo em um copo grande e lia o jornal.

Essa era a parte divertida de onde eu trabalhava. Era o ponto de encontro perfeito para os regulares, turistas e aqueles que paravam para uma noite fora de vez em quando.

Quer dizer, a vida noturna não estava exatamente bombando em Port Wynne, Texas.

A única coisa que estava era a comida mexicana, e isso porque a avó de Luke era Gordon Ramsey³ do México.

Completa, com todas as outras palavras sendo um palavrão.

Ela era ao mesmo tempo adorável e extremamente aterrorizante.

Respirei fundo quando as portas do bar se abriram, e cinco jovens homens altos e musculosos entraram. Luke Taylor foi o primeiro, com os outros quatro ao seu lado como se fossem ridículos garotos de banda aparecendo no palco para um show ou algo assim.

One Direction, morra de inveja.

Bem, eles morreriam se ainda fosse uma banda.

O rosto de Luke se iluminou assim que me viu, e ele sorriu largamente, seus brilhantes olhos azuis cintilando. — Ei. Como foi o seu dia?

Ótimo. Comecei a sangrar da minha vagina, eu não tenho chocolate aqui, e agora tenho que lidar com seus amigos aqui.

— Além de ter que separar uma briga e expulsar alguém com a ajuda do Sr. Gomez, ótimo, — eu respondi. — Seu?

³ Gordon James Ramsay OBE, é um chef de cozinha, autor e personalidade televisiva britânico nascido na Escócia.



— Bem, Sean resistiu ao desejo de assobiar para mulheres aleatórias hoje depois que o chefe o sufocou em suas próprias bolas, então não foi ruim. — Seus olhos brilharam um pouco mais.

— Vocês querem o de sempre?— Examinei Luke e seus colegas de trabalho.

Cinco acenos me responderam.

— O de sempre vem com seu número?— Justin perguntou quando eu me virei e peguei dois copos da prateleira.

Coloquei os dois copos no bar, em seguida, me abaixei e peguei minha sapatilha preta do meu pé e levantei. — Não, mas vem com isso na parte de trás da sua cabeça, se você não se comportar.

Ele riu. — Uau, acalme-se. Você está na TPM ou algo assim?

Meu sapato bateu no chão de azulejos quando o soltei. Ergui os olhos para ele, meu olhar encarando seu olhar arrogante e convencido. — Sinto muito, eu não estava ciente de que o estado atual do meu útero era da sua conta.

— Justin, — Luke alertou. — Deixe-a em paz.

Então, Blaire apareceu atrás de Justin e bateu na parte de trás de sua cabeça com um *baque* retumbante.

— Merda!— Justin se abaixou, esfregando a cabeça enquanto se virava. — Por que fez isso?

— Se você não sabe, então eu tenho outro para você. — Ela contorceu os dedos com um olhar sombrio e se virou para mim. — Você quer que eu o expulse? Ele é todo musculoso e não tem força como esses garotos bonitos no Instagram.

Justin se irritou. — Quer que te prove que você está errada?



— Rapaz, tente provar que estou errada, e você vai encontrar meu salto tão fundo na sua bunda que os médicos vão demorar uma semana para extraí-lo. — Ela empurrou o lado da cabeça dele. — Agora cale a boca antes que te obrigue.

Como se ele tivesse a chance de provar que ela estava errada. Blaire era alegremente audaciosa e tem sido assim por dois anos. Ela era apenas um pouco excêntrica.

Eu lhe dei um sorriso agradecido, depois um para Luke, e trouxe suas cervejas. Eles conversaram entre si enquanto eu fazia isso, e peguei dinheiro de cada um deles para pagar suas bebidas.

Quando foram servidos, Blaire acenou para mim ao lado e discretamente me entregou uma pequena bolsa de tecido coberta com unicórnios.

— Obrigada, — sussurrei, apertando a mão dela. — Você acabou de salvar minha vida.

— E de Justin. — Ela sorriu.

— E de Justin, — eu concordei. — Você vai para a casa de Tom?

Ela assentiu. — Ele finalmente voltou de Michigan. Envie uma mensagem se precisar de alguma coisa, ok?

— Certo. Obrigada. — Eu a abracei rapidamente e retomei meu lugar atrás do bar. Enfieei a pequena bolsa embaixo do balcão, ignorando o questionador levantamento de sobrancelhas de Luke. — Então, Mack, como está Daisy?

O novo pai sorriu largamente. — Mantendo-me acordado toda maldita noite e toda bonita enquanto faz isso.

— Dominado por um bebê de três semanas, — Justin murmurou.



Blaire deu um tapa na parte de trás da cabeça dele enquanto passava. — Não se preocupe, Mack, essa foi por você.

— Obrigado, B.

— A qualquer hora. — Ela sorriu e acenou enquanto saía.

— Ela é uma cadela, — Justin disse, esfregando a parte de trás de sua cabeça.

Luke olhou de lado para ele. — Talvez, se você não fosse um maldito idiota toda vez que abrisse a boca, ela não teria que eliminar cem neurônios de você todos os dias.

— Ele nunca teve tantos para começar, — interrompi. — Talvez quando nasceu, mas ele foi atingido tantas vezes que se esquece de usar os neurônios que tinha antes de abrir a boca.

Luke bufou... e Mack, Sean e Will também. Justin parecia como se eu tivesse chutado seu filhote de cachorro.

Isso era o que ele ganhava por perguntar se eu estava de TPM.

Não perguntei a ele qual era a contagem de esperma dele, não é?

Meu útero, assunto meu.

— Seria tão difícil para você ser legal comigo?— Justin me perguntou.

— Seria tão difícil para você não dar em cima de mim toda vez que estamos no mesmo espaço?— Eu retruquei antes de me mover para a jovem esperando para pedir. Servi duas taças de vinho que ela queria e adicionei à sua conta antes de voltar para os caras.

— Ela tem razão, — Luke diz. — Ela disse que não está interessada mil vezes. Se estivéssemos no ensino médio, eu estaria quebrando seu nariz por incomodá-la tanto assim.



— Você ainda deveria fazer isso. — Puxei meu copo de água debaixo do balcão. — Está no código do amigo.

— O código do amigo?— Will bufou. — Eu não sei como vocês nunca namoraram.

Engasguei com a minha água.

— Uau, — Luke disse. — A ideia é tão abominável para você?

Mostrei-lhe o dedo e abaixei o copo. — Nós nunca namoramos porque, bem, não. — Eu dei de ombros para Will. — Somos melhores amigos. Não consigo pensar em nenhuma situação em que gostaríamos de namorar um ao outro.

Mas a tequila fará com que vocês transem.

Will olhou entre nós. — Sempre pensei que vocês fodiam secretamente.

Agora, foi Justin quem tossiu em sua bebida.

Havia algo no ar hoje?

— Definitivamente não, — eu disse com firmeza. — Nunca transamos, nunca transaremos.

Exceto pela noite de sábado.

Luke sorriu e estendeu uma mão. — Você a ouviu. Além disso, não é como se ela pudesse lidar comigo.

Coloquei a mão no meu quadril e o inclinei. — Eu não poderia lidar com você? Quem você pensa que é? Alguma estrela pornô?

— Talvez eu seja.

— Luke, você quase se matou com a boca cheia de bagel esta manhã. Você dificilmente vai me impressionar na cama se não pode nem comer um bagel sem engasgar. — *Ou, você sabe, digo, de um modo geral, aparentemente...*



— Engasgar com um bagel e fazer sexo são duas coisas diferentes,
— ele disse.

Eu bufei e coloquei meu copo de volta sob o balcão. — Eu deveria muito bem esperar que sim. Se não, tenho muitas perguntas.

— Sim, — Justin disse. — A única coisa que você deveria se engasgar é...

— Termine essa frase, e você engasgará com meu punho, — digo para ele rispidamente, apontando o dedo para seu rosto. — Atreva-se.

Justin não disse nada, em vez disso, me mostrou o dedo do meio e desapareceu nos banheiros.

Mack sorriu. — É sempre um prazer vê-lo calar a boca.

— É mais um prazer vê-lo sair, — eu murmurei, pegando um pano e limpando do outro lado do balcão.

Todos eles riram.

Pelo menos não estávamos mais falando de eu ter relações sexuais com Luke.

— Tudo bem, pergunta, — Sean disse, inclinando-se para frente no balcão. Ele era mais magro que seus amigos, mas seus braços ainda eram tão tonificados quanto os deles. — Se você tivesse que escolher agora entre mim, Will e Luke, quem você levaria para casa?

Eu parei. Que diabos de pergunta era essa? — Estou muito sóbria para verdade ou desafio.

— Você não estava desistindo de beber? — Luke sorriu.

— Estava até vocês entrarem aqui, — respondi. — Vocês levariam freiras a beber.

— Considerarei isso um triunfo pessoal. — Os olhos castanhos de Will brilhavam de riso. — Bem, quem você escolheria?



Nem precisei pensar sobre isso. — Mack.

— Mack não era uma opção.

— Eu sei disso, mas ele traria Daisy, então eu abraçaria o bebê. — Dei de ombros. — Luke iria comer toda a minha comida como ele sempre faz. Sean, você tentaria me ver no chuveiro, e Will, não leve a mal, mas eu não sou do tipo loira.

Ele riu. — Eu sei disso. Honestamente, Daisy à parte, achei que você escolheria Luke.

— Eu também, — Sean concordou. — Tanto quanto me mata.

Revirei meus olhos. — Por favor. Ele já se convida para o meu apartamento e come toda a minha comida. Não importa se eu o levaria para casa ou não... ele aparece sempre que quiser.

— É por isso que pensei que você iria escolhê-lo. — Will encolheu os ombros. — Vocês estão a meio caminho de namorar. Tem certeza de que não se beijaram?

Sim. Beijamos. Muito.

Levantei as sobrancelhas e, com um pequeno bufo, olhei para Luke. Sua expressão era tão incrédula quanto a minha, exceto que seus lábios estavam curvados para um lado com o menor indício de diversão com a sugestão. — Certeza absoluta de que nunca nos beijamos, — eu menti suavemente.

Luke assentiu. — Nem uma única vez. Bem, houve aquele quase beijo desajeitado no baile, mas isso foi a idiota aqui virando a cabeça dela da maneira errada para as fotos.

— Eu? Você se mexeu também! — Apontei meu dedo para ele do outro lado do balcão. — Foi um acidente bizarro e tecnicamente não é um beijo. Pare de dizer que foi.



— Seus lábios tocaram?— Sean perguntou, olhando entre nós.

— Não.

— Sim.

Olhei feio para Luke. — Eles não tocaram!

Ele levantou as mãos. — Apenas dizendo como eu me lembro.

— Mais como você sonhou. — Mostrei a língua para ele e caminhei até onde o Sr. e a Sra. Sanderson estavam esperando.

Eles vinham todas as noites como um relógio, para dois copos de Merlot cada.

Eu os servi seu primeiro e anotei na conta, em seguida, mais uma vez, voltei para os caras. — Justin ainda não voltou?

— Não, você provavelmente machucou o ego dele um pouco demais desta vez. — Luke encolheu os ombros.

— Ainda bem, — Sean acrescentou. — Dessa forma, ele não teve que ouvir sobre vocês se beijando.

— Nós não nos beijamos!— Apontei meu dedo para ele, então lentamente movi de um lado para o outro até que apontei para todos os quatro. — Entenderam?

— Quem não beijou?— Justin voltou naquele momento.

— Ninguém, — Mack disse rapidamente, piscando para mim. — Está indo embora?

Ele assentiu, tomando dois grandes goles de cerveja até que estivesse quase vazio. — Savannah ligou.

— Quem é Savannah? — Perguntei.

Justin voltou sua atenção para mim. — Por quê? Está com ciúmes?

— Mais verde do que um campo de grama no meio do verão, — respondi secamente.



— Ela é sua amiga de foda. — Os lábios de Luke se contraíram. — Não é exatamente algo para ficar com ciúmes.

— Pelo menos eu tenho uma amiga de foda, — Justin falou de forma arrastada, colocando o casaco.

— Sim, é o que eu quero, — Luke respondeu. — Uma amiga de foda. Alguém que vai ligar e me usar quando tiver vontade de transar.

— Você diz isso como se fosse uma coisa ruim. — Justin sorriu e, com um aceno de despedida, partiu.

Balancei a cabeça e peguei o copo dele. — Eu não sei como vocês o aguentam.

— Ele não está errado. — Will riu. — Eu ficaria com uma amiga de foda. Ei, Aspen, você está vendo alguém?

— Você vai ver o criador se continuar com essa porcaria, William. — Eu ri enquanto colocava o copo sujo na bandeja debaixo do balcão para levar para trás. — Não admira que Mack seja o único de vocês com uma namorada. Ele é o único com um osso meio decente em seu corpo.

— Sim, não se lembra daquela vez que dei em cima de você antes de conhecê-la? — Mack perguntou com uma risada.

— Sim, mas você disse, por favor. Esses idiotas apenas tomam como certo que eu vou namorá-los.

Luke ofegou de brincadeira, tocando sua mão em seu peito bem quando eu me virei. — Eu nunca fiz uma coisa dessas.

Segurei a borda do balcão e, inclinando-me para frente, torci meus lábios em um meio sorriso. — Você não precisa. Você tem como certo que eu sempre terei comida na minha cozinha.

— E ainda assim, você ainda vai fazer compras. — Ele estendeu as mãos para os lados.



— Se ela não fizesse você iria morrer de fome, seu bastardo preguiçoso. — Sean riu, fazendo com que os outros rapazes também rissem.

— Não, eu chamaria Abuelita e a levaria para cozinhar para mim. — Luke sorriu.

— Então você pesaria cento e trinta quilos em um ano, — eu o lembrei. — Ela alimentaria toda a população desabrigada dos Estados Unidos se alguém lhe desse acesso a uma cozinha grande o suficiente.

— E pessoas qualificadas o suficiente, — Will acrescentou. — Lembro-me que uma vez, quando tínhamos quinze anos, perguntei se ela precisava de ajuda na cozinha. Ela me disse em termos inequívocos que, se eu não falasse espanhol, eu precisava dar o fora da cozinha imediatamente.

Quase engasguei com a minha água. — Já passei por isso. Ninguém oferece ajuda a Maria Lòpez, a menos que ela lhe peça primeiro.

— E mesmo assim, você verifica se ela quer ajuda. — Luke balançou a cabeça. — Ainda assim, ela cozinhará três refeições por dia para mim se eu pedisse a ela.

— O menino da vovó. — Sorri e peguei dois copos vazios de vinho do balcão, dando tchau para o casal a quem eles pertenciam.

— Tanto faz. Você não reclama quando ela me manda para sua casa com recipientes cheios de comida.

— Obviamente não. A comida dela tem gosto de mágica. Vou pegar toda a comida que eu puder conseguir dela. — Coloquei os copos sujos na bandeja e, depois de deslizar rapidamente no balcão, peguei o copo vazio de Will para reenchê-lo. — Na verdade, me trazer a comida dela é o



mínimo que você pode fazer depois da quantidade da minha que você come.

Ele moveu a mão como se dissesse que eu estava falando demais e murmurou baixinho como quando éramos crianças.

Atirei-lhe um olhar enquanto deslizava para Will sua cerveja.

Luke suspirou. — Bem. Vou ligar para ela e dizer que comi toda a sua comida novamente.

Eu sorri abertamente. — Droga, claro que vai.



Capítulo 5

Aspen

Não vamos falar sobre isso

Terça.

Três dias depois do pior sexo de todos os tempos, e Blaire não calava a boca. Ela ainda não conseguia entender por que eu não queria falar sobre isso com Luke, e eu estava *tão perto* de bloquear seu número.

Não ia acontecer. Tão simples quanto isso.

Se os últimos três dias me mostraram alguma coisa, foi que nossa amizade poderia seguir em frente normalmente. A noite de sábado não havia sido mencionada, nem sequer referida por ninguém.

O que aconteceu entre nós acabou. Estava no passado. E, por alguma razão estranha, nada havia mudado entre nós. Tenho certeza de que seria diferente se Luke se lembrasse, mas eu não iria arriscar nada dizendo isso a ele.

Quero dizer, fala sério.

Não vai fazer nenhum bem dizer ao meu melhor amigo que ele é o pior cara com quem eu já dormi.

E sim, eu tinha certeza que a tequila também ajudou, mas eu não queria saber como seria fazer sexo com ele enquanto estivesse sóbria.

Tinha certeza que não queria.

Na maioria das vezes.

Eu acho.



Tudo bem, eu queria saber. Eu era uma pessoa curiosa. Gostava de ter respostas, e por isso nunca consegui me tornar uma física. Havia muitas perguntas e respostas insuficientes.

Além disso, eu era ruim em ciência.

Agora mesmo, para mim, 'Como era Luke na cama quando sóbrio?' estava bem no alto com 'Aliens existem?'

Desgraçado. Maldito seja ele por estar tão bêbado que não conseguia se lembrar. Maldita seja eu por não estar bêbada o suficiente para esquecer.

Se ele se lembrasse, se pudéssemos conversar livremente sobre isso, talvez a coisa real fosse uma possibilidade.

Você sabe. Pelo propósito da ciência. E curiosidade.

Principalmente curiosidade.

Totalmente curiosidade.

Droga. Eu não deveria estar pensando nessas coisas. Luke era meu melhor amigo... não uma aventura estranha. Eu deveria estar me perguntando quando ele traria as enchiladas e quesadillas que sua avó prometeu que faria.

Eu deveria me perguntar se ele assistiria outra rodada de reprises de *The Big Bang Theory* durante o jantar... Ou se era aceitável pedir a ele que me trouxesse chocolate e absorventes internos.

O chocolate? Com certeza. Os absorventes internos?

Ehhhhh.

Eu não tinha certeza disso. Isso era normal?

Não que isso realmente importasse. Eu estava quase sem opções.

Eu não tinha absorventes internos.

Sem absorventes externos.



E estava sentada no vaso sanitário.

Era por isso que eu estava pensando na possibilidade de dormir com meu melhor amigo sem estar sob a influência da tequila.

Hormônios. Eles eram filhos da puta exigentes.

Também precisavam calar suas malditas bocas.

Viu? Hormônios. Problema.

Agh. A menos que eu quisesse correr metade da cidade com papel higiênico preso entre as pernas, eu não tinha escolha. Blaire estava no trabalho e meus pais estavam visitando amigos em Austin.

Eu tinha que enviar uma mensagem para Luke.

Suspirei e peguei meu telefone do tapete.

Eu: DEFCON 5 DE EMERGÊNCIA

O que eu poderia dizer? Drama era meu amigo e Luke me amava por isso. Isso e minha geladeira cheia.

Luke: Quem eu preciso matar?

Eu: Por que você sempre acha que precisa matar alguém?

Luke: Você é uma vadia mal-humorada esta semana, e há um Defcon 5 de emergência. Dois e dois são quatro.

Eu: Você não precisa matar ninguém.

Luke: Ok, eu vou pegar minha pá para enterrar o corpo.



Eu bufei.

Nada que uma garota deva fazer enquanto estiver menstruada e sentada no vaso sanitário.

Os corpos eram nojentos.

Cerrei minhas pernas o máximo que pude, tentando ignorar o espirro vaginal que provava que eu não tinha como deixar meu banheiro até ter produtos higiênicos apropriados.

Eu: Sem corpos. Talvez o seu se você não me trouxer a comida de Abuelita logo.

Luke: Vou ligar para ela. Esse era o Defcon 5?

Eu: Não.

Luke: Então o que você quer?

Eu: Estou sem absorventes internos.

Silêncio.

Luke: E o que diabos você quer que eu faça?

Eu: Estou sem absorventes. E estou sentada no banheiro.



Luke: Você não disse uma vez a Blaire que seus absorventes reservas precisavam ser substituídos?

Eu: Sim. Eu usei os reservas. Ajude-me.

Luke: Eu não fui feito para comprar absorventes. Isso não está bem.

Eu: MEU DEUS POR FAVOOOORRRR

Eu: EU PRECISO DELES

Eu: EU VOU CHORAR

Luke: Você não vai chorar por causa de absorventes.

Verdade. Eu não ia. Mas eu estava começando a ter formigamento em minhas pernas por tanto tempo sentada no vaso sanitário, e isso me faria chorar.

Eu: Por favor. Eu prometo não reclamar com você por comer minha comida por uma semana inteira.

Luke: Minha nossa, seja mais generosa, Asp.

Eu: Por favor. Por favor. Por favor. Por favor.



Luke: Estou suspirando para você agora. Você tem sorte de eu estar no meu horário de almoço.

Eu: Eu até pago pelo seu almoço.

Luke: Você me fará o almoço pelo meu inevitável constrangimento. O que eu preciso comprar?

Peguei a caixa vazia de absorventes internos e tirei uma foto, em seguida, anexe à outra mensagem e enviei.

Luke: E se não tiverem esses?

Eu: Lide com isso quando chegar lá. Agora, estou sangrando enquanto você discute semântica.

Luke: Se você estivesse sangrando, minha vida seria muito mais pacífica.

Eu: Vou cuspir no seu sanduíche.

Luke: Saindo agora. Me dê 10 minutos.

O caminho para o coração de um homem era definitivamente através de seu estômago.

Funcionava bem para conseguir tudo à sua maneira também.



Se alguém tivesse dito isso quando era adolescente, esses anos teriam sido muito mais fáceis.

— Aspen?— O grito de Luke chegou até mim no banheiro.

— No banheiro!

— Ainda? Você está cagando a maior merda do mundo?

— Não, eu estou salvando o planeta ao sangrar diretamente no vaso sanitário!— Eu gritei. — Entre aqui e me dê os malditos absorventes!

Houve uma pequena batida na porta, então nada. — Você quer que eu entre aí? Por que você não pode vir e pegar?

— Se eu tiver que repetir sobre o sangramento novamente...

— Não! Não! Já chega disso! — Ele disse rapidamente. — Você está coberta? Pela, você sabe, sua dignidade.

— Minha dignidade foi à merda quando fui pega quase transando com Simon Jones no banco de trás de seu carro, — eu o lembrei. — Espere. — Estendi a mão para o toalheiro e puxei uma toalha, em seguida, usei-a para cobrir o meu corpo. — OK. Entre.

A maçaneta da porta rangeu. Lentamente, a porta se abriu e o rosto de Luke apareceu. Bem, a cabeça dele apareceu. Seu rosto estava escondido atrás de sua mão.

— Sério. Eu não estou aqui fazendo uma dança de bruxa. Me dê os malditos absorventes.

Ele separou os dedos e espiou por eles. — Obrigado. Eu não preciso ver isso.



Revirei os olhos e peguei a caixa dele. — É menstruação, não um massacre.

— Então, por que o Defcon cinco?

— Porque se você não trouxesse os absorventes, seria *seu* massacre. — Sorri e apertei a toalha com mais força. — Agora, saia daqui. Estarei aí em um segundo para alimentar sua bunda gorda.

Ele riu, correndo para fora do banheiro mais rápido do que eu já o tinha visto correr antes.

A porta se fechou atrás dele, bateu, na verdade, e eu dei um suspiro de alívio quando abri a caixa.

Graças a Deus.

Alguns minutos depois, tudo estava certo de novo no meu mundo, se você não contasse o fato de que minhas pernas estavam meio mortas por causa de uma quantidade ridícula de tempo gasto no banheiro.

— Você lavou as mãos, certo?— Luke me olhou quando eu me juntei a ele na cozinha.

— Não, — eu disse devagar. — Tenho o hábito de inserir coisas na minha vagina e não lavar as mãos depois.

— Eu posso fazer meu próprio sanduíche. — Ele se moveu para passar por mim.

Eu o cutuquei com o cotovelo. — Sente-se. Eu vou fazer um sanduíche para você. Obrigada, a propósito. Obrigada mesmo.

Ele grunhiu e sentou-se na ilha. — Você deveria. Isso foi um pesadelo. Alguma vez você já entrou em uma loja e teve que perguntar onde fica a seção das mulheres?

Eu parei, apertei a porta da geladeira e me virei para ele. Eu simplesmente pisquei. Eu não ia me dar ao trabalho de responder isso.



— Precisou de três pessoas, antes de uma pobre mulher no balcão de atendimento ao cliente ter pena de mim e me levasse até o corredor do absorvente, — ele continuou, alheio ao meu olhar mortal. — Ela pairou sobre mim por um segundo, e eu comecei a suar, Aspen. Suar.

Mordi o lábio e tirei os ingredientes para o sanduíche na mesa da ilha.

— Quase deixei cair o telefone tentando encontrar a foto que você me enviou, e quando eu finalmente encontrei, eu estava tão confuso que fiquei parado lá como um maldito pato por cinco minutos antes de ela voltar para me ajudar como soubesse que eu era um idiota total.

Era errado que eu estivesse mais entretida com isso do que com qualquer outra coisa? Uma parte de mim me disse que eu deveria me sentir mal, mas...

— Sabia que existem toneladas dessas coisas? As caixas são todas diferentes. Existem marcas diferentes. Tamanhos diferentes. Diferentes... níveis de absorção. — Ele estremeceu, seus ombros largos e musculosos tremendo com seu pensamento aterrorizante. — Para fluxos e outras coisas.

— Compro lá regularmente. Estou ciente.

— Não tão regularmente, se você me enviou para comprá-los, — ele murmurou. — De qualquer forma, a simpática senhora que estava tentando se esforçar para não rir do idiota no corredor de produtos higiênicos, me perguntou para quem eu estava comprando. Minha mãe, minha irmã, minha namorada...

Eu cortei a alface.

— Quando eu disse a ela que era para minha melhor amiga, ela me olhou de forma estranha por um minuto antes de concordar. Então, ela



me arrastou pelo corredor para a seção de doce e me disse que Alcaçuz Twizzlers combinaria bem com absorventes internos. Eu estava tão confuso que não a questioneei, então aqui. — Ele levantou uma pequena sacola do banco ao lado dele e a jogou na minha direção. — Você é a orgulhosa proprietária de oito pacotes de Twizzlers.

— Oooh, Twizzlers! — Larguei a faca e mergulhei no saco, retirando todos os longos pacotes vermelhos. — Isso é como o céu!

— Cara. — Luke se inclinou para frente e estendeu as mãos. — Meu sanduíche?

— Nossa, quem está no ciclo menstrual? Você ou eu? — Pousei o doce e voltei a fazer seu sanduíche. — Você deveria ter guardado os Twizzlers até depois que conseguisse sua comida.

— Erro de principiante. — Ele balançou a cabeça. — Por favor, nunca me peça para comprar seus absorventes novamente. Não tenho certeza se meu ego ou reputação podem aguentar isso.

— Sua reputação foi à merda no seu vigésimo primeiro aniversário quando você abaixou as calças ao prefeito na praça da cidade, — o lembrei.

— E não tenho feito isso desde então, — ele respondeu. — Minhas calças agora permanecem firmemente vestidas quando eu bebo.

Exceto pela noite de sábado.

Eu limpei a garganta, focando no tomate que eu estava cortando. — Sim, bem, acho que é o melhor para todos.

— Não é minha culpa. Eu não usava calças em casa até os oito anos. Isso é culpa dos meus pais. Estou programado para ficar sem calças.

— Existe sem calça; depois existe a nudez. — Eu juntei o sanduíche e cortei em dois. — Eu tenho certeza que teria havido muito menos



indignação dos aposentados jogando bingo naquela noite se você tivesse deixado sua cueca. — Coloquei o sanduíche em um prato e entreguei a ele.

— A Sra. Cortez não consegue me olhar nos olhos desde então.

— Sim, bem, ela viu mais de um dos seus olhos naquela noite. — Peguei o pano e limpei a ilha. — Acho que *eu* ainda estou traumatizada por aquela noite, nem imagine a pobre senhora Cortez.

— Pobre Sra. Cortez que nada, — ele disse com a boca cheia de comida. — No dia seguinte, ela apareceu na minha casa, contou a Abuelita o que eu tinha feito, e ela me bateu com o chinelo por dez minutos seguidos. Acho que tenho uma cicatriz na coxa do ataque dela.

— Funcionou, no entanto. Ela tirou seu desejo de mostrar sua bunda em público no tapa.

Agora, você só faz isso em particular. Para a sua melhor amiga. Aham.

— Prefiro pensar que eu superei esse desejo. — Ele levantou uma sobancelha e abaixou o sanduíche para pegar uma garrafa de água da geladeira. — Soa melhor para as futuras namoradas do que ‘minha avó mexicana maluca bateu na minha bunda com o sapato’.

— Futuras namoradas? Você tem muitas dessas?

— Não, mas é irrelevante.

— Não é, mas se faz você se sentir melhor, acredite nisso. — Joguei o pano sujo na pia e me inclinei contra o balcão. — Você sabe que Abuelita vai dizer a todos o que ela fez de todo modo.

— Sim, mas nessa altura, eu terei encantado qualquer namorada em potencial, e ela estará totalmente apaixonada por mim, então não vai importar.



— Claramente, seu ego não está tão danificado assim.

— Eu sou encantador pra caralho. Admita.

— Luke, você é tão encantador quanto uma intoxicação alimentar no dia do seu casamento.

— Você me feriu. Como eu mantive você por perto todo esse tempo?

— Bem, — eu disse, inclinando a cabeça para o lado. — Quer que eu comece com a parte da comida? Ou o fato de eu conhecer todos os seus segredos?

Ele tamborilou os dedos na bancada, franzindo a testa. — Eu provavelmente deveria escolher a coisa dos segredos, mas é mais provável que seja a comida.

Balancei a cabeça. — Você é maluco.

— Eu sei. Acabei de comprar seus absorventes. Eu devo estar maluco.

— Você está falando muito para alguém que afirma estar com fome.

Ele respondeu isso com um sorriso e uma grande mordida em seu sanduíche. — Então, o que tem para o jantar?

— Às vezes, eu sinto que somos um casal de idosos, — eu murmurei, saindo do balcão e indo para o meu quarto. — Tranque a porta ao sair.

Sua risada profunda me seguiu mesmo quando eu fechei a porta do quarto.

Melhores amigos. Quem precisava deles?



Capítulo 6

Luke

Comida conserta tudo

Arrastei a enorme caixa de comida do porta-malas da caminhonete. Tive que colocá-la no chão para fechar o porta-malas e trancar o carro, então comecei a caminhada até o apartamento de Aspen no quarto andar.

Abuelita finalmente terminou de fazer comida suficiente para alimentar quinhentas pessoas, e eu não tinha certeza se Aspen tinha espaço em seu freezer para tudo isso. Ela chegou ao ponto de fazer os recheios de taco e congelá-los para ela.

Entendeu? Entre Aspen e minha avó, eu não tinha motivos para fazer compras. Elas me alimentariam até que eu me casasse ou morresse.

Eu provavelmente morreria primeiro. Encontrar uma mulher disposta a me alimentar como elas faziam provavelmente era uma tarefa difícil.

Não que eu não pudesse cozinhar. Eu poderia cozinhar. Você não crescia em uma família mexicana sem ser arrastado para a cozinha em uma base semirregular. Na verdade, eu era um bom cozinheiro.

Eu só não *gostava* de cozinhar.

Então eu não cozinava. A menos que fosse absolutamente necessário.

Isso raramente era necessário.



Cheguei ao andar de Aspen e chutei a porta algumas vezes em vez de bater. Eu não podia bater, já que tinha uma quantidade de comida digna de restaurante na caixa que estava segurando.

A porta se abriu. Como já eram quase oito da noite e ela trabalhava no turno da tarde e do começo da noite, não fiquei surpreso ao ver Aspen com esse aspecto.

Sem maquiagem. Cabelo torcido de modo bagunçado no topo de sua cabeça com mechas emoldurando seu rosto. Short desbotado coberto com a bandeira americana. Uma velha regata com molho da fatia de pizza que ela estava segurando. E sem sutiã.

Definitivamente sem sutiã.

— E aí?— Ela disse com a boca cheia de pizza. — O que é isso?

— Abuelita manteve sua promessa. É comida.

Seus olhos se arregalaram, e ela se inclinou para olhar dentro. — Enchiladas, quesadilla... oh meu deus, isso é recheio de taco? E nachos caseiros?

— Sim, e eles são pesados pra caralho, então você pode se mover?

Ela pulou para o lado, abrindo caminho para eu entrar.

Levei a caixa para dentro e dei um suspiro de alívio quando pude colocá-la na ilha da cozinha. Foda-me, isso era pesado. Se isso não provasse o meu amor por ela como melhor amigo, eu não sabia o que iria.

Talvez jantando na minha casa de vez em quando, mas não vamos exagerar.

— Você comprou pizza?

Ela colocou sua fatia de volta na caixa. — Extragrande. É como se soubesse que você viria, — ela falou sarcasticamente. — Abuelita achou que eu estava alimentando uma família de cinco pessoas?



— Não, mas ela sabia que você acabaria me alimentando com pelo menos quarenta por cento disso.

— Apenas quarenta por cento?— Ela arqueou uma sobrancelha e vasculhou os potes. — Eu posso congelar algumas dessas coisas, certo?

— Sim. Ela dividiu a caixa enquanto arrumava tudo. Este lado é para congelar, — eu disse, tocando o lado direito. — São todos recheios. Eles estão rotulados. Tacos de carne e frango, enchilada, fajita, burrito e provavelmente mais.

— Hmmmmm.

— E este lado é para comer imediatamente. — Eu bati no lado esquerdo.

Ela deu uma mordida na pizza e olhou. — Vou aquecer essas quesadillas. Você quer um pouco?

— Você está comendo pizza, Asp.

Ela pegou duas bandejas de quesadilla e olhou para mim com seus olhos cor de mel. — Você está me julgando?

— Um pouco. — Meus lábios se contraíram.

— Com base no calendário, ainda tenho um dia e meio da pior semana do mês. Portanto, estou ficando sem tempo para comer meu peso corporal a cada seis horas. Ou cala a boca, ou eu vou comer suas quesadillas também.

— Não brinque com a minha comida, mulher.

— Não brinque comigo, Luke. — Ela simulou atirar punhais em mim e colocou as quesadillas no forno para aquecer. — Então. Como foi o trabalho?

Tirei uma cerveja da geladeira e levei para o sofá. Seu sofá era a coisa mais confortável que eu já tinha colocado minha bunda. — Oh, você



quer dizer depois que você me mandou correndo pela cidade por seus absorventes? Ótimo. Passei duas horas ouvindo que fui dominado até que Julie os dominou.

Aspen zombou, pegando sua fatia de pizza meio comida e pulando na poltrona. — Você não pode ser dominado. Eu não sou sua namorada.

— Você acha que eu não disse isso?

— Acho que eles ainda estão presos no beijo que você alegou que aconteceu, que nunca aconteceu.

Ai Jesus. — Foi um beijo. Pequeno, mas ainda um.

— Nós nunca nos beijamos. — Ela balançou a cabeça, o coque em cima da cabeça balançando. — Você não pode me adicionar a esse registro.

— Não tenho um registro. Eu não tenho quatorze anos. — Fiz uma pausa. — Além disso, a ideia de me beijar é realmente tão repulsiva?

Você não estava reclamando no sábado...

Aspen suspirou, enfiando os pés sob a bunda dela. Seus olhos encontraram os meus. — Eu nunca disse que era repulsivo; apenas argumentei que isso nunca aconteceu. E, para registro, não, não acho a ideia de te beijar repulsiva. Apenas muito estranha.

— Estranha?

— Bem, sim. — Ela se mexeu levemente. — Esse não é o tipo de coisa que acontece como amigos, não é?

Levantei as sobrancelhas. — Por que não?

— Você está começando a falar como se quisesse me beijar.

— Eu chuparia um dedo do pé antes de te beijar, — eu respondi. *Mentindo com maestria.*

— Ok, não há necessidade de ser maldoso.



— Como isso foi maldoso?

— Você está certo. Não foi. Eu chuparia um dedo do pé antes de beijar você também. — Ela encolheu os ombros e lambeu o molho de pizza de seus dedos. — É estranho, não é? Tipo, nos conhecemos há vinte anos. Você pode realmente nos imaginar beijando?

Sim.

Eu posso imaginar. Exaustivamente.

Ainda assim, eu menti, balançando a cabeça. — De jeito nenhum.

— Exatamente. — Ela apontou para mim e se levantou para verificar a quesadilla.

Eu desviei o olhar, olhando para a TV. *Pesadelo na Cozinha de Gordon Ramsay* estava passando, mas a TV estava no mudo enquanto ele vasculhava o nojento freezer de um pobre bastardo.

Conversar sobre beijá-la foi demais. As lembranças de sábado ainda estavam gravadas no meu cérebro, e não importava o quanto eu tentasse me livrar delas, não conseguia.

Porque eu sabia de uma coisa, não importava quão mal aquela noite tivesse acabado, beijá-la tinha sido um maldito sonho.

E eu queria fazer isso de novo. Contra todo pensamento racional e o que eu sabia que era certo, eu queria beijá-la novamente. Queria sentir seus lábios macios nos meus. Minhas mãos no cabelo dela. Seus dedos enrolados na minha camiseta.

Porra. Estava tudo errado. Eu não tinha nenhum maldito direito de ficar aqui querendo beijar Aspen. Ela era minha melhor amiga pelo amor de Deus, eu a aborrecia comendo a comida dela, e ela me aborrecia me pedindo para fazer merda estúpida como comprar os absorventes dela.

O que eu nunca mais faria.



Nenhuma quantidade de comida poderia me mandar de volta pelo corredor psicodélico de itens higiênicos de mulheres.

Mas ainda assim... nosso relacionamento nunca foi baseado em atração. Claro, eu achava que ela era linda e sexy, mas era mais um pensamento casual do que qualquer coisa que eu já tenha focado.

Até agora.

Agora, eu não conseguia parar de olhar para ela desse jeito.

Mesmo quando parecia que ela tinha se arrastado através de um arbusto e espalhado molho de pizza na camisa.

Ela ainda era linda.

E não era só porque ela estava trazendo um prato cheio de quesadilla da minha avó para mim.

— Aqui. — Ela me entregou com um brilho nos olhos. — Porque você trouxe para mim e me poupou uma viagem... e uma lição sobre como manter um homem na minha vida.

Eu ri, pegando o prato e os talheres dela. — Ela mencionou isso quando me deu a caixa. Ela me perguntou se você já estava namorando um bom jovem mexicano.

Aspen gemeu, enfiando uma das mechas de cabelo atrás da orelha. — Por que ela insiste que meu futuro marido seja mexicano?

— Porque ela odeia os italianos? Eu não sei. Ela é mexicana. Ela acha que todo mundo deveria se casar com um mexicano na esperança de que um dia poderemos dominar o mundo.

— Não, serão os alienígenas que dominarão o mundo.

— Você sabe como ela se sente sobre alienígenas. Eles estão no topo com os Illuminati.



— Eu sei disso, mas só tenho uma compreensão muito rudimentar do espanhol. — Aspen fez uma pausa, um pedaço de quesadilla espetada em seu garfo. — Você é o único que recebe o discurso sobre teorias da conspiração.

— E é por isso que agora eu me esforço para não te chatear, — retruquei. — Porque da última vez, ela falou sobre isso por três dias.

— Ela tem alguns argumentos muito válidos.

— Você acredita nos alienígenas e nos Illuminati.

— Claro que acredito. Não há como, em um universo infinito, uma raça tão burra quanto os humanos sejam os únicos a existir, — ela disse, colocando uma almofada sob o prato. — E quanto aos Illuminati, bem, essa não é uma conversa que você deveria ter em voz alta.

Eu revirei os olhos. — Você precisa gastar menos tempo na internet.

— Pelo contrário, você precisa gastar mais. Você deveria tentar o Tumblr.

— O que há no Tumblr?

— Você está apenas provando que estou certa, Luke. Vá visitar o Tumblr. É uma mina de ouro. — Ela sorriu e pegou o controle remoto. — Como as pessoas ainda visitam restaurantes depois de assistir a esse programa? Esses lugares são nojentos.

— Isso foi um giro de cento e oitenta graus na conversa que eu não sei como lidar. — Mastiguei um pouco de quesadilla e engoli. — Para que fique registrado, eu concordo com você. Esses lugares são nojentos.

Aspen assentiu. — Contudo, ainda não consigo parar de assistir. É como um vício. Um pouco como sexo. E tequila.

Sexo e tequila. Duplamente ruim quando misturados. Eu era uma maldita autoridade nisso, afinal de contas.



— Se você diz, — eu murmurei.

Ela levantou a cabeça. — O que?

— Eu concordei com você, — eu disse rapidamente. — Eu estava comendo.

Seus olhos se estreitaram, mas ela deixou passar. Comemos em paz depois disso, sem mais menções a mexicanos, sexo ou tequila. Eu estava feliz por isso. Não queria pensar em nenhuma dessas coisas em relação à Aspen.

Levaria um tempo para superar o que aconteceu, com certeza. Eu estava feliz que não era dolorosamente estranho.

Tenho certeza que teria sido se nós dois nos lembrássemos.

Meu telefone tocou no meu bolso com uma ligação. Coloquei o prato na mesa de café na minha frente e o tirei.

Era a minha avó.

— Eu sei quem é, — Aspen murmurou, escondendo um sorriso atrás de sua mão.

— Alô?— Eu disse, segurando o telefone na minha orelha.

Um longo fluxo de espanhol explodiu no meu ouvido.

— Uau, acalme-se, — eu disse. — Fale devagar.

— Aspen gosta da comida? Ela já conheceu um bom garoto mexicano? Por que ela não me ligou? — As perguntas de Abuelita vieram como fogos de artifício no dia 4 de julho, uma após a outra.

— Você sabe. Abuelita, eu não sou a pessoa para responder isso. Deixe-me passar a ligação.

Aspen estava sacudindo a cabeça com os olhos arregalados antes que eu tivesse a chance de me mover. — Não, não, não!— Ela murmurou, agitando as mãos ao redor.



— Sim, aqui está ela!— Eu segurei o telefone com um sorriso.

Aspen o pegou, com um brilho assassino em seus olhos. Ela enfiou o telefone contra sua orelha. — Ei, Abuelita. Como você está?

Eu podia ouvir o zumbido da voz extraordinariamente alta da minha avó enquanto me recostava com um sorriso e comia o resto da minha comida.

— Sim, a comida é ótima, obrigada, — Aspen disse, virando-se de costas para mim. — Quesadilla... Mhmm, ele está... Sim... Ah, bem, não, eu não conheci ninguém ainda... Não, não estou sendo exigente, apenas trabalhando... Ah-hah... Vamos ver, talvez... eu te ligo assim que souber... Sim, eu prometo... Ok, tchau!

Ela se virou e olhou para mim.

Eu levantei as mãos. — Ela me fez perguntas sobre você. Como eu poderia responder isso?

— Com suas palavras, — ela retrucou, jogando meu telefone no sofá ao meu lado. — Ela acabou de me dizer, em dois idiomas, que eu farei 25 anos neste fim de semana, e já é hora de eu entrar em um relacionamento sério, então me ofereceu seu primo, Luis.

Eu balancei a cabeça. — Não namore Luis.

— Eu não pretendia namorar Luis!

— Não precisa gritar comigo.

— Ela nem sequer é minha avó! Por que ela está na minha cola sobre casamento? Você é dois meses mais velho que eu e não vai se casar também! Eu não me inscrevi para isso! Meus avós moram no Maine!

Eu tentei não rir. Realmente tentei, mas não pude evitar.



Não era todo dia que você tinha uma morena furiosa coberta de molho de pizza com seus mamilos cutucando sua camisa gritando com você sobre sua avó tentando casá-la.

Aspen jogou uma almofada na minha cabeça. — Você é um idiota! Pare de rir de mim!

— Eu não consigo. — Coloquei o prato de volta na mesa de café e joguei a almofada de volta para ela. — É curioso. Ela tem uma obsessão em te casar. Acho que ela quer que você se case com alguém da minha família.

— Mesmo? Como descobriu isso? — Ela invadiu a geladeira e tirou uma garrafa fechada de vinho. — Foi Luis esta noite? Ou Carlos no ano passado? Ou talvez Juan no Natal do ano anterior?

— Pensei que você fosse parar de beber.

Ela enfiou o saca-rolha no topo da garrafa, torceu e arrancou a rolha. — Dane-se.

Peguei minha cerveja e ri na minha mão. — Você esqueceu Javier e Eduardo na festa de aniversário dos meus pais.

Ela se inclinou para frente, gemendo enquanto servia vinho em um copo. — Não. Por favor, não me lembre daquela noite. Foi um inferno.

— Pensei que Jorge no baile foi a pior noite.

Ela ergueu uma mão e esvaziou a taça de vinho. — Pare com isso. Eu não aguentarei outra armação com um dos seus primos. Não é que eu tenha algo contra sua família, mas...

— É ruim o suficiente lidar com Abuelita como minha melhor amiga, quanto mais sendo uma parte real da família.

Suspirando, ela se sentou na cadeira. — Ela é louca.



— Minha família inteira é louca. Sabe disso. Você seria literalmente parte disso se ela tivesse o que queria.

— Eu basicamente sou. Sou uma Taylor honorária, mesmo que isso a aborreça porque sua mãe pegou o nome do seu pai.

— Todo dia. Não passa uma semana que ela não culpa minha mãe sobre isso, considerando que todas as suas irmãs se casaram com homens mexicanos ou mantiveram seus sobrenomes. — Fiz uma pausa. — Por outro lado, eu sou o único dos netos a não receber um nome mexicano, então acho que minha mãe se rebelou desde o nascimento.

Aspen abraçou o joelho contra o peito. — Isso mesmo. Uma vez ela me disse que correu sem blusa pelo meio da cidade por causa de um desafio. É de onde vem o seu exibicionismo.

Isso explicava muito. — Quando diabos ela te disse isso?

— Na festa de aniversário do ano passado, logo depois que ela me resgatou da sua avó e Javier.

— Isso foi antes ou depois de meus primos discutirem sobre quem ia namorar você?

— Antes. Acho que me lembro de suas tias batendo na cabeça deles por serem tão desrespeitosos. — Ela bateu um dedo contra seus lábios. — Acho que sua tia Ana disse a Eduardo que, se ousasse brigar de novo por uma mulher como um cachorro de rua por causa de um pedaço de carne crua, ela o ensinaria a ter respeito.

Balancei a cabeça lentamente. — Acho que ela fez isso mais tarde naquela noite quando ele deu em cima de Blaire. Exceto que Blaire deu um soco nele.

— Provavelmente, — Aspen concordou. — Blaire é muito violenta se você a irritar.



— Não brinca, — eu respondi. — Eu realmente tenho uma cicatriz no meu pé de onde ela pisou quando pensou que eu estava dando em cima da irmã dela.

Ela revirou os olhos e encontrou meu olhar. — Você estava dando em cima da irmã dela.

— Toquei no peito dela por acidente. Ela se mexeu, eu me mexi, o flerte deu errado... — Dei de ombros. — Eu não sou exatamente James Bond.

— Eu sei disso. Daniel Craig é mais gostoso do que você mesmo para um cara velho.

— Você está seriamente me dizendo que um cara britânico e loiro que tem cerca de cinquenta anos é mais gostoso do que eu? Meio mexicano, moreno, misterioso...

Ela quase derramou seu vinho quando ela bufou. — Misterioso? Você é misterioso? Você não é o super-homem!

— Sou totalmente misterioso. Eu sou o cara alto, moreno e bonito que as mulheres bajulam nos romances. Eu tenho o cabelo, os olhos, o abdômen...

— Com uma vovó louca varrida que assustaria qualquer mulher meio sensível, — ela continuou, falando devagar como se eu fosse idiota. — Tenho certeza que qualquer futura esposa sua terá que ser uma super-heroína por direito.

— Você pode orientá-las a lidar com minha família. — Eu sorri.

— Ah... Não. Ninguém me ensinou. Se eu durei vinte anos, então alguma outra pobre idiota também pode.

— Não gosto que você se refira à minha futura esposa como uma idiota.



— Sejam realistas. — Ela descansou no braço do sofá, girando seu copo de vinho, e levantou as sobrancelhas. — Qualquer uma que ature você tem que ser um pouco idiota.

— Você está me chamando de idiota?

— Você precisa de um toque especial. Um pouco de *je ne sais quoi*.

— Um pouco de algo a mais?

— Soa melhor em francês. — Ela riu, cobrindo a parte inferior do rosto com a mão.

Ela era tão bonita quando ria. Seus olhos se iluminavam, e ela tinha uma pequena covinha na bochecha direita que eu nunca me importei até agora.

Não admira que Eduardo e Javier tivessem brigado por ela. Eu também brigaria, se me tivesse sido dada a opção.

— Só estou dizendo que você é um pouco difícil. Com sua família, a comida e sua propensão para ficar nu... — Seus olhos brilharam. — Você precisa de uma esposa de pulso firme.

— Eu preciso de uma esposa que possa cozinhar e recusar tequila.

— Droga, isso me tira do páreo.

— Você pode cozinhar.

— Sim, mas eu sou ruim em recusar álcool. — Ela ergueu o copo para enfatizar. — Mas, para registro, mal posso esperar que você case. Poderei manter a comida na geladeira por mais de vinte e quatro horas.

— Como eu te disse, pare de ir ao supermercado.

— Eu não posso. Se eu parar de ir, você vai comer a pouca comida que eu tenho do mesmo jeito. — Ela inclinou o copo na minha direção. —



Você não tem que acordar cedo para o trabalho amanhã em vez de arruinar minha noite tranquila e agradável?

Passei a mão pelo meu cabelo. — Sim, mas estou bem interessado neste restaurante agora.

— Você não assistiu a metade disso.

— Então volte para que eu possa. Não é minha culpa que você continue falando comigo.

Aspen suspirou e se levantou, pegando o controle. Ela parou por um segundo, depois voltou para a cozinha. Pegou a garrafa de vinho da geladeira e levou para o sofá. — Aqui. Está gravado.

Peguei o controle remoto. — Você grava isso?

— Toda noite. Você tem algum problema com isso?

— Não, — eu disse, apertando o botão para iniciá-lo desde o começo. — Mas você não está exatamente me dando uma razão para parar de comer sua comida.

Ela me olhou de lado e pegou o controle remoto, mas seus lábios estavam se contorcendo para um lado. — Como se isso pudesse acontecer.

Eu a cutuquei com o cotovelo e pisquei. — Verdade.



Capítulo 7

Aspen

Eu não me inscrevi para isso

Eu não entendia como isso estava acontecendo.

Parecia que há apenas trinta segundos eu desejara boa noite a Luke na sala de estar com o sofá como sua cama improvisada.

Agora aqui estava ele.

Na minha cama.

Com o rosto entre as minhas pernas.

Sim. Eu estava deitada de costas, pernas abertas, com o rosto do meu melhor amigo enterrado entre elas.

E eu estava gostando disso.

Puta merda, eu estava. Não tive tempo para pensar em como diabos nós terminamos nessa situação, porque tudo que eu conseguia pensar era como ele movia sua língua.

Ele passava sobre meu clitóris, me provocando enquanto meus músculos se contraíam. Minhas costas arquearam, e ele agarrou meus quadris com suas grandes mãos, segurando-me no lugar contra ele. O prazer me atravessou e meus dedos se enrolaram no lençol embaixo de mim.

Minha nossa.

Ele brincou comigo com a sua língua, levando-me à beira do orgasmo antes que beijasse o interior da minha coxa. Gemi quando ele me



deixou lá, pairando no limite, encarando o limbo com o conhecimento doentio de que teria que esperar pelo orgasmo que eu tão desesperadamente queria.

Luke beijou subindo pelo meu corpo, seu corpo nu cobrindo o meu. Suas mãos exploravam minhas curvas, não deixando nenhum centímetro de mim descoberto. Ele circulou seus lábios sobre meus mamilos, passando a língua sobre eles do jeito que ele fez no meu clitóris.

Passei as mãos pelas suas costas e em seu cabelo escuro e espesso. Seus lábios encontraram os meus com uma respiração ofegante. Nossos corpos se uniram como deveriam, e o desejo explodiu ardente em minhas veias que fez minha pele arrepiar.

Eu o queria. Queria senti-lo de verdade. Sabia que aquela noite foi um acaso e que essa seria melhor.

Precisava do desfecho que viria disto.

Precisava disso para podermos seguir em frente com nossa amizade.

Nós nos beijamos mais profundamente, nossas línguas lutando. Meu sabor permaneceu em seus lábios, mas eu continuei beijando-o, levantando as pernas e enrolando-as em sua cintura. Era um pedido silencioso para ele se mover dentro de mim.

Seu pênis estava duro e pressionado contra a minha boceta, tocando apenas contra o meu clitóris da maneira mais tentadora.

— Luke, — eu sussurrei contra seus lábios. — Por favor.

Ele riu baixinho, segurando a parte de trás do meu pescoço. — Você está realmente me implorando?

— Sim, — eu gemi, tentando estender a mão entre nós para pegar seu pênis.



Ele antecipou-se a mim. Ajustou seus quadris para que pudesse se posicionar corretamente e sentou-se, olhando para baixo entre nós quando a ponta do seu pênis roçou contra o meu clitóris.

Inclinei meus quadris para tornar mais fácil para ele. Lentamente, ele guiou seu pênis para a abertura da minha boceta e gentilmente empurrou para dentro de mim. Centímetro por centímetro, minha boceta molhada apertou em torno dele, e eu respirei fundo.

Ele parou quando estava dentro de mim, seus olhos firmemente fixos nos meus. Inclinando para frente, ele segurou o lado do meu rosto e me beijou novamente.

Então ele se moveu.

Lentamente.

Dentro e fora, um movimento rítmico que parecia tão bom que eu mal conseguia aguentar.

Meus dedos deslizaram de volta em seu cabelo, enrolando em seus cachos grossos. Nossos corpos se moviam juntos como mágica. O prazer me atingiu em ondas que eu não conseguia controlar.

Eu só queria o orgasmo.

Eu queria gozar, para finalmente sentir como era...

O choque foi forte e indesejável.

Eu pisquei, o sono fazendo meus cílios parecerem grossos e pesados. Meu quarto estava escuro como breu, e eu estava não só sozinha, mas as cobertas pareciam pesar cerca de quarenta e cinco quilos.

E elas estavam quentes.

Como eu.



Tirei as cobertas do meu corpo suado e rolei para o lado. Eu estava grudando no lençol, então não tive escolha a não ser arrastar minha bunda sonolenta para fora da cama e abrir a janela do meu quarto.

Abri uma cortina, abri a janela e me apoiei no peitoril.

Que diabos tinha acontecido?

Eu tinha acabado de ter um sonho muito real, muito sujo sobre Luke? Que dormia no meu sofá na sala ao lado?

Merda, eu tive.

E eu gostei. Meu clitóris estava latejando e meu coração estava acelerado. Juro que estava a segundos de realmente ter um orgasmo durante o sono.

Oh Deus, eu fodi com Luke no sonho.

E foi mais satisfatório do que a vez de verdade que transamos.

Por que eu tive que acordar? Estava indo bem até aquele momento. Realmente, muito bem, na verdade. Foi por isso que eu fiquei um pouco nervosa sobre isso.

A brisa suave que penetrou pela janela aberta estava mais quente e pegajosa do que calmante, então eu fechei e me movi para sentar na cama, deixando a cortina aberta. Um fraco brilho laranja das luzes da rua abaixo do meu prédio brilhava pela janela, iluminando o canto do meu quarto com uma neblina transparente.

Passei os dedos pelos cabelos e olhei pela janela. Eu não podia ver muito graças ao nevoeiro que havia saído da praia, mas olhar para o nada era melhor do que pensar sobre o que eu tinha acabado de sonhar.

Jesus, e se eu tivesse feito barulhos? Eu tinha? E se Luke tivesse ouvido? Ele estava dormindo no meu sofá, afinal. Como diabos eu deveria enfrentá-lo em poucas horas sabendo com o que eu estive sonhando?



Como eu deveria voltar a dormir? E se minha mente me levasse de volta para esse sonho? Eu não conseguia enfrentar o final disso. Não havia jeito... você gemeria se gozasse em seu sono? Era alto como normalmente?

Eu não sabia. Nunca tive um orgasmo no sono antes. Nunca tive um sonho sujo na minha vida.

Até esta noite.

Havia uma regra para isso? Volto a dormir? Eu deito e olho para o teto por horas? Vou ao BuzzFeed e descubro que tipo de queijo combina comigo?

Suspirei, segurando a parte de trás do meu pescoço e entrelaçando meus dedos.

Isso era um desastre. E se eu acidentalmente mencionar isso a ele?

Por que tivemos que fazer sexo ruim? Se nós nunca tivéssemos feito isso, se tivéssemos apenas dormido, completamente vestidos, na minha cama, do jeito que sempre fizemos, nada disso teria acontecido.

Por que aquela noite? Porque agora? Por quê, por quê, por quê?

Eu me levantei e silenciosamente caminhei até a porta. Felizmente, não rangia, e fui capaz de abri-la sem fazer barulho. Eu parei, olhando para o sofá para ter certeza de que Luke estava dormindo.

Estava. Ele estava deitado, um braço estendido no alto da cabeça, e seus pés estavam pendurados no final do sofá. Suas roupas estavam em uma pilha no chão ao lado, e o cobertor que eu tinha jogado para ele antes de dormir estava cobrindo apenas as pernas.

Tentei não olhar para o seu estômago esculpido e tonificado enquanto caminhava na ponta dos pés até a cozinha para pegar uma



garrafa de água. A geladeira rangeu quando abri a porta, e a luz do interior lançou um brilho fraco sobre a sala de estar.

Estremeci, puxando a garrafa da porta e fechando a geladeira rapidamente.

— Aspen?

Dei um passo para trás, abraçando a água enquanto Luke se sentava no sofá, usando a parte de trás para se levantar. — Desculpe, — disse baixinho. — Eu precisava de um pouco de água. Tentei não te acordar.

Ele acenou com a mão. — Você está bem?

— Sim, ah, sonho ruim.

Ele franziu a testa, passando os dedos pelos cabelos. — Foi perseguida por um pinguim gigante de novo?

Mordi o interior da minha bochecha para que ele não me pegasse rindo. — Sim. Dentes afiados e tudo desta vez.

Luke se moveu, então ele estava sentado totalmente. — Você pode me dar uma garrafa de água?

— Claro. — Puxei uma garrafa da geladeira e levei para ele, em seguida, sentei no braço do sofá da qual ele tinha acabado de mover seus pés.

— Obrigado. Você se sente bem?

Balancei a cabeça e agitei a minha água, deliberadamente não fazendo contato visual com ele. Não achei que pudesse fazer isso agora. — Desculpe se acordei você.

Ele tomou um longo gole da garrafa e acenou novamente. — Não se preocupe com isso. Seu sofá não é exatamente a coisa mais confortável do mundo.

— Sinto muito. Você quer trocar?



— Não vou fazer você dormir no seu sofá. Que horas são?

— Em torno de duas ou algo assim. — Eu bocejei, cobrindo a boca com a mão. — Eu não me importo.

— Não, é bom. Eu vou dormir com você.

Meus olhos se arregalaram. Não, não, não. Isso não era bom. Eu não poderia tê-lo na minha cama. De jeito nenhum. Não havia a menor chance de eu voltar a dormir se estivéssemos na mesma cama.

Ele arqueou uma sobrancelha para mim. — Que cara é essa? Quer que eu coloque a calça?

— Você está nu aí embaixo?

— Não. Estou de cueca. — Ele fez uma pausa. — Tem certeza que está bem, Asp? Não é como se nunca tivéssemos compartilhado uma cama. Você está agindo de forma estranha.

Merda.

— Hum, não, tudo bem. Desculpa. Ainda estou meio dormindo. Vamos. — Eu me levantei e corri para o quarto antes que tivesse que vê-lo praticamente nu.

Quando ele se juntou a mim, tinha fechado as cortinas e subido na cama de costas para a porta... e para ele.

O clique da porta fechando me disse que ele estava no quarto, e o barulho de sua garrafa de água no criado-mudo precedeu a enorme oscilação no colchão quando ele se juntou a mim na cama.

Eu me contorci mais um pouco, colocando os lençóis ao meu redor o máximo que pude.

— Você está se movendo como se eu tivesse uma doença mortal, — Luke murmurou, fazendo o colchão saltar enquanto ele ficava cômodo.



— Você ronca, — eu murmurei de volta. — E você acabará tomando a maior parte da cama de qualquer jeito, então estou me poupando da dor de ter o cotovelo na minha coluna em uma hora.

Ele riu. — Se você diz. Você é a que não para quieta.

— Tanto faz.

— Você ainda está agindo estranho. — Ele estendeu a mão e me cutucou.

— São duas da manhã e há um homem estranho na minha cama. Cale-se.

— Eu não sou um estranho.

— Eu não disse que você era um estranho. Disse que você era um homem estranho e você é. — Puxei as cobertas um pouco mais para mim. — Agora cale a boca e vá dormir.

Ele riu baixinho, rolando de costas. — Noite, Aspen.

— Noite.

Essa foi a última vez que maratonamos 'Pesadelo na Cozinha de Gordon Ramsay'.

Felizmente, todos os sonhos picantes ficaram bem longe da minha mente pelo resto da noite.

Nunca estive tão feliz com algo. A última coisa que eu queria era ter que explicar para Luke porque diabos eu estava tendo orgasmos enquanto dormia na cama ao lado dele.

Também não queria admitir que não tive um pesadelo.



Pinguins gigantes à parte, ele estava de pé e roubando minha água quente antes mesmo de eu abrir os olhos. Esfreguei meu rosto, removendo o sono dos meus olhos, e me levantei ao som do meu chuveiro batendo contra os azulejos.

Não era o melhor alarme do mundo, considerando que eu realmente não era uma pessoa matinal. Eu trabalhava em um bar por um motivo. O mais cedo que eu tive que ir para o trabalho foi às duas da tarde, e essa era a hora em que eu frequentemente levantava.

Eu gostava desse jeito.

Se eu tivesse nascido em outubro, em vez de julho, tinha certeza de que teria nascido uma bruxa.

Peguei algumas roupas limpas e rapidamente me troquei, quase caindo na minha pressa de vestir minha calcinha limpa. Felizmente para mim, eu consegui, e estava acabando de pôr minha camisa ‘what the cluck’ sobre a cabeça quando a água parou no banheiro.

A porta do quarto se abriu até que eu pude ver um de seus olhos espreitando. — Você está acordada? Eu deixei minhas roupas aqui.

Rindo, eu assenti. — Estou acordada e estou me trocando. Não se preocupe.

— Não seria a primeira vez que te vi nua, — ele murmurou.

Eu corei. — Aos nove na piscina não conta.

Ele revirou os olhos e entrou no quarto.

Não pude fazer nada além de gargalhar.

Luke parou, então olhou para a toalha rosa com flores brancas por toda a parte que estava enrolada na cintura dele. Ele encolheu os ombros. — Estou confortável com a minha masculinidade. Ria o quanto quisesse... eu pareço bem em qualquer tipo de toalha.



— Uau, tudo bem, Sr. Ego. Acalme-se. Você precisa sair deste apartamento para ir trabalhar, e se continuar assim, você não vai conseguir passar a cabeça por essa porta, — eu disse, injetando uma última explosão de sarcasmo nas últimas palavras enquanto o deixava, e a seu corpo estupidamente gostoso, no meu quarto e na minha toalha feminina.

Sério. Eu ri da toalha, mas não ri do...

Homem que me seguiu até a cozinha.

— Desculpe, — ele disse, se aproximando de mim para pegar a caneca fumegante de café da máquina. — Eu fiz isso antes de entrar no chuveiro.

— E eu que pensava que você me fez um café para dizer obrigado por não reclamar que você teve o seu cotovelo nas minhas costas por uma hora na noite passada. — Não era a única coisa que eu acho que ele tinha nas minhas costas, mas não ia falar disso agora.

Além disso, eu não tinha certeza. Poderia ter sido o dedo dele. Isso era improvável, mas eu estava indo com o dedo.

— Você quer?— Seu cabelo escuro caiu sobre a testa, pingando água pelo rosto. — Você pode ter isto. Eu vou fazer outro.

Pisquei para ele. — Uh, claro.

— Você não quer?

— Eu quero. — Deslizei o copo em minha direção antes que ele pudesse decidir que eu não queria. — Só não esperava que você desse para mim.

— Bem, você está certa, eu dormi com o cotovelo nas suas costas por um tempo na noite passada até que você me bateu no rosto com o



seu travesseiro. — Ele deu de ombros. — Dar-lhe o meu café é o mínimo que posso fazer por cutucá-la metade da noite.

Oh cara, ele me cutucou muito mais na noite passada do que ele sabia.

Baixei a cabeça antes que ele pudesse me ver corar. A lembrança daquele sonho, combinada com ele em pé na minha frente com seu corpo bronzeado ainda molhado, com gotas de água descendo em seu abdômen e desaparecendo na... toalha rosa.

Uau. A toalha rosa realmente arruinou essa fantasia, não foi?

Balancei a cabeça enquanto pegava o leite da geladeira para o meu café. Fantasia arruinada ou não, tudo que você tinha que fazer era olhar por cima da toalha rosa para saber exatamente por que ele seminu mais a lembrança do sonho era perigosa.

Todos os dias, toda vez que eu olhava para Luke, parecia que eu tinha uma razão para olhar para ele sob uma nova luz, e olhar para ele como algo diferente do meu melhor amigo parecia estranho.

Não errado, mas estranho.

Não queria corar com a visão de gotas de água escorrendo entre seus abdominais. Não queria achar as veias de seus antebraços sexy. Não queria tirar o cabelo dele da testa e lambar a água dos lábios dele.

Mas eu queria.

E fiquei muito desconfortável com esse novo rumo dos acontecimentos.

Não creio que se deva desejar seu melhor amigo.

Nem imaginar lambar gotas de água dele ou abraçá-lo só para poder tirar a toalha. Não deveria corar com a visão dele molhado e em uma toalha.



Não.

Nada disso deveria estar acontecendo.

E eu pensando que nossa noite bêbados não tinha mudado nada.

Na realidade, mudou praticamente tudo.

E eu não concordava com todas essas mudanças.

Nem com uma única maldita delas.



Capítulo 8

Aspen

Pare o mundo, eu quero descer

— Então, vocês dormiram juntos logo depois que você teve um sonho picante sobre isso?— Blaire se inclinou sobre o balcão, descansando em seus antebraços. — Cara, o que há de errado com você?

— Nós não dormimos juntos, — enfatizei, olhando ao redor do bar para ver se precisavam de mim. Não precisavam. Ufa. — Eu tive um sonho sujo, fui pegar água e o acordei, então ele dormiu na minha cama.

— Então vocês dormiram juntos. Tecnicamente. — Seus olhos brilharam.

— Bem. Tecnicamente. — Pressionei as mãos contra as bochechas. — O que eu faço, Blaire? O que eu devo fazer agora?

Ela levantou as mãos brevemente antes de segurar seu copo de vinho. — Eu disse a você o que acho que você deveria fazer, mas você não vai me ouvir.

Suspirei. — Eu não posso contar a ele. Nem sequer está estranho. Além desses pensamentos estúpidos que estou tendo, nada mudou. Ainda somos os mesmos que sempre fomos.

— Você está tendo sonhos sujos sobre o seu melhor amigo comendo sua boceta. Como isso é o mesmo?



— Eu disse além desses pensamentos estúpidos, — disse com os dentes cerrados. — E diga um pouco mais alto, não acho que aqueles garotos da faculdade no canto te ouviram.

Blaire olhou por cima do ombro. Todos os quatro estavam olhando para nós, e pareciam um pouco interessados no que estávamos dizendo.

— Desculpe, — ela disse mais calma. — Eu só... eu não entendo vocês dois.

— Nem eu, — eu murmurei, andando para o outro lado do balcão para pegar um copo vazio que tinha acabado de ser colocado nele. — Talvez seja algo que eu precise resolver. Sabe, tirar isso da cabeça com mais alguns sonhos.

— E um amigo vibrador à mão?

— Se tudo mais falhar, sim. — Balancei a cabeça resolutamente. — Se essa é a minha única opção, é o que vou ter que fazer.

— Você diz isso como se estivesse fazendo um grande sacrifício por todas as mulheres.

— Estou sacrificando minha moral.

— Sua moral? O que? De nunca se masturbar pensando em seu melhor amigo?

Eu parei. Na verdade sim. Então, novamente, eu nunca estive em uma situação onde fui forçada a considerar me masturbar pensando em Luke Taylor.

— Pode trazer uma cerveja?— Um dos meninos da fraternidade perguntou, de pé a poucos metros de distância de Blaire.

Graças a Deus por pequenas misericórdias.

— Certo. Posso ver sua identidade?— Estendi a mão.

— Eu já mostrei.



— Para a garota que estava aqui antes. Não para mim. — Eu mexi os dedos em um movimento de ‘me dê’.

Ele resmungou algo, mas me entregou sua licença. Eu peguei, olhei para a data e entreguei de volta com um sorriso, em seguida, peguei uma garrafa do que ele tinha bebido antes na geladeira.

— Então, eu ouvi o que sua amiga estava dizendo...

— Terminar essa frase é a maneira mais rápida de tirar o seu traseiro do meu bar, — eu respondi, tirando a tampa da cerveja e entregando a ele.

— Certo. — Ele sorriu timidamente e me deu uma nota de cinco.

Peguei e devolvi o troco para ele, observando enquanto ele ia até seus amiguinhos e se inclinava para falar com eles.

— Adoro quando você acaba com os idiotas, — Blaire disse, terminando seu vinho. — É quase tão divertido quanto acabar com Justin.

— Não. Nada é tão divertido quanto acabar com Justin. — Balancei a cabeça e peguei uma garrafa de vinho na geladeira. Esvaziei em seu copo e adicionei à sua conta.

— Então, de volta para Luke. — Ela sorriu.

— Não vamos voltar para Luke. — Eu joguei a garrafa no balde aos meus pés e me inclinei no balcão. — O que diabos eu faço?

— Não sei. Eu te disse, você não vai me ouvir, e agora eu estou cansada da sua porcaria.

— Eu também te amo.

— Eu sei. Só estou sendo sincera. Você precisa de alguém para orientá-la. — Ela bebeu seu vinho novamente, sorrindo atrás do copo. — Acho que você precisa ir a um encontro. Ou trazer alguém no seu aniversário. Um caso de uma noite é o que você precisa para tirá-lo da



cabeça. Talvez você não precise foder Luke... talvez você só precise foder alguém.

Risos vieram dos caras da faculdade no canto.

Talvez este não fosse o lugar perfeito para ter essa conversa depois de tudo.

Tanto faz.

— Acho que não, — eu disse lentamente. — Você sabe como me sinto sobre casos de uma noite.

— E você está errada. Eles são deliciosos. — Blaire respondeu.

— Você tem um namorado.

— Como você acha que eu conheci Tom?

Eu ri, enterrando meu rosto em minhas mãos. — Ok, tudo bem, mas não sou eu. Não sou uma garota de uma noite.

— Asp, você acabou de foder seu melhor amigo. Na vida real e nos seus sonhos. Poucas pessoas podem dizer isso.

— Poucas pessoas têm sorte de não conseguirem dizer isso. — Bati um copo no balcão e enchi com Pepsi. — Gostaria de ser um daqueles filhos da puta sortudos.

— Então você deveria ter mantido sua calça.

— Você está certa. Eu deveria. — Não havia como negar isso. Toda essa situação não existiria se eu tivesse mantido minha calça.

Embora, Luke tivesse cinquenta por cento da culpa aqui. Ele deveria ter mantido a calça dele também.

Bebi minha Pepsi e suspirei. — Não vou sair no meu aniversário. Depois do último fim de semana, acho que preciso ficar trancada no meu apartamento, a quilômetros de distância de tequila ou qualquer outra forma de álcool.



— Nós vamos sair, — Blaire disse, balançando a cabeça. — Não tem como você ficar em casa. É o seu aniversário.

— Eu sei, mas não quero. Não consigo pensar em nada pior do que sair e repetir a semana passada.

— É realmente muito simples não fazer isso.

— Sim, sim, manter minha calça. Tanto faz. — Revirei os olhos e coloquei uma fatia de limão na minha Pepsi. — Olha, eu não vou sair. Sei exatamente o que vai acontecer. Serei convencida a beber tequila, que, neste momento, está na minha lista negra... e então vou acabar contando a Luke o que aconteceu, e não haverá mais como ignorar isso.

— Ok, mas, — Blaire disse, levantando um dedo com unha rosa Barbie. — Você não está realmente ignorando. Nós continuamos falando sobre isso. Você está sonhando com isso. Está até começando a ficar estranha perto de Luke agora. Ficar bêbada e dizer a ele pode não ser a pior ideia.

— Mesmo? Não acha que é a pior coisa que eu poderia fazer? Jesus, você quer que eu me dê mal? — Acenei um adeus para um cliente e peguei a gorjeta que eles tinham deixado no bar, então me virei para colocar no frasco.

— Por mais divertido que possa ser, não. — Ela sorriu. — Mas se isso acontecer, acontece.

— Isso não vai acontecer. Eu não vou beber.

— O que não vai acontecer? — A voz profunda de Luke interrompeu a conversa.

Eu pulei, me virando e quase escorregando em uma fatia de limão no chão. Ignorando sua risada que foi pontuada pelo bufo de Blaire, peguei o limão e joguei na lata de lixo.



— Você me assustou pra caralho, — eu disse, finalmente, dando-lhe alguma atenção.

Ele sorriu, seu cabelo úmido bem bagunçado na sua cabeça. — Desculpa. Pensei que você me viu entrar.

— Não, ela não está assustada com isso. — Blaire tomou um gole de vinho. — Como evidenciado por sua afirmação de que ela não vai sair para o seu aniversário.

Luke assentiu enquanto eu pegava sua cerveja favorita da geladeira. — Eu também ouvi isso. Que desculpa ela está te dando?

— Ela quer se lembrar da noite de sábado, pra variar, — Blaire disse sem perder o ritmo. — Já que ela ainda está um pouco confusa sobre algumas coisas no último fim de semana.

— Não é um plano ruim, — ele respondeu, tomando a cerveja com um sorriso. — Também não lembro muito.

— Você poderia apenas beber com moderação. — Blaire se virou para mim.

Eu bufei. — Com você por perto? Sim, tanto faz. Como se isso fosse possível.

— Você está me chamando de permissiva?

— Sim, — Luke e eu respondemos ao mesmo tempo.

Ela apertou a mão contra o peito, o rosa brilhante de suas unhas contrastou com a blusa preta dela. — Não consigo acreditar que vocês disseram isso. Quando eu sequer encorajei vocês a beberem?

— Último fim de semana, — Luke respondeu.

— Seu aniversário, — acrescentei.

— Anos Novos são ruins, — Luke continuou.



Assenti. — Ainda não acho que posso participar do Halloween este ano depois do ano passado.

Ele fez uma careta. — E isso sem contar o seu aniversário do ano passado.

— Tudo bem, tudo bem. — Blaire levantou as mãos. — Mas vocês dois são inteiramente responsáveis por suas ações. Vocês não precisam ceder quando eu dou doses para vocês.

— Ou você poderia não dar as doses, — Luke respondeu.

— Ou você poderia ser apenas responsável por suas ações, — ela repetiu, desta vez muito mais devagar. A cadela até se certificou de me olhar diretamente nos olhos.

Resisti ao impulso de lhe mostrar o dedo... mas por pouco, e isso foi porque um cliente precisava de mim. Se estivéssemos em outro lugar, eu teria feito isso. Ou dado um soco nela.

Provavelmente dado um soco nela.

Quando acabei de servir, me juntei aos meus melhores amigos no final do balcão e interrompi a conversa baixa deles.

— Do que vocês estão falando?— Peguei minha Pepsi da prateleira embaixo do bar e terminei.

— Como você vai ficar bêbada no seu aniversário, — Blaire respondeu. — Você sabe que vai. Coloque uma bandeja de tequila na sua frente e você não pode deixar de beber.

— Juro por Deus, eu não vou.

A familiar risada profunda do meu chefe, Declan, encheu o ar. Sua mão grande roçou meu ombro quando ele saiu de trás e se juntou a mim atrás no balcão. — Claro que você não vai, Aspen. Todos nós acreditamos em você.



Revirei os olhos, ignorando meu chefe que parecia-um-deus-grego... Se você ignorasse a barriga ligeiramente redonda. — Eu juro por Deus. Não, isso não vai acontecer.

— Você disse isso no sábado, e eu tive que empilhar todos os seus três traseiros no táxi do meu irmão para levá-los para casa. — Declan encheu um copo com limonada para ele e nos examinou. — É por isso que vocês estão proibidos de beber em qualquer lugar, menos aqui.

Blaire bateu os cílios. — E aqui estava eu pensando que é porque você gostava de nós.

— Ajuda que eu recebo seu dinheiro também. — Ele piscou e pegou o copo. — Vocês virão aqui na sexta à noite para o aniversário de Aspen, beberão toda a minha tequila e eu empilharei suas bundas no mesmo táxi para levá-los para casa.

Sério. Tudo o que ele precisava era de botas de cowboy e uma planta ou algo em sua boca para mastigar, como um fazendeiro comum, com todo o sotaque que ele fingia quando estava tentando falar conosco como se fosse nosso pai.

— E não bata seus cílios para mim assim, Blaire Carpenter. Lembro-me de você mostrando seus peitos como se fosse um sinal de SOS no seu vigésimo primeiro aniversário.

Abaixei a cabeça, tentando esconder minha risada.

Quanto mais os nossos respectivos aniversários e as nossas palhaçadas bêbadas eram lembradas, mais percebia que realmente tínhamos que crescer um pouco.

Talvez.

Quer dizer, crescer era superestimado. Eu já tinha que pagar aluguel, contas e impostos... eu precisava me divertir onde pudesse.



Às vezes, era deitada no sofá, seminua, segurando meus seios como se fosse um cobertor.

Outras vezes, era me arrumando, bebendo meu peso corporal em tequila e tomando decisões ruins.

Veja. Eu não poderia ser responsável o tempo todo.

Eu não era minha mãe.

Eu era um lindo desastre beirando vinte e cinco anos de idade com uma atração para a tequila e um hábito de fazer escolhas terrivelmente ruins.

Eu era, oh meu deus, humana.

E aparentemente, considerando minha escolha questionável de melhor amiga, isso não ia mudar tão cedo.

— Então. Devo reservar para vocês a sala dos fundos para o seu aniversário?— Declan disse, anotando um pedido de um cliente.

— Sim, — Blaire disse antes que eu pudesse dizer qualquer coisa. — E ponha um sofá e um cobertor lá no caso da vovó aqui precisar tirar uma soneca.

— Eu sou mais jovem que você, sua merdinha, — eu respondi, apontando para ela antes de me virar para Declan. — Sim, reserve. Tanto faz. Controle a quantidade de tequila levada à mim, ok?

Ele riu, coçando a nuca. — Aspen, querida, você é uma adulta.

— E eu pago meu aluguel em dia todo mês e não tive minha TV a cabo cortada em dois anos, — retruquei. — Ajude-me um pouco aqui.

Ele levantou as mãos. — Se essa é a sua maior conquista, não posso ajudá-la.

Revirei os olhos e peguei a garrafa de cerveja vazia de Luke. — Você quer outra?



— Melhor não. Tenho que ver o velho Eddie amanhã e, se ele achar que sou incapaz de fazer o trabalho, Vicky pode me matar.

Blaire bufou. — Sua chefe mataria um verme se estivesse em seu caminho.

— Sim, e eu me pergunto quais traços ela passou para sua sobrinha, — eu disse, dando-lhe um olhar duro e longo.

— As mulheres da minha família são cadelas. Então me processe. Somos apenas cadelas porque dizemos as coisas como são. — Ela devolveu o meu olhar severo com um dos seus e terminou o resto do seu vinho. Colocando uma nota de vinte no bar, ela disse: — Fique com o troco, vovó. Vou ver um homem por causa de um pênis.

Luke baixou o queixo, esforçando-se para esconder sua risada, mas Declan olhou para ela como se tivesse acabado de soltar a palavra com 'B' na frente de um grupo de pré-adolescentes.

— Eu não precisava ouvir isso, — ele disse severamente. — E nem ninguém mais.

Blaire piscou, sorriu e saiu do bar.

— Aquela garota, — Declan murmurou, balançando a cabeça e indo para a sala dos fundos.

— É louca, — Luke continuou, sorrindo para mim. — Você está bem para ir para casa hoje?

— Acho que sei o caminho daqui para o meu bloco de apartamentos. — Meus lábios se contraíram para o lado. — Mas obrigada por verificar.

Ele se levantou, saudando-me com dois dedos e um sorriso torto. — Você se perdeu antes.



— Eu não tomei dez doses de tequila hoje, — eu lembrei a ele, chamando a atenção de um cliente no final do bar. — Consigo lembrar.

Ele resmungou algo baixinho que eu não consegui entender, mas não tive tempo para questioná-lo, graças ao cliente.

Luke encontrou meus olhos mais uma vez, levantando a mão em despedida, e saiu.

E voltei a trabalhar, definitivamente sem pensar que seu sorriso torto era meio fofo.



Capítulo 9

Luke

Ereções aos montes

Pelo menos ela se lembrava de algo.

Não que eu quisesse que ela se lembrasse. Não. Quanto mais eu pensava sobre isso, mais feliz ficava que ela não lembrava o que tínhamos feito.

Nossa amizade não mudou. Estava um pouco estranha, mas eu tinha noventa e nove por cento de certeza de que estava sendo um pouco mais reservado e Aspen estava apenas sendo... Aspen.

Ela tinha uma propensão de falar sem pensar, e enquanto tinha sido bem comportada nos últimos dias, isso nunca duraria muito quando Blaire colocasse tequila na frente dela.

Dito isto, dei até aproximadamente dez e meia na noite de sábado antes que ela dissesse algo para alguém.

Com alguma sorte, a noite de sábado iria apagar toda a situação em que eu me encontrava. Todos nós beberíamos, alguém faria algo estúpido... mas não essas duas pessoas meio estúpidas... e então o Quatro de Julho poderia ser esquecido.

Isso era o que eu queria.

A julgar pelo estado do meu pau quando acordei esta manhã, ele não estava me ouvindo.



Não. Aparentemente, fazer sexo ruim com Aspen me fez querer ter um bom sexo com ela. O que significava ereções matinais que eram especialmente inconvenientes quando eu estava dormindo ao lado dela.

Nunca estive tão feliz em entrar no chuveiro antes que ela acordasse.

Levou cinco minutos de água desconfortavelmente fria para me livrar daquela ereção estúpida que me atormentava.

E eu estava com medo de ir dormir esta noite.

Acordar com uma ereção era parte de ser homem. Eu aceitei isso. Inferno, aceitei desde os treze anos e tive uma no meio da aula de matemática. Se eu achasse que a álgebra ajudaria a me livrar dela nessa situação, eu correria para o colégio local para assistir a uma aula.

Acordar com uma ereção sobre minha melhor amiga era novo. Toda vez que olhava para ela, eu a via sob uma luz diferente. Via seu cabelo despenteado e seus olhos brilhando. Via seus lábios inchados e seu queixo um pouco vermelho da barba no meu queixo.

Então, eu via seu rosto fingindo, e tive que me perguntar quão perto estava do seu rosto de sexo de verdade.

Apostaria que estava bem próximo.

Porque convenhamos. As mulheres eram mestres em fingir orgasmos. Se tivéssemos feito sexo que durasse mais de dois minutos, eu provavelmente nem teria sido capaz de dizer.

Nenhuma mulher conseguia gozar em dois minutos.

Não importa o que o pornô te disse.

Realmente, a pornografia apenas dava aos homens em toda parte uma expectativa irreal de como era fácil fazer uma mulher ter um orgasmo.



E corpos femininos, mas isso era uma questão para outro dia.

Eu estava no inferno. Ou estava tão perto quanto poderia estar.

Estava pronto para embarcar para Bermudas e nunca mais ver o rosto dela. Essa era a situação mais fácil aqui.

A pior parte? Eu nem tinha ninguém para conversar sobre isso. Blaire definitivamente estava fora de questão... não importava que ela pudesse manter um segredo, ela nunca esconderia isso de Aspen, e eu nunca pediria para ela.

Se eu contasse a Tom, ele contaria a Blaire, que contaria a Aspen.

Este era o problema com cidades pequenas. Sempre havia um rastro.

Com um suspiro, abri a porta da casa dos meus pais.

— Luke? É você? — Papai apareceu no corredor. — Graças a Deus. Você tem que me ajudar, filho. Estão planejando a quinceanera da sua prima e querem minha ajuda.

Fiz uma careta, fechando a porta atrás de mim. — Elena? Mas ela não faz quinze anos até o próximo mês de novembro.

— Exatamente. — Ele beliscou a ponte do nariz e balançou a cabeça, os olhos brevemente fechados. — Sua avó está tendo um ataque que não há um local reservado ainda.

— Ela fez isso com Maria e Teresa. Ela sabe que não podemos reservar o local até um ano.

— Você vai dizer isso a ela?

— Claro que não. — Eu bufei e entrei na cozinha. — Ela é mãe da mamãe. Ela pode fazer isso.

— *Madre!* — Mamãe gritou da sala de estar, seguida por uma longa sequência de espanhol.



Parei na geladeira, olhando para papai. — Ela está gritando em espanhol há muito tempo?

— Sim, mas elas começaram cantando *Despacito*. A versão ‘adequada’, não aquela com o garotinho loiro.

— Justin Bieber.

— Eu não me importo com o nome dele, filho. Fiquei feliz quando elas deixaram os gatos voltarem para o beco. — Ele correu para a máquina de café. — Então, sua tia ligou e mencionou sobre o aniversário de Elena e querendo levá-la para o fim de semana...

Estremeci.

—... O que irritou sua avó.

Na hora certa, o forte sotaque de Abuelita atravessou as paredes enquanto ela soltava um enorme fluxo de espanhol.

Inclinei a cabeça para o lado. — Ela acabou de dizer à mamãe que ela não é velha demais para *la chancla*?

Papai bufou. — É a terceira vez que ela a ameaça isso, e seu chinelo está claramente no armário.

— Isso é uma merda, — eu respondi. — Eu nem sequer costumava ser ameaçado. Era apenas atingido.

— Sim, mas sua mãe não esteve baixando as calças para os idosos no bingo.

— Não, ela apenas nadou nua no seu vigésimo primeiro aniversário e nunca disse a Abuelita, — eu murmurei.

Papai riu. — Essa foi uma noite divertida.

— Assim como meu aniversário.

Ele acenou com a cabeça. — Entendi. Mas seu erro foi deixar sua avó descobrir sobre isso.



— Deixá-la descobrir sobre qualquer coisa é um erro. — Sentei-me no banquinho de madeira na ilha e fiz uma pausa enquanto ela e mamãe iam e vinham na sala de estar. — Como uma festa pode ser muito difícil para elas? E por que mamãe está tendo essa discussão e não tia Val?

— Valentina está muito ocupada com o novo namorado, o que também irritou sua avó, — papai disse secamente. — Na verdade, eu não acho que sua mãe falou com ela, exceto para atender ao telefone.

Ah, sim, a boa e velha tia Val, que se divorciou do belo marido mexicano e agora namorava um canadense mais jovem.

Nós não sabíamos o que aborrecia Abuelita mais. O fato de que ela se divorciou ou que estava namorando um canadense. Afinal, a mulher odiava quase qualquer um que não fosse, um: mexicano, ou dois: meu pai, Aspen ou Blaire.

Mesmo assim, acho que ela tolerava meu pai na maioria dos dias. Ele a tolerava todos os dias, por isso funcionava.

— Luke! — Abuelita escolheu então fazer sua grande entrada, me arrastando para um enorme abraço de urso que teria me esmagado se eu tivesse alguns quilos a menos de músculo.

Abuelita era tudo que qualquer um podia imaginar de uma velha dama mexicana, exceto seu estilo de roupas. Isso era decididamente cigano.

Não que disséssemos em voz alta.

De pé em um pequeno metro e meio de altura, ela tinha cabelos escuros que estavam permanentemente puxados para trás, torcidos na nuca. Ela quase sempre usava uma bandana sobre a cabeça como se vivesse no deserto, e seu rosto redondo e enrugado nunca seria visto sem



seu rímel favorito alinhando seus minúsculos olhos escuros e batom rosa claro em lábios finos.

Sua saia verde girou em torno de suas pernas quando ela me soltou. Falando em espanhol, como sempre, ela disse: — Onde está Aspen?

Suspirei e respondi em inglês. — No trabalho, Abuelita.

— Por que você não a traz para me ver?

— Ela está trabalhando. Ela não pode simplesmente parar para vir vê-la.

— Não. Você não a traz. Você liga para ela. Eu cozinho para ela. — Ela fez uma rara mudança para o inglês, acompanhando-o com uma batida no peito. — Ela gosta da minha comida.

Cada palavra saiu como se houvesse um ponto final entre elas.

Ela. Gosta. Da. Minha. Comida.

Isso significava apenas uma coisa.

Ela estava aborrecida comigo.

Isso não era exatamente uma ocorrência rara.

Ao contrário de minha mãe, que mudava para o espanhol quando estava com raiva, Abuelita mudava para o inglês, como se achasse que cada frase separada a fizesse parecer mais zangada.

Se eu não soubesse o dano que ela poderia causar com um chinelo, eu riria.

— Você está absolutamente certa, — eu disse, acalmando-a. — Eu direi a ela para passar aqui quando voltar a vê-la. Ela me disse para dizer obrigado pela comida, a propósito.

— Você liga. Agora. — Ela apontou para mim, as pulseiras em seu pulso tilintando quando balançou o braço.



Jesus. Às vezes, lidar com ela era como lidar com uma cesta de gatinhos na chuva.

— Eu não posso ligar para ela, Abuelita. Ela está trabalhando. O bar estava ficando cheio quando saí.

— Você liga!

— Pelo amor de... Maria! — A colher de papai bateu no balcão. — A garota está no trabalho. Ela não pode largar tudo por seu capricho.

Abuelita se virou para ele, seus pequenos olhos ficando ainda menores enquanto ela os estreitava. Se fosse possível, seus lábios já finos ficaram ainda mais finos, e ela se inclinou para frente apenas um pouco.

Eu conhecia esse olhar.

Eu tinha visto pela última vez antes de ela ter batido o chinelo na parte de trás da minha cabeça.

Três vezes.

— *La chancla*, — ela advertiu ameaçadoramente, acenando um sapato imaginário no ar.

Ela manteve o olhar fixo nele por mais um segundo, e depois abriu o armário mais próximo. Um saco de batatas fritas pousou na ilha à minha frente e, em silêncio, foi até a geladeira, pegou um pote e esvaziou-o em uma pequena tigela de vidro, depois me deu também.

Salsa.

— Você come. Você está magro, — ela disse com firmeza, olhando para mim como se eu fosse o próximo no final de sua ameaça de *la chancla* se eu não concordasse.

Eu fui esperto.

Balancei a cabeça e abri as batatas fritas.



— Jesus, Maria! Ele tem oitenta e seis quilos de massa muscular! Eu vi ratos de academia mais magros do que ele! — Papai jogou as mãos no ar.

Abuelita se virou para ele, e eu poderia jurar que ela estava indo para o rosto dele. Em vez disso, ela acenou com a mão pelo ar. — Pah!— Foi a pontuação para o seu movimento, e ela lançou algumas palavras em espanhol quando saiu.

Mergulhei uma batata na salsa e enfiei na boca.

— Do que ela acabou de me chamar? — Papai perguntou.

— Bastardo estúpido americano, — respondi sem pestanejar.

Papai colocou o café na ilha e se inclinou na direção da porta. — Velha megera estúpida!

— Ela vai pegar *la chancla*, — eu o avisei com a boca cheia de batatas fritas e salsa.

— Sim, bem, se ela não fosse uma cozinheira tão boa, eu teria mandado *la chancla* e sua bunda desagradável para o túmulo dez anos atrás, — ele murmurou, mergulhando sua batata frita na tigela de salsa.

— Pelo lado bom, essa será a mamãe daqui a vinte anos.

— Você chama isso de lado bom? — Papai enfiou a mão no pacote de batatas fritas. — Eu chamo de azar.

Ele provavelmente não estava errado.

— Pelo menos ela não perguntou se eu estava namorando alguém ainda, — Aspen disse, olhando para o cardápio como se ela não soubesse o que iria pedir.



Blaire bufou. — Sim, mas agora você concordou em ir vê-la amanhã no seu aniversário, e ela vai te pressionar então.

— Oh não. — Ela olhou para mim, os olhos arregalados. — Tire-me disso.

— Não. — Eu ri e peguei minha Coca-Cola. — Você concordou. Sabe como ela é. Papai me ligou esta manhã e disse que ela ainda o está ignorando, mas toda vez que o vê, ela está acenando com um sapato imaginário.

Blaire estremeceu. — Isso é coisa de pesadelos.

— Ela tem um metro e meio de altura.

— A última vez que a vi jogar essa coisa em você, você gritou, — ela disse categoricamente. — Ela é aterrorizante e você sabe disso.

— Eu não gritei, — eu disse. — Eu xinguei.

— Você gritou, — Aspen disse, sorrindo. — Foi o melhor dia da minha vida.

— Estou feliz que minha dor lhe traz diversão.

Ela abriu a boca para falar, mas o telefone de Blaire tocou. Ela tirou de sua bolsa. — Agh, é meu chefe. Eu volto já.

Ela deixou a mesa, e olhei para ela saindo.

— Como diabos ela encontra alguma coisa nessa bolsa?— Eu perguntei, voltando minha atenção para Aspen.

Ela encolheu os ombros. — Ela é como Hermione sem a magia.

— Sim, bem, se ela tiver uma porra de tenda lá, eu quero alguns novos amigos.

— Se ela tiver uma tenda lá, ela precisa de um terapeuta. — Ela abaixou o cardápio. — Devemos esperar Blaire voltar antes de fazermos o pedido?



— Nós podemos, mas sabemos que quando o chefe dela liga, é porque ela precisa ir embora porque a impressora parou de funcionar ou algo assim.

Aspen riu.

O chefe de Blaire era um advogado idoso que não conseguia entender a maioria da tecnologia moderna. Nesta altura, ele era pouco mais do que o cara que dirigia o escritório de advocacia, enquanto os advogados mais jovens que podiam usar um laptop sem se eletrocutar faziam o trabalho. Ele também era teimoso por não pedir ajuda a menos que seu nome fosse Blaire.

— Você se lembra daquela vez que estávamos jantando com ela e Tom quando eles começaram a namorar e ele ligou para ela? Nós terminamos de comer uma hora antes...

A lembrança me fez rir. — E você e ela estavam bem na sua segunda garrafa de vinho, e ele precisava de um e-mail urgente enviado a um dos outros advogados. Ela não o assegurou que faria isso, então quando ele ligou no dia seguinte, inventou alguma desculpa?

Aspen assentiu, puxando sua Coca para ela. — Ela disse que seu e-mail estava falhando e a mensagem estava presa na caixa de saída. Não que ele soubesse o que era a caixa de saída.

— Isso provavelmente funcionou a favor dela.

— Isso e uma das outras secretárias prometeu não dizer a ele que ela estava fora bebendo se ela a apresentasse a você.

Um arrepio percorreu minha espinha, fazendo-me estremecer. — Qual era o nome dela mesmo?

Ela encolheu os ombros. — Como eu iria saber? Você é o único que foi a um encontro com ela.



— Blaire me chantageou em um encontro. Ela ainda me deve cem dólares.

— E vou te pagar assim que me lembrar, — Blaire disse, voltando. Ela jogou o celular na bolsa e tirou a carteira.

— As pessoas no Ártico podem sentir o cheiro dessa bobagem, — respondi.

— Sim, bem, isso fede. O que posso dizer?— Ela sorriu. — Desculpa. Tenho que ir. O telefone de William parou de funcionar novamente.

— Ele ligou na tomada?— Aspen perguntou, levantando uma sobrancelha.

— Ele diz que está conectado, então provavelmente não. — Ela colocou cinco dólares sobre a mesa para cobrir sua bebida, acenou e saiu.

Aspen acenou para o garçom. — Podemos pedir.

Nós fizemos exatamente isso, nós dois pedindo nossos hambúrgueres habituais.

— Então, — ela disse. — Você nunca me disse como foi esse encontro com a garota sem nome.

— A colega de Blaire?

— Sim.

— Foi o pior encontro da minha vida.

Suas sobrancelhas se ergueram. — E você saiu com Roxanne Carter no ensino médio.

— Novamente, Blaire ainda me deve dinheiro por isso também, — eu disse secamente. — Eu só a levei ao cinema porque Blaire queria sair com o namorado dela.



Ela franziu a testa, então a compreensão tomou conta dela. — Certo, Liam Daniels. Blaire era uma espécie de puta.

— Ela ainda é uma espécie de puta, — eu disse. — Mas, para ser justo, Roxanne também. Ela sabia que Blaire estava em um encontro com Liam e eles se traíam o tempo todo.

— Ela... espere, não, eu não quero saber. — Ela balançou a cabeça, o cabelo ondulado balançando sobre os ombros.

Eu ri.

— Por que você nunca levou alguém para mim? — Ela perguntou.

— Porque, — eu disse, meu tom seco, — Eu geralmente estava te levando para que você não tivesse que ir a lugares sozinha.

Ela abriu a boca e depois fechou. — Você gostava disso.

— Oh sim. Como um adolescente, não havia nada que eu quisesse fazer mais do que sair com minha melhor amiga em vez de potencialmente transar.

— Ei, eu te ofereci sexo se você me levasse para o baile. — Ela levantou as mãos. — Não é minha culpa que você fosse um cavalheiro.

— Aspen, saímos do baile, ficamos bêbados na praia e você desmaiou no caminho de casa.

— Essa não é a questão. A oferta estava lá.

Sim, e quando eu aceitei... eu sacudi o pensamento.

— O que? Estava.

Fiz uma careta e parei. Ela pensou que eu estava balançando a cabeça para ela.

Bom. A última coisa que ela precisava saber era que eu estava realmente pensando em fazer sexo com ela.

— Que tipo de humor Abuelita vai estar amanhã?



— Como regra geral, um terrível, — eu respondi, inclinando-me para trás na cabine e entrelaçando os dedos atrás da cabeça. Dei a ela um breve resumo do que tinha acontecido na noite passada, começando com a ligação de tia Val.

Aspen estremeceu. — Ótimo. Elas ainda não estão falando com ela?

Abri meus dedos e estendi as mãos. — Ela se *divorciou* de um *mexicano*, está namorando um *canadense*, e minha mãe é que tem que aturar a merda de Abuelita por tudo isso. Claro que elas não estão se falando.

— São apenas aquelas duas que não falam com ela?

— Neste momento, mas ela provavelmente fará algo mais cedo ou mais tarde e tirará meu pai da lista negra de Abuelita.

— Sim, certo. — Ela riu. — O dia em que seu pai sair da lista negra dela vai depender de quem morrer primeiro.

Suspirei. — Essa é uma triste, mas uma observação incrivelmente válida. Seria de esperar que, a essa altura, eles se dariam bem.

— Luke, é da sua avó que estamos falando. Ela mal se dá bem com ela mesma, quanto mais os outros.

— Mais uma vez, outra triste, mas uma observação realmente válida.

Ela sorriu ironicamente, mas havia riso em seus olhos, tornando-os mais brilhantes do que o habitual. — Então, eu posso esperar perguntas intermináveis sobre por que eu não estou casada ainda, ser alimentada até meu estômago estourar, e números para pelo menos dois de seus primos e neto de um amigo.

Eu parei por um segundo. — Baseado em experiências passadas... apenas corra. Agora. Vá para o México. Ela nunca vai procurar por você lá.



Ela riu, enterrando o rosto nas mãos. — Vou levar-lhe sorvete.

— Ela só vai querer o de caramelo da Betty, você sabe disso.

— Deus, ela é como uma criança velha.

Considerando que eu tive um pensamento semelhante na noite passada, eu simplesmente sorri e tomei outro gole da minha Coca-Cola. — Só para constar, meus atuais primos solteiros que Abuelita ainda não tentou te apresentar são Sebastian, Emmanuel, Ivan, Manuel e Pedro.

— Para que conste, sua família precisa comprar alguns preservativos.

Eu comecei a rir, bufando meu refrigerante no meu nariz. Ardeu, e eu belisquei meu nariz, apertando meus olhos com força até que parou.

— Mais uma vez, — eu disse baixinho: — Bom argumento. Vou anotar para comprar alguns para todo mundo no Natal.

— Peça online, — ela murmurou, encontrando meus olhos. — Ou você vai ter um monte de olhares estranhos na Target.

Apontei para ela, concordando, assim que nossa comida foi trazida.

Graças a Deus eu tinha uma aparência melhor que meus primos solteiros.



Capítulo 10

Aspen

Nunca é um mau momento para Tacos

Eu amava a família de Luke.

Isso precisava ser dito. Sua avó cozinhava para mim, sua mãe cortava meu cabelo e seu pai uma vez me salvou de um cara apalpador no bar.

Sem mencionar todos os cookies que eu roubei enquanto estavam esfriando nas prateleiras ao longo dos anos.

Eles eram o melhor tipo de família. Eram todos próximos, eles se amavam, e sempre estavam lá para alguém quando algo dava errado.

Exceto pela tia de Luke.

Valentina causou isso a si mesma.

Ainda assim, isso não mudava o fato de que eles eram completamente loucos.

Especialmente Abuelita.

Sua obsessão em me casar com um de seus “netos mexicanos bonitos” começou no dia em que eu fiz dezoito anos e podia me casar legalmente. Ela sempre se aborrecia que eu rejeitava cada opção que ela jogava na minha direção.

Não era que eu não gostasse dos primos de Luke. Não, a família inteira era geneticamente abençoada, como se tivessem saído de um filme



da Disney ou algo assim. Era como se não houvesse química com os primos dele do jeito que tinha com Luke.

Provavelmente era porque eles foram forçados a isso. Mais ou menos como quando meu pai costumava esfregar o nariz da nossa velha cachorra no cocô dela se ela entrasse na casa.

Era assim que os arranjos de namoro eram. Ser um cachorrinho e esfregar o nariz na sua própria merda.

Honestamente, da minha parte, se Abuelita não fosse capaz de farejar uma mentira a mais de um quilômetro de distância, eu diria a ela que conheci alguém.

A maldita velha era basicamente um cão de caça humano.

Coloquei meu carro no estacionamento do lado de fora da casa de Luke, bloqueando sua caminhonete e a do pai dele no fim da entrada de terra e olhei para a casa. A fachada de tijolos de madeira era mais calorosa do que a discussão furiosa que eu já ouvia lá dentro.

Eles não tinham janelas abertas.

Nem eu.

É isso mesmo. Eles estavam brigando tão alto.

E quando saí do carro, não fiquei nada surpresa ao saber que eram Abuelita e o pai de Luke.

Sempre eram Abuelita e o pai de Luke.

Tranquei meu carro e fui em direção à porta da frente. Luke a abriu antes que eu tivesse a chance de chegar a poucos metros da porta.

O olhar em seu rosto era sombrio, com suas sobrancelhas grossas e escuras franzidas. — Você tem certeza que quer ir lá?



— Como regra geral, não. — Enfieei os dedos nos bolsos do meu short jeans e dei um meio sorriso. — Pelo o que eles estão brigando agora?

— Eu não entendi tudo, — ele continuou, descendo os degraus até mim. — Mas havia algo sobre falta de salsa e dedos pegajosos. Embora Abuelita estivesse falando em inglês, e soava muito como dedos merdosos.

— Ambos se encaixam. — Dei de ombros.

— Além disso, Valentina está aqui, então minha mãe está num mau humor pior do que qualquer um.

— Porque ela está aqui? Pensei que estivesse banida da casa?

— Ela quer falar sobre o aniversário de Elena. Ela quer levá-la, mas Abuelita não aceita nada e quer dar uma grande festa.

Pisquei para ele. — O aniversário de Elena é daqui a quatro meses.

Ele levantou os braços. — Eu não sei, mas se eu ouvir outra coisa sobre isso, eu vou me jogar do cais e esperar que um tubarão faminto me encontre.

Rindo, eu balancei a cabeça. — Você não precisa ser tão drástico. Talvez eles se acalmem se eu for lá.

— Você ainda vai lá sabendo que eles estão brigando?

— Bem, sim. Abuelita vai chutar a minha bunda se eu não for vê-la. Aniversário ou não.

— É verdade. É seu aniversário. — Seus olhos brilharam. *Como se ele tivesse esquecido.* — Venha cá.

Seus longos passos acabaram com a distância entre nós em segundos, e ele estendeu a mão, agarrando meus pulsos e me puxando para seu corpo firme, envolvendo com força seus braços em mim. Ele me



abraçou com tanta força que me levantou do chão, fazendo minhas pernas saltarem.

Eu gritei.

Ele riu.

Coloquei os braços em seu pescoço, abraçando-o com força. Tentei ignorar o calor que se espalhou pelo meu corpo e fez minhas bochechas corarem, mas não pude evitar.

Ele lentamente me abaixou novamente, diminuindo seu aperto apenas um pouquinho. Com meus pés firmemente de volta ao chão, Luke beijou minha testa. Seus lábios eram quentes e suaves, demorando-se um pouco demais. O toque suave enviou um arrepio pela minha pele, que me fez parar e respirar fundo.

Minhas mãos deslizaram dos ombros até o peito dele.

— Feliz aniversário, Aspen, — ele disse em voz baixa, baixando a cabeça para que seus olhos azuis encontrassem os meus.

Engoli o caroço que se formou na minha garganta, então sorri. — Obrigada.

A porta da frente se abriu atrás de nós e eu me afastei dele. Ele reprimiu uma risada quando nós dois olhamos para a pessoa em pé na porta.

A mãe dele.

Ela era apenas sete centímetros mais alta que Abuelita, mas Gabriela Taylor era uma das mulheres mais bonitas que existia. Não era mentira. Apostaria dinheiro nisso... se ela não tivesse se casado aos vinte anos, ela teria sido uma rainha da beleza por anos.

Ela tinha cabelos negros e espessos que pendiam e balançavam em seus ombros em cachos perfeitos. Um sinal pontilhava sua pele logo



abaixo de seu lábio cheio inferior... lábios que estavam permanentemente cobertos num vermelho escuro que complementavam sua pele morena injustamente suave com perfeição.

Seus olhos eram grandes e escuros, cercados por cílios e emoldurados por sobrancelhas grossas como o cabelo em sua cabeça.

E aqueles mesmos olhos estavam brilhando de diversão enquanto olhavam para mim e Luke.

— Ele te mordeu?— Gabriela olhou para mim, a cadência de um sotaque mexicano ainda tingindo suas palavras.

— Me beliscou, — eu menti.

Droga. Estava esperando que nenhum deles tivesse notado meu pequeno sobressalto.

— Bem no braço, — Luke continuou, mentindo muito mais suavemente do que eu. — Eles ainda estão brigando?

Gabriela voltou o olhar para ele, uma sobrancelha levantando-se lentamente. — O que você acha?

Ele suspirou.

Ela fechou a porta e saiu descalça para o degrau mais alto. — Eles estavam quase terminando de discutir sobre a maldita salsa até Valentina se envolver.

— Uh-oh, — eu murmurei.

— Hum, — ela murmurou. — Algo sobre por que eles não podiam se dar bem, então mamãe perguntou por que ela não podia manter as calças dela. — Ela suspirou, passando os dedos pelo cabelo, deixando-o despenteado.

Luke se virou para mim, sorrindo. — Tem certeza de que quer entrar aí?



— Sua casa é uma zona de guerra permanente. — Enfieei meu cabelo atrás da orelha. — E, como eu disse, não quero a ira de Abuelita sobre mim. Aquela mulher carrega raiva como formigas carregam comida.

— Constantemente, e com força inacreditável para uma pessoa tão baixa. — Gabriela riu, assentindo.

— Você que o diga. — Luke deu um tapinha na cabeça dela, e ela respondeu ficando na ponta dos pés e batendo na cabeça dele por trás. Ele estremeceu, esfregando a orelha e eu ri, seguindo-a para dentro.

— Você deveria ser mais esperto que isso, — eu atirei em sua direção com um sorriso largo.

Ele resmungou algo baixinho, andando atrás de mim, ainda esfregando a cabeça.

A discussão era intensa. Uma mistura psicótica de espanhol e inglês, a maior parte do inglês ruim por parte de Abuelita.

O inglês perfeito? Esse era o pai de Luke, gritando com as “malditas mulheres loucas” em sua casa.

Era uma coisa boa que eles viviam um pouco fora do caminho e realmente não tinham nenhum vizinho. Embora, para ser honesta, era provavelmente por isso que eles viviam aqui.

— Já chega!— Gabriela gritou, deixando os outros em silêncio no cômodo.

Abuelita pôs as mãos nos quadris. — Você a deixou aqui!

Gabriela beliscou a ponte do nariz. — Eu não deixei. Ela entrou, *madre*. — Ela disse algo em espanhol, algo que eu não entendi, e então apontou para Valentina que estava no canto com uma carranca no rosto.



Muito parecida com Gabriela, Valentina era incrivelmente bonita, mas ela era a mais difícil dos dois filhos mais novos de Abuelita, e isso aparecia em seus traços.

Gabriela continuou em espanhol fluente, mal respirando enquanto repreendia a mãe e a irmã. Elas gritaram de volta, os braços acenando enquanto a conversa aparentemente se aquecia.

Luke agarrou meu braço e me guiou para fora da cozinha, acenando para seu pai. — Ignore-as. Abuelita vai te perdoar se ela perceber que estava agindo como uma criança de cinco anos quando você veio vê-la... no seu aniversário.

Eu o cutuquei quando voltamos pela porta da frente para o jardim. — Falando do meu aniversário, onde está meu presente? Não é como se você realmente tivesse esquecido.

— Seu presente serei eu entregando você ao seu apartamento e tirando seu cabelo do rosto enquanto você vomita. — Seu tom estava seco enquanto caminhávamos para a entrada. — A que horas nos encontramos hoje à noite?

— Pare de mudar de assunto. — Fiz uma pausa no meu carro. — E isso não é um presente, é seu dever como meu melhor amigo. Nós dois sabemos que Tom fará o mesmo por Blaire.

— Sim, — ele disse devagar, com os lábios curvados. — Mas Tom é o namorado dela.

— Eu não tenho um desses.

— Estou ciente.

— O que significa que é o seu trabalho.



— Eu não sei como me coloco nessas situações. — Ele balançou a cabeça e tirou as chaves do bolso. — Eu ia te dar isso mais tarde, mas já que você tem a paciência de uma fogueira perto de um fósforo...

Eu levantei as mãos. — Eu posso ser paciente. Contanto que você me diga o que é.

Ele lançou um olhar por cima do ombro e tirou um pequeno presente mal embrulhado do banco de trás. — Aqui.

Eu sorri, pegando-o como uma criança animada. Não podia evitar. Eu amava presentes. Era a única coisa boa sobre o meu aniversário, porque com certeza não era o vale-presente que meus pais haviam jogado no cartão de aniversário que enviaram... ontem.

Sentada no degrau mais alto, coloquei o presente no colo e rasguei o papel rosa. O conteúdo era macio, e quando tirei, o tecido preto virou uma camiseta.

Na frente, a imagem dizia: — Se sarcasmo queimasse calorias, eu seria uma cadela magra.

Passei a língua sobre o meu lábio superior, lentamente virando a cabeça para encará-lo.

Luke se inclinou contra o meu carro com um sorriso satisfeito espalhado em seu rosto. Seus olhos se iluminaram para um azul quase impossível, e a risada que estava escrita em todo o rosto e enfatizada com os ombros trêmulos era quase contagiante.

Quase.

Mudei minhas feições para uma cara séria e encontrei seus olhos. — Você está me chamando de gorda?

Sua diversão foi apagada de seu rosto. Seu sorriso desapareceu tão rápido que seus lábios formaram um pequeno 'o', e seus olhos se



arregalaram como se tivesse acabado de ser pego nos faróis... ou nu na praça da cidade.

— O quê? — Luke disse rouco, estendendo as mãos. — Não, eu só... é uma piada. Porque você é sarcástica. Além disso, é pequena. E...

Eu comecei a rir.

— Aspen! Foda-se!

Eu ri ainda mais, curvando-me, meu estômago doendo da minha própria brincadeira idiota.

Ele pegou o papel do meu colo, enrolou-o e jogou na minha cabeça.

Agarrando a camisa perto do meu peito, eu me levantei, correndo pelo caminho de terra, passando pelo meu carro, ainda rindo enquanto saía. Outra bola de papel me atingiu nas costas com tanta força que quase tropecei em uma pedra no caminho.

Eu me recuperei bem a tempo de me endireitar, mas parei de correr, ainda segurando a camisa junto. Virando-me, estendi a mão, soltando uma risada ofegante. — Eu sinto muito! Eu sinto muito!

Luke apontou para mim. — Você é uma merdinha!

Eu sorri abertamente. — Somos amigos há vinte anos. Você acabou de perceber isso?

— Não, eu sabia disso quando tínhamos oito anos, e você disse a Maisie Cooper que eu tinha piolhos porque você sabia que eu gostava dela e você a odiava!

— Ei, agora, ela era uma cadela! — Estendi ambas as mãos para cima agora.

— Nós tínhamos oito anos!



— Você acha que o radar de uma mulher para cadela tem um limite de idade? Rapaz, sente-se. Eu poderia reconhecer cadelas antes que eu pudesse usar o banheiro.

Seus lábios se contorceram de tanto rir. — Essa não é a questão!

— Essa é totalmente a questão. Ela era uma cadela. Não tente dizer que sua próxima revelação será que sou uma cadela.

— Não posso dizer isso. É seu aniversário.

— Droga, você não pode. Diga-me que você me ama em vez disso.

— Só por cima do meu cadáver.

Dei de ombros. — Assisto o suficiente de Investigação Discovery. Isso pode ser feito.

— Ah. — Ele colocou as mãos nos bolsos de trás e encolheu os ombros, parecendo muito mais gostoso do que tinha direito. — Mas, se me matar, quem vai segurar o seu cabelo quando você vomitar hoje à noite?

Estendendo meu braço direito, estiquei o elástico preto no meu pulso. — Foda-se diamantes. Eu tenho o melhor amigo de uma garota bem aqui. Um elástico de cabelo.

— Seu elástico de cabelo é seu melhor amigo?

— Sim. Ele amarra meu cabelo. Está lá em emergências. Pode consertar sutiãs num instante se você souber. E sabe de uma coisa? Meu elástico de cabelo nunca me julgou.

— Eu vi você dizer para eles se foderem quando quebraram.

— Sim, bem, alguns desses são cadelas também. Não é minha culpa que tenho cabelos volumosos. Eu não pedi por isso. — Eu bufei, abaixando meus braços para a minha cintura. — Obrigada pela minha camisa. Vou usar esta noite.



Ele sorriu. — Blaire vai te matar.

— É meu aniversário. Faço o que eu quiser. Se eu quiser aparecer de calça de moletom e chinelos, eu vou.

— Você disse isso a ela?

— Não. Eu gosto de surpreendê-la. — Sorrindo, passei por ele em direção ao meu carro. Estava abrindo a boca para dizer a ele que o veria mais tarde, quando a porta da frente de sua casa se abriu.

Abuelita correu para fora da casa, agitando os braços. — Aspen! Aspen! Você não vai! Eu faço tacos!

— Ela acabou de dizer tacos?— Eu perguntei a Luke.

Ele assentiu. — Ela fez três tipos. Apenas para você.

— Você fica!— Abuelita disse, sua saia vermelha escarlate agitando enquanto ela se arrastava para mim. — Você fica para tacos!

Levei a mão ao meu coração. — Tacos? Você acha que eu sou louca? Você sabe o caminho para o meu coração, Abuelita. Vamos lá.

O sorriso de Luke era largo e caloroso enquanto a pequena mulher agarrava minha mão como se eu fosse desaparecer. Ela quase me arrastou para dentro da casa, balbuciando sobre os tacos, salsa e guacamole que ela fez esta manhã para o meu aniversário.

Tacos.

A maneira de Abuelita de te dar um bolo de aniversário.

Eu estava aqui para isso.



Capítulo 11

Aspen

Tequila Tequila, Shakira Shakira

— Você tem namorado?— Abuelita disse, olhando-me por cima de sua xícara de café.

Limpei a boca depois de dar uma mordida no meu taco duro. Estava crocante e saboroso, o frango desfiado no interior temperado com perfeição. — Na verdade eu...

— Você não mentir, — ela disse, mal batendo uma pálpebra enquanto soprava o líquido quente.

— Estou sozinha, — eu continuei, colocando o taco no suporte elegante que ela tinha e pegando minha água.

Ela assentiu devagar. — Você conhece Sebastian? Ele solteiro. Bonito. Bom trabalho.

Luke me olhou. — Médico assistente.

Atirei-lhe um olhar que dizia que eu queria cortar suas bolas, antes de me voltar para Abuelita. — Eu o conheço, mas eu...

— E Pedro... ele está solteiro agora. Mais bonito que Sebastian. — Abuelita não parou para me ouvir. — Emmanuel acabou de se formar.

— Emmanuel é um pouco jovem para mim, — eu disse diplomaticamente, pegando meu taco de volta.



— Ivan é solteiro. Ele gosta de você. Você é bonita. Ele é bonito. Ele tem bom trabalho, — Abuelita continuou, pegando uma colherada de açúcar e colocando no café.

— Ivan é muito legal, — respondi. — Mas eu...

— Você não gosta de Ivan? Manuel. Manuel é perfeito! Ele é bonito. Bonito estava se tornando um tema dessa conversa.

— Ele procura uma boa esposa como você. Você cozinha?

— Eu sei cozinhar, — eu disse hesitante.

— Você limpa?

— Até que os animais sigam o exemplo da Disney, eu limpo.

— Você tem filhos?

— Abuelita, — Luke interveio. — Ela está sendo educada. Você não pode ver isso?

Suas sobrancelhas subiram e ela olhou de mim para ele, antes de responder em espanhol que eu não entendi.

— Não, — Luke respondeu em inglês. — Ela não quer namorar com Sebastian, ou Pedro, ou Emmanuel, ou Ivan, ou Manuel.

Ela apertou a mão no peito e olhou para mim com os olhos arregalados. — Você não quer?

Obrigada, Luke.

— Não realmente, — eu disse em tom de desculpa. — Honestamente, Abuelita, estou feliz por ser solteira.

— Eu casar com sua idade, — ela retrucou.

— Sim, mas alguém precisa cuidar de Luke.

Ela suspirou, baixando a mão para segurar sua xícara. — Ele precisa de boa menina. Você se casa com ele.



— Não, — Luke e eu dissemos ao mesmo tempo. — Estamos bem, — ele continuou.

Abuelita bufou, empurrando a cadeira para trás. Ela rangeu contra o chão de madeira quando se levantou e levou o café para a sala ao lado sem outra palavra.

Luke encolheu os ombros. — Velhos. São estranhos.

— Sim, certo, isso é uma boa generalização, — eu disse, pegando meu taco de novo. — Não é só porque ela é louca pra caralho.

— Oh, ela é louca pra caralho. — Ele encontrou meus olhos. — Nós nos casamos? Até parece.

— É o suficiente com você como meu melhor amigo. — O bufo me deixou sem outro pensamento.

Sua risada ecoou a minha. — Exatamente. — Ele se levantou e beijou o topo da minha cabeça. — Termine seus tacos, Miss Piggy, e eu te vejo mais tarde.

Mostrando-lhe o dedo, eu empurrei o último pedaço do taco na minha boca e peguei outro.

— Eu não me importo com o que Shakira diz, — eu disse, jogando a saia do outro lado do meu quarto. — Os quadris mentem.

Blaire revirou os olhos, lançando-me uma calça jeans skinny da minha cômoda. — Luke me disse que você comeu seis tacos em sua casa mais cedo.

Eu comi. Comi seis tacos e não me arrependi nem um pouco.



— Não me julgue, — eu disse, sentada na beira da cama. — Não é culpa dos tacos que eu sou gorda.

— Sim, você é tão gorda que poderia ir para o Sea World, e eles gostariam colocá-la em exibição, — ela disse. — Tente dizer isso quando não estiver colocando um jeans tamanho trinta e oito.

Eu verifiquei a etiqueta. — Esse é um quarenta.

— Não seja uma idiota.

— Não seria, mas eu sou uma idiota. — Puxei o jeans por cima da minha bunda e abotoei com sucesso. — Ah-ha! Meu amor pelos tacos vai viver mais um dia.

Blaire olhou intencionalmente para o botão. — Mas provavelmente não muito mais que isso.

Peguei uma almofada da cama e joguei na cabeça dela. — É meu aniversário. Não há uma regra para colocar sua cadela de volta em sua caixa hoje?

— Sim, mas acho que me cansei disso depois que mandei uma mensagem para você esta manhã. — Ela encolheu os ombros, abrindo minha gaveta de roupas íntimas. Tirando o sutiã que deixava meus peitos ficarem bonitos, ela jogou em mim. — Troque seu sutiã. Isso faz as meninas parecerem que querem estar lá.

— Você quer que eu transe esta noite?

— Bem, uma de nós tem que transar. Minha menstruação veio ontem, então se eu não puder...

— Eu não vou transar.

— Você está menstruada também?

— Não mais, mas essa não é a questão. — Eu troquei meu sutiã enquanto ela estava de costas e vasculhando minhas blusas no armário.



— Então, transe, — ela respondeu.

— Eu não quero transar. Não deu muito certo da última vez, não foi?

Com isso, ela fez uma pausa antes de se virar e olhar para mim. — Você está certa. Tom te levará para casa esta noite, caso você exponha sua grande vagabunda novamente.

— Minha grande vagabunda?

— Sua vagina, — ela disse sem piscar. — Sua grande vagabunda.

— Eu nunca tive minha vagina referida como uma grande vagabunda na minha vida, — eu respondi. — E não acho que quero que seja novamente.

Ela encolheu os ombros. — Mantenha-as fechadas, então. Como meu coração.

— Como o seu coração minha bunda. Você está completamente apaixonada por Tom, e tem sido desde que você colocou os olhos nele quando tínhamos quatorze anos. Cale a boca. — Peguei a blusa dela e joguei na cama. — Vou vestir esta.

Blaire olhou para a camiseta que Luke tinha me dado hoje cedo e começou a rir. — Normalmente, eu diria a você onde enfiá-la, mas isso é tão bom que eu nem vou dizer uma palavra. Por favor, me diga que você o acusou de dizer que você estava gorda.

— Eu disse, e foi tão bom. Ele caiu direitinho. — Puxei a camisa por cima da cabeça e passei os braços pelos buracos. Ficou perfeita em mim... com a elasticidade certa de que minha indulgência excessiva em tacos algumas horas atrás não era visível no cóis da minha calça jeans.

Eu juro que se Luke não fosse hétero...



— Ele seria um grande estilista se fosse gay, — Blaire meditou, olhando como a camiseta se ajustava. — Como ele sempre sabe dimensionar para o seu conforto e para os meus peitos?

— Provavelmente porque eu nunca uso nada apertado por causa da comida de Abuelita, e você constantemente reclama de empresas de roupas que nunca consideram mulheres com peitos grandes.

— Elas não consideram! Você viu essas coisas? — Ela segurou seu peito bastante significativo. — Você acha que eles fazem “tamanho peito 44 plus” para as peitudas dentre nós? Não. E nem me faça falar na parte de cima dos biquínis.

— Ok, eu não vou. — Eu dei de ombros. Eu não tinha exatamente peito pequeno, mas eu não era bem a arma ambulante que Blaire era, isso era certo.

Ela tinha os peitos. Eu tinha a bunda.

Coloque-nos juntas e nós assustaríamos até as Kardashians.

Levantei e olhei todos os meus ângulos no espelho de corpo inteiro em frente à minha cama. Eu colocaria um par de saltos e um bom quimono para manter Blaire feliz. Ainda não mudava o fato de que tudo o que eu queria fazer era colocar uma calça de moletom e assistir a reality shows na TV, mas fiquei confortada pelo fato de ninguém em nosso círculo de amigos tinha um aniversário até o começo de outubro agora.

Meu fígado iria ter um tempo.

Talvez.

Quem sabe quando Blaire iria inventar um motivo para ficar bêbada?

Ela poderia fazer isso enquanto dormia.



E não tinha motivos para acreditar que ela não faria todos os truques em seu pequeno manual hoje à noite.

E eu estava mais do que um pouco assustada com isso.

— Para Aspen! — Tom fez o brinde, levantando a tequila bem acima da cabeça.

Esse era a quinta dose.

Eu não tinha certeza se queria beber.

Mas beberia. Eu era fraca, e realmente não estava a meu favor que Blaire notou minha hesitação. Ela estendeu a mão, inclinando a dose na minha boca antes que eu tivesse a chance de perceber o que ela estava fazendo.

A tequila queimou quando desceu, e Blaire se afastou enquanto eu enrugava o rosto.

— Ahhh! Eu não estava pronta! — Eu gritei, rindo na minha mão logo em seguida.

— Você é boa, você está bem, você consegue! — Blaire acenou com a mão, o copo vazio se movendo com ela. — Apenas engula!

— Isso é o que ela disse! — Justin gritou do outro lado da mesa.

Mostrei-lhe o dedo enquanto bati o copo na mesa. Não havia limão... eu não sabia o que fazer comigo mesma.

— Ei, Dec! — Will recostou-se e acenou em direção ao bar. — A princesa aqui precisa de um pouco de limão!

— A princesa vai chutar sua bunda! — Eu gritei, pegando o copo de água do centro da mesa.



Declan riu, levantando um dedo. — Vocês me dão um minuto. As próximas rodadas estão chegando. Sal, tequila, limão. Perfeito para a princesa. — Ele lançou um olhar para mim e piscou.

— Eu não sou uma princesa! — Eu gritei.

Luke puxou meu cabelo. — Então por que você está usando uma tiara?

Meus dedos tocaram na tiara que fui agraciada poucos segundos depois de atravessar a porta. — Eu fui obrigada. Não é minha culpa. Foi empurrada na minha cabecinha!

— Cabecinha? Isso inclui o seu ego? — Justin sorriu.

Apontei para ele. — Você. Eu não gosto de você.

Ele riu, junto com todos os outros.

— Tequilaaaa! — Blaire gritou, estalando os dedos quando Declan nos apresentou duas grandes bandejas circulares.

Sal. Tequila. Limão.

Eu não sabia se poderia fazer um sexto brinde.

Jesus.

Eu não me inscrevi para isso.

Luke empurrou uma dose de tequila na minha direção, com o saleiro e a fatia de limão.

Enruguei meu rosto. — Eu preciso de férias de todos os instigadores.

A mesa inteira explodiu em gargalhadas — Luke, Blaire, Tom, Justin, Will, Sean.

Tudo isso me ensinou que eu precisava de mais amigas.

Ou talvez não. As mulheres eram cadelas. Ninguém precisava de mais cadelas em suas vidas do que o absolutamente necessário.



Enfim...

Eu já me arrependi disso.



Capítulo 12

Luke

Bombas da verdade

Passei meu braço ao redor de Aspen, ajudando-a a sair do táxi. O motorista riu quando ela quase tropeçou em seus próprios pés.

Seus pés descalços.

Eu roubei seus saltos uma hora atrás.

Dei 20 dólares ao irmão de Declan pelos seus problemas e fechei a porta. Sabia que tinha ficado sóbrio esta noite por uma razão, e isso porque Aspen e Blaire tinham o autocontrole de um pedaço de papel debaixo de uma torneira aberta.

E eu não queria uma repetição do último final de semana.

— Há uma calçada aí, — eu disse, parando bem perto. — Acha que pode levantar um pé sem cair?

Aspen colocou a língua para fora do lado da boca, estreitando os olhos. Ela se inclinou tanto para frente que a única coisa que nos impediu de cair foi o fato de que a força da parte superior do meu corpo sobrepujou todo o seu corpo.

Isso foi um claro não.

— Salte. — Eu mal contive uma risada quando ela pulou na calçada.

— Ah-ha! — Ela socou o ar com o punho. — Consegui!

Ai Jesus. É como se ela estivesse no Pac-Man ou algo assim.

— Ok, pequena exuberante, vamos para a cama.



— Eu quero comiiiiiiida, — ela disse, envolvendo o braço em minha cintura. — Abuelita me deu quesadilla?

— Sim, — eu disse lentamente, introduzindo o código para a porta do apartamento e levando-a para dentro. O elevador parecia uma aposta mais inteligente agora. — Quer que eu aqueça um pouco?

— Mmm, quesadilla. — Ela soluçou, então riu.

Ela era uma bêbada adorável. Sério, ela era tão fofa. Ela ria como uma criança, e seus soluços eram tão silenciosos, mas fortes.

Apertei o botão para o andar dela quando ela se inclinou para mim, rindo aparentemente de nada. Ela estava bêbada. A única coisa que a salvaria agora era, literalmente, comer seu peso em carboidratos para forrar seu estômago e beber um litro de água na esperança de que seu corpo retivesse as coisas.

Amanhã seria uma piada.

A última vez que ela esteve tão bêbada, ela tinha vinte e um anos.

Outra noite eu fiquei sóbrio, assim como ela ficou no meu aniversário.

Para que serviam os melhores amigos?

— Vamos, Asp. Vamos subir e sair desse jeans.

Ela riu. — Eu estou muito consciente da minha calça.

— Você está bonita nela, — eu disse sem pensar. — Mas eu acho que você vai me odiar amanhã se eu te deixar usá-la para dormir.

— Eu nunca poderia te odiar. — Ela deu um tapinha no meu estômago.

Sim, bem, se ela pudesse se lembrar do último fim de semana, ela provavelmente iria.



As portas do elevador se abriram. Eu a guiei para fora, depois peguei sua bolsa.

Ela se afastou de mim, assumindo uma posição ninja com a bolsa apertada em seu corpo. — O que você está fazendo?

— Pegando suas chaves, — eu disse lentamente. — Então eu posso aquecer suas quesadillas, Jackie Chan.

Ela olhou para a bolsa, arregalando os olhos. — Oh. Quesadilla! — Ela pegou suas chaves mais rápido do que qualquer pessoa que tivesse consumido seu peso corporal em tequila deveria ser capaz, e jogou-as para mim.

No chão, para ser mais preciso.

Suspirando, eu me abaixei e peguei o molho desordenado de chaves do chão na frente dos meus pés. — Sim, quesadilla. Você acha que pode andar daí até a porta?

Ela estendeu os braços para os lados para equilibrá-la como se eu estivesse pedindo para provar que estava sóbria. Língua para fora novamente, ela se concentrou muito em colocar um pé na frente do outro até que ela chegou a mim...

Dois passos à direita de onde ela havia começado.

Ei, pelo menos ela podia andar.

Destranquei a porta da frente dela e fiquei de lado para que ela pudesse entrar. Ela estava indo muito bem até que os dedos dos pés entraram em contato com um tênis. Essa foi sua ruína. Ela tropeçou no tênis, gritando, caindo tão rápido que nem eu consegui pegá-la.

Aspen aterrissou no chão com um baque, mas caiu, rolando de costas com uma risada.

Cara.



Eu mal podia esperar para contar a ela que aquelas contusões vinham de um tênis.

Agora, no entanto, eu balancei a cabeça e ajudei sua bunda bêbada a levantar-se. Finalmente consegui forçá-la ao sofá e tirar as quesadillas da geladeira para esquentar.

Cuidar da sua melhor amiga bêbada era um trabalho duro.

Ninguém te disse isso.

Pague seus impostos, eles disseram. Pague seu aluguel, sua TV a cabo e sua eletricidade. Certifique-se de que seu carro tem seguro.

Ninguém nunca me disse para ter certeza de que minha melhor amiga poderia levar seu traseiro bêbado para a cama.

Não.

Por outro lado, ela provavelmente se sentiu assim comigo muitas vezes.

Amizade. Não importa, nos bons e maus momentos. Por meio da tequila ou sóbrio deveria ser o lema.

Aspen arqueou as costas e tirou o jeans. Parei por apenas um segundo antes de voltar minha atenção para o forno e a comida que eu estava aquecendo nele.

Eu estava com fome, e se ela estivesse com fome ou apenas com fome de álcool, ela precisava comer.

Eu não queria limpar o vômito dela amanhã.

— Luke, — ela perguntou do sofá, olhando para a mão.

— Sim?

— Posso beber um pouco de água?

Veja. Aspen sóbria estava aí em algum lugar.



— Certo. Me dê um segundo. — Retirei uma garrafa da geladeira e caminhei para entregar a ela. — Eu até abri a tampa para você.

— Você diz isso como se eu fosse uma criança, — ela disse, olhando para a garrafa de água.

— Sim, bem, quando você puder dizer “criança” como uma pessoa normal, eu vou deixá-la abrir sua própria água. — Escondi minha risada quando voltei para a cozinha.

Ela rolou a cabeça para trás. — Isso tem um cheiro bom.

— Quesadilla de Abuelita. Então deveria, — eu disse, checando o forno.

— Nham. Estou com fome. — Ela fez uma pausa. — Eu bebi muita tequila hoje à noite, não bebi?

— Bebeu, — eu confirmei. — Blaire é uma péssima influência para você.

Aspen suspirou, afundando no canto do sofá. — É por isso que eu queria assistir filmes. Sem tequila. Sem asas. Sem refluxo gastroesofágico.

— Ela fez uma pausa. — Sem você.

— O que diabos há de errado comigo?

Virando a cabeça para o lado, ela sorriu, mas foi um sorriso triste. — Nada. Eu te disse que você é perfeito?

— Não hoje, Asp. — Eu verifiquei o forno e tirei as quesadillas. O silêncio reinou enquanto eu servia em pratos e levava para a mesa de café. — Você acha que pode usar uma faca e um garfo?

Aspen olhou para mim, caindo para trás na cadeira. — Eu não sou uma criança.

Eu levantei as mãos.



Ela pegou sua quesadilla com as duas mãos, mordendo como se fosse um burrito.

Eu fui, felizmente, inteligente o suficiente para não dizer uma palavra.

E ainda diz que não é uma criança.

Comemos em silêncio, exceto pelos soluços aleatórios de Aspen. Tive que me controlar para esconder meu riso toda vez, principalmente porque ela franzia a testa para sua quesadilla como se fosse culpa dela.

Eu só me deixei rir baixinho quando levei meu prato para a pia.

— Eu sei que você está rindo, — Aspen falou de forma arrastada, soluçando novamente. — Vou escrever para a empresa de tequila. Eles quebraram meu diafra... diaf...

— Diafragma?

— Sim! — Ela apontou para mim, caindo sobre o sofá até que estava deitada de bruços. Outra risadinha e soluço. — Diafragma! Essa é a peste!

— Não tem nada a ver com peste, Asp.

— Tanto faz. Eu vou reclamar. Eles me quebraram!

— Não, o que quebrou você é a sua incapacidade de andar sozinha. E comer um jantar decente, porque seis tacos às duas da tarde antes de começar a beber não é jantar.

Ela sorriu sonhadora. — Mas aqueles eram bons tacos.

— Sim, — eu disse devagar. — Mas você estava bebendo com o estômago vazio.

— Nããão. Ainda posso sentir os tacos aqui. Eu não fiz cocô ainda!



Fechei os olhos e belisquei meu nariz. Esqueci quão... divertida... ela era quando eu também não estava bêbado. — Bem, isso foi um pouco de informação demais.

— Oh não. — Seus olhos se arregalaram e ela tombou para se sentar. — O meu cocô deveria ser um segredo?

— Eu prefiro que continue assim. — Andei e estendi minhas mãos. — Vamos. Acho que você deveria ir para a cama agora. Curar esses soluços.

Ela riu, outro soluço interrompendo-a, e colocou as mãos nas minhas. Ela estava definitivamente instável em seus pés, então eu desisti com as mãos e passei meu braço ao redor dela novamente.

— Segredos são divertidos. — Ela se inclinou para mim, fazendo-me cambalear contra o batente da porta.

— Porra, mulher. Pelo menos, tente colocar um pé na frente do outro.

— Oh. Certo. Desculpe. — Ela baixou o queixo e olhou para os pés. Sua língua cutucou o lado direito de sua boca, e ela mordeu, cuidadosamente colocando seu pé direito na frente do esquerdo.

Nós estaríamos aqui a noite toda.

— Tudo bem. Venha aqui. — Paramos, depois me inclinei, passando um braço atrás dos joelhos dela e a levantei.

Ela soluçou, depois começou a rir, segurando meu pescoço. Eu a levei para a cama e a abaixei.

— Vou ajudá-la a tirar seus jeans, ok? — Eu olhei para ela.

Aspen empurrou o cabelo do rosto e apoiou-se nos cotovelos. Seus olhos estavam arregalados, olhando para mim como se eu tivesse acabado de chutar seu filhote. — Você vai tirar meu jeans?



— Você quer dormir nele?

Seus ombros tremiam, então, bem. Em seguida, ela gargalhou.

Eu pisquei para ela.

— Você vai tirar meu jeans!— Ela sussurrou, cobrindo a boca com a mão. — Ohhhh! Isso vai acontecer de novo?

— O que vai acontecer de novo?

— *Sssshhhhhh*. Nada. É um segredo! — Ela bateu o dedo contra os lábios para fazer ‘shh’. Ela fez isso por mais alguns segundos antes de se abaixar e abrir o botão de seu jeans.

Fiz uma careta, mas não disse nada. Eu a ajudei a tirar a calça jeans apertada pelas pernas e pés. Jogando no chão, estendi a mão e puxei as cobertas.

Aspen bocejou. — Oh. Não está acontecendo de novo. Bom.

Ainda segurando as cobertas, eu disse: — O que não está acontecendo?

Ela olhou ao redor do quarto, os olhos cor de mel correndo de um lado para o outro. — Eu não posso te dizer.

— Então pare de falar sobre isso.

— Eu não posso!— Ela engasgou, cobrindo a boca novamente. — Mas não posso dizer. Não. É um segredo.

— OK. Isso é a tequila falando. — Coloquei as cobertas sobre ela e apaguei a luz da mesa de cabeceira. — Boa noite, Asp.

— Você está indo?

— Eu vou dormir no sofá. Eu não quero que você vomite em mim mais tarde. — Eu sorri.

— Você vai ficar se eu te disser?

— Dizer o que?



— O segredo, — ela sussurrou. — Mas você não pode contar a Luke.

Abri a boca para lembrá-la de que eu era Luke, mas parei.

Eu queria saber que diabos de coisa adorável ela estava falando.

— Eu não vou contar a Luke, — eu disse devagar.

Ela se aconchegou bem debaixo das cobertas e deu um tapinha na cama ao lado dela. Quando me sentei, ela disse: — Você promete que não vai contar a ele?

— Eu não direi nada a ele. Prometo, — eu respondi.

Bem, eu não ia contar, não é? Não era como se eu pudesse contar a mim mesmo um segredo.

— OK. Ok. — Ela respirou fundo. — No último fim de semana, eu tive um sexo muito ruim com Luke.

Porra.

— Tipo, muito ruim. — Ela fez uma pausa. — E eu não posso dizer, porque ele não se lembra, e é meu melhor amigo.

Porra.

— E é estranho, — ela disse, soando ainda mais cansada. — Porque ele é meio gostoso, — ela suspirou. — E eu tive um sonho erótico...

Espere... o quê?

— Onde era melhor que o mete-mete-goza... — ela terminou em um bocejo.

Eu esperei, mas ela não disse mais nada. — Aspen?

Um pequeno bufo me respondeu, e quando olhei, seus olhos estavam fechados. Ela fechou os lábios, lambendo o inferior, e parou.

Ela apagou.

E não havia nenhuma maneira que eu fosse conseguir dormir esta noite.



Ela lembrava.

Ela se lembrava daquela noite, e eu também, e agora nossa amizade mudou irrevogavelmente.

Não havia nenhuma maneira que ela iria esquecer o que disse ontem à noite. Não havia como eu seguir em frente como se ela não tivesse dito nada. Eu tinha que contar o que ela tinha me dito e admitir que lembrava do fim de semana passado também.

Se não contasse, o segredo poderia ser a única coisa que mataria a nossa amizade.

Tudo bem quando eu achei que ela não soubesse. Foi mais fácil antes. Eu poderia seguir em frente daquela noite ruim, e quaisquer pensamentos remanescentes que eu tivesse sobre ela, além de ser minha melhor amiga, acabariam morrendo.

Agora?

Não.

Agora era diferente. Não havia como voltar daqui.

Descansei minha testa contra o balcão da ilha e apertei os dedos atrás do pescoço. O mármore estava frio contra a minha pele e era reconfortante. Graças a Deus alguma coisa estava porque meu estômago estava em nós.

Peguei meu telefone e olhei a hora. Recebi uma nova mensagem de Blaire.

Blaire: Aspen ainda está acordada?



Eu: Não. Graças a Deus.

Blaire: Por quê? Ela tentou fazer striptease para o síndico do prédio de novo?

Eu: Não, mas você quase mostrou ao bar uma segunda lua cheia.

Blaire: Eh. Eu estava apenas dando a eles a perspectiva de um alienígena em outro planeta. O que foi?

Passei os dedos pelo meu cabelo. Se Aspen se lembrava, isso significava que Blaire já sabia sobre o último final de semana.

Porra, eu sabia que precisava falar com alguém sobre isso.

Eu: Ela me contou o que aconteceu no final de semana passado. Ela estava tão bêbada que pensava que eu era outra pessoa.

Blaire: Porra.

Blaire: Hum, eu não sei mais o que dizer.

Eu: Eu lembrava, Blaire. Não achei que ela lembrasse, por isso não disse nada.

Blaire: LOL. O QUE? VOCÊ LEMBRAVA?



Bem, alguém tinha que rir dessa merda. Com certeza não ia ser eu tão cedo.

Eu: Como diabos isso é engraçado?

Blaire: Você está me dizendo que ambos andaram por aí durante a última semana, sabendo que fizeram sexo, mas fingindo que não se lembravam?

Eu: Admitir que eu durei dois minutos não está na minha lista de desejos.

Blaire: Eh, você estava bêbado. Tom nem consegue levantar quando bebe tanta tequila. Você já está ganhando.

Impressionante. Isso era o que eu queria saber.

Eu: Eu não preciso saber sobre o pênis dele. Preciso da sua ajuda.

Blaire: Vocês precisam falar sobre isso. Não é um grande problema, Luke. Aconteceu. Foi ruim. Vocês estavam bêbados. Foi um erro. Vocês podem admitir isso e seguir em frente.

Eu: Não é tão simples assim. Ela é minha melhor amiga.

Blaire: Então foda com ela corretamente para tirar isso da cabeça e seguir em frente depois disso.



Eu: Essa é a sua solução? Foder com ela de novo?

Blaire: Sóbrio desta vez.

Eu: Isso não ajuda.

Blaire: Isso é tudo que tenho. Estou de ressaca. Tente mais tarde.

Suspirei e desliguei meu telefone. Ela não ajudou em nada. Não que eu esperasse que ela fosse.

Esfregando meu rosto, saí do banquinho e fui buscar água na geladeira. Peguei uma segunda garrafa para Aspen e encontrei a garrafa de Aspirina na gaveta. Tirei dois comprimidos para ela, depois dois para mim.

Não porque eu estava de ressaca.

Eu só tinha a pior dor de cabeça do mundo.

Engoli as pílulas e bebi água.

E suspirei novamente.

Porra. Eu não tinha ideia de como lidar com isso. A conversa tinha que acontecer, mas como? Como? Como diabos digo a ela o que ela tinha dito, a menos que ela mencionasse isso?

A porta do quarto dela se abriu, e eu virei a tempo de ver um vislumbre de cabelo castanho entrar no banheiro.

Imaginei que estava prestes a descobrir.

Quando ela terminasse de vomitar.



Capítulo 13

Aspen

Uma ressaca, uma janela e uma almofada

Eu estava morrendo.

Essa era a única explicação para essa sensação. Meu estômago estava se contraindo, minha cabeça latejava e, apesar de ter acabado de vomitar pela terceira vez, minha língua parecia felpuda... como se alguém tivesse colado bolas de algodão nela.

Sentei-me no banheiro, usando a mão para me proteger do brilho que entrava pela janela. A primeira coisa que tive que fazer foi dar descarga no banheiro e tirar o vômito dos meus malditos dentes.

Levantar foi quase impossível. Juro que minha cabeça pesava mais do que a minha bunda... pelo menos, parecia assim. Mas consegui escovar os dentes sem vomitar.

Deus, eu me sentia horrível.

Eu realmente deveria ter comido novamente antes de beber. Os tacos em torno das duas horas não foram suficientes. Não quando Blaire está liderando o processo de bebida.

Com muito cuidado, peguei meu robe da parte de trás da porta e vesti-o, amarrando o cinto frouxamente ao redor da minha cintura. Deus sabia que eu não precisava de nenhuma pressão no meu estômago agora.

O rosto sorridente de Luke foi a primeira coisa que vi quando saí do banheiro.



— Não, — eu falei, levantando um dedo. — Nem mesmo vá lá.

— Água. Aspirina. No balcão. — Ele acenou com a cabeça em direção à garrafa com a condensação escorrendo pelo lado dela.

— Obrigada. — Fui cautelosamente até a ilha, abri a garrafa e tomei as pílulas com alguns goles de água. Estremeci quando engoli.

Não era nada bom.

— Como você está se sentindo? — Luke perguntou, parecendo muito presunçoso por trás de sua mão.

— Não grite, — eu sussurrei. — Você é muito barulhento.

— Não, você só está de ressaca, — ele respondeu. — E não estou surpreso. Você estava bêbada.

Gemi e me inclinei contra o balcão na frente da pia. — Eu não me lembro de nada depois, do que? Nove? Nove e meia?

Suas sobrancelhas se ergueram. — Qual é a última coisa que você lembra?

— Blaire pediu uma rodada de Tequila Sunrise, mas você não queria a sua, então eu bebi as duas. — Esfreguei a minha testa como se isso aliviasse a dor. — Como voltamos para cá?

— O irmão de Declan. Ele nos trouxe de volta por volta das onze.

— Onze? Santo Deus.

Luke assentiu, os lábios se contorcendo. — Você estava muito bêbada. Nós voltamos e você estava com fome.

Quesadilla.

Estalei meus dedos. — Você esquentou as quesadillas de Abuelita!

— Sim. E você comeu com os dedos.



Eu me perguntei por que meu dedo estava dolorido. Uma rápida olhada confirmou que eu tinha uma pequena queimadura no lado do dedo médio esquerdo. — Isso explica a bolha.

Ele olhou para mim incisivamente. — É tudo o que você lembra?

Havia algo que eu precisava lembrar?

Querido Deus. E se tivéssemos transado de novo? E se eu vomitei nele durante isso? Eu não poderia perguntar isso, poderia? Jesus, isso estava errado. Isso era uma merda.

— Hum, eu fiz algo que deveria lembrar?— Tentei manter meu tom leve e alegre, mas saiu um pouco hesitante demais para isso.

— Sim. — Ele assentiu com firmeza.

Franzindo a testa, tomei outro gole de água. — Eu mostrei alguma parte inapropriada do meu corpo para alguém?

— Não. Só eu quando te ajudei a tirar sua calça jeans.

Então foi assim que aconteceu. — Oh, Deus, eu não dei a Justin meu número, não é?

Ele riu. — Não, Aspen, você não deu a Justin o seu número. Eu nunca deixaria você fazer isso.

— Graças a Deus. Não fiquei com ninguém, não é?

— Sem pegação.

Fiz uma careta novamente. Eu não tinha ideia do que poderia ter feito. Mostrar meus peitos e ficar com um cara errado era o meu habitual preferido. Se eu tivesse feito outra coisa, ficaria perplexa.

Lembre-se, quebrar a cabeça não estava funcionando a meu favor. Eu não conseguia me lembrar de nada, exceto as quesadillas.

Hã.

As quesadillas.



Parecia que elas eram importantes.

— Tudo bem aí, Einstein? — Luke sorriu novamente.

— As quesadillas. Elas são importantes?

— Você está ficando mais quente. Continue pensando.

— Você não pode apenas me dizer?

Ele balançou sua cabeça. — Ah não. Isso é culpa sua. Tente lembrar.

Suspirei. Eu estava com muita ressaca para isso. — OK. Você fez quesadillas. Eu tive os soluços!

— Sim. Deixe-me saber como essa carta para a empresa de tequila por “quebrar o seu diafragma” vai.

Merda.

Eu disse isso.

Fechei meus olhos. — Deixarei, espertinho, deixarei.

Ele riu. — Continue.

— Eu caí? — Inclinei a cabeça para o lado. — Tropecei em alguma coisa?

— Seus próprios pés.

— Certo. Você me colocou na cama. Tirou meu jeans. Eu lembro agora. — Eu estava chegando perto. — Perguntei a você algo sobre fazer isso novamente.

Eu tinha um mau pressentimento sobre isso.

Ele assentiu com a cabeça, seu cabelo bagunçado sacudindo para frente e para trás. — Você foi muito, muito inflexível, você não poderia me dizer o que queria dizer com isso, então eu te cobri e apaguei a luz.

Ah não.

Eu estava lembrando.



— Depois eu disse que diria se você promettesse não contar a Luke.
— Eu estava congelada. Não conseguia me mexer. Exceto pelo meu coração. Que estava correndo uma maldita maratona dentro do meu peito. — E você prometeu.

— Em seguida, — ele disse lentamente, me encarando intensamente. — Você me disse que você e eu tivemos um sexo muito, muito ruim na semana passada.

A garrafa de água escorregou da minha mão. Já era. Bem no chão, onde explodiu, espalhando água pelo chão e armários.

— Oh Deus, — eu ofeguei.

E depois eu disse que não poderia contar a ele por causa da nossa amizade.

E que eu tive um sonho erótico sobre ele.

Oh.

Puta.

Merda.

Lentamente, coloquei as mãos no rosto, cobrindo a boca e nariz quando tudo que eu realmente queria era subir no balcão da cozinha, abrir a janela, e pular do meu apartamento no quarto andar.

Sim.

Minha cabeça doía o suficiente para que não importasse. A calçada de asfalto pode acabar comigo. Eu ia morrer de vergonha de qualquer jeito.

— Oh não, — eu sussurrei em minhas mãos, o som suave sendo abafado.

Luke fez uma careta, esfregando a nuca. — Eu tenho uma confissão a fazer.



— Continue. Isso não pode ficar muito pior. — Abaixei as mãos, apenas para trazê-las de volta e agarrar meu cabelo.

— Eu me lembrava.

O que? — O que?

— No último sábado. — Ele coçou atrás da orelha, olhando para longe de mim por um segundo. — Eu me lembrei disso. Eu não sabia como falar sobre isso, e quando você inventou essa história, eu percebi que você não conseguia lembrar e inventei algo aleatório.

Eu balancei a cabeça. Uma vez. Eu realmente não podia mexer tanto.

— Obviamente, agora eu sei que você inventou porque não queria falar disso.

— Eu pensei que você tinha esquecido! — Eu disse, minha voz um pouco estridente demais. Como um vilão em um filme da Disney. — Você me perguntou o que aconteceu e entrei em pânico! Eu nunca deveria admitir isso. Oh, meu Deus. Oh, meu Deus.

Eu me afastei do balcão e entrei na sala de estar. Isso não estava acontecendo, estava? Tinha que ser um sonho bêbado. Eu ainda estava bêbada. Ainda dormindo. No meu quarto.

Eu não tinha realmente dito isso a ele, tinha?

Eu tinha. Oh, Deus. Eu tinha.

Eu disse a ele que tínhamos feito sexo muito ruim.

Este era o pior dia da minha vida.

Eu me virei para encará-lo.

— Se isso faz você se sentir melhor, eu não tenho ilusões sobre o quão ruim esse sexo foi para você, — Luke disse, girando no banco. —



Apenas estrelas pornô gozam em dois minutos, e isso é por causa da edição inteligente.

Eu não pude evitar a pequena risada que me escapou, apesar de minhas bochechas queimarem. — Eu sinto muito.

— Pelo quê? Eu sou aquele que, como você disse, foi um mete-mete-goza.

Oh, Deus, isso poderia piorar.

Afundi no sofá, enterrando meu rosto em uma almofada. — Oh, *Deusssss*.

Ele não disse nada, e nem eu. Eu mal podia respirar com o meu rosto enterrado na almofada, mas isso realmente não importava. Eu não queria respirar. Eu queria desaparecer.

Não achei que poderia me sentir pior quando acordei vinte minutos atrás.

Quão ingênua eu tinha sido. Voltar a vomitar no banheiro. Aquilo era melhor que isso. Muito melhor.

Respirei fundo e levantei a cabeça para ver Luke em pé atrás do sofá com outra garrafa de água em suas mãos.

— Aqui, — ele disse. — Você precisa se reidratar ou vai se sentir pior.

— Não há literalmente nenhuma maneira de eu me sentir pior do que estou agora, — eu disse, pegando a garrafa. — Nem uma maldita chance. Aposto minha conta bancária.

— Isso não é realmente muita coisa, não é?

— Minha poupança. — Que estava em três mil e quinhentos dólares, muito obrigada.



— Oh, bem, então você está certa. Você provavelmente não pode.

— Ele encolheu os ombros largos e sentou no braço do sofá.

No lado oposto a mim.

Bebi um pouco da água, depois fechei a garrafa e olhei para a almofada no meu colo. Não conseguia acreditar que eu tinha ficado tão bêbada que nem sabia quem ele era.

Que estivesse tão bêbada que disse a ele a única coisa que jurei a mim mesma que nunca diria.

Agora o que diabos nós faremos?

Isso não era mais um segredo. Nós não poderíamos simplesmente fingir que isso nunca aconteceu.

— E agora?— Luke perguntou.

— Eu não sei. Não é como se pudéssemos fingir que nunca aconteceu. — Fiz uma pausa. — Há um elefante na sala e, ao contrário de você, tenho a sensação de que vai durar mais do que alguns minutos.

Seus lábios ficaram em uma linha plana. — Você sabe que foi por causa da tequila, certo?

Dei de ombros.

— Seu subconsciente sabe.

Viu. Eu *podia* me sentir pior.

— Dê-me seus dados bancários, — eu murmurei, minhas bochechas ardendo em brasa. — Vou transferir minhas economias.

Ele riu por trás de sua mão.

Ele sabia sobre o sexo. Sabia do meu sonho. Graças a Deus não sabia que tinha acontecido na noite em que ele ficou aqui.

— Se isso faz você se sentir melhor...

— Se seguir o tema da manhã, não faz, — eu disse.



— Provavelmente não, — ele concordou. — Mas eu tive pelo menos dois sonhos eróticos sobre você desde que isso aconteceu.

— Não devíamos tornar isto menos embaraçoso?

— Bem, guardar segredos não funcionou exatamente a nosso favor esta semana, certo?— Ele se levantou e foi até a máquina de café. — Café?

— Você pode adicionar arsênico?

— Eu posso, mas provavelmente não seria tão bom assim. — Encolhendo os ombros, ele pegou duas canecas e programou a cafeteira. — Olhe, Asp, aconteceu. Nenhum de nós tem que manter isso em segredo mais. Isso é uma coisa boa.

Sim, bem, foi uma coisa boa para ele. Ele conseguiu um orgasmo disso. Eu não recebi nada além de decepção e constrangimento.

Ah. A vida de uma mulher de vinte e poucos anos à procura de amor.

Decepção e constrangimento.

Eles não te disseram *isso* quando disseram que era hora de crescer.

— Eu não sei, — eu murmurei. — Eu meio que preferia quando era um segredo.

— Merda. — Ele trocou as canecas e olhou para mim. — É estranho, não é?

— O que, eu saber que você sabe que você é o pior sexo da minha vida? Nem um pouco. É agradável pra caralho.

— Uau. Me diga como você realmente se sente sobre isso.

— Eu sinto muito. Seus dois minutos me batendo como um tambor foram os melhores da minha vida.

— Não há necessidade de ser tão sarcástica.



— Então foda-se, — eu murmurei. — Estou com muita ressaca para isso. E envergonhada. *Tão* envergonhada. — Enterrei meu rosto na almofada novamente.

Houve um silêncio por um momento e depois: — Eu provavelmente deveria sair agora, hein?

Balancei a cabeça, sem levantá-la. — Por favor, vá.

— Tudo bem. Mas esta conversa não acabou, Aspen. Longe disso.

E era disso que eu estava com medo.

Blaire pegou a tigela de pipoca, procurando as maiores.

Eu não tinha comido o dia todo. Não consegui. Tirei outro cochilo e tomei mais comprimidos do que eu gostaria de admitir antes que eu conseguisse engolir qualquer coisa além de água. Eu até joguei fora o café que Luke tinha feito antes de sair.

Entre a minha ressaca e a confissão na noite passada... e a conversa subsequente... enfim não tive apetite.

Eu estava muito preocupada com o fato de que Luke sabia que ele era o pior sexo que eu já tive.

E que ele sabia disso antes que eu admitisse.

Eu não tinha processado isso ainda. Na verdade, eu estava no ponto em que estava disposta a evitá-lo pelo resto da minha vida. Talvez mudar para uma cidade remota em Montana.

Ou Alabama. Meu coração texano não conseguiria lidar com o frio em Montana.

Alabama daria certo.



Uma pipoca me atingiu na bochecha e saltou para o chão. Eu me virei para Blaire que estava me encarando com uma sobrancelha erguida.

— Bem, — ela perguntou, segurando uma pipoca entre o indicador e o polegar. — O que você vai fazer sobre isso?

— Mudar para o Alabama, — respondi sem pensar.

— Eu vejo aonde quer chegar com isso, mas não, desculpe. Preciso de você aqui. O Alabama é muito longe.

— Novo México?

— Você nem vai para Dallas, — ela revidou. — Você não vai se mudar. Você não tem dinheiro para isso.

— Eu tenho dinheiro em minha poupança. — Embora, se Luke sequer cobrar aquela aposta, eu estava fodida com um F maiúsculo.

— Oh, meu Deus. Cresça, Aspen! — Blaire colocou a tigela sobre a mesa de café e puxou o cobertor que estávamos compartilhando um pouco mais até a cintura. — Que triste. Luke sabe que vocês foderam e foi ruim. Novidade, não é como se você tivesse dito a ele o que aconteceu. Afinal, ele sabia!

Cruzei os braços sobre o peito. Eu já sabia que eles conversaram, e ficaria chateada se ela não o amasse tanto quanto eu.

Sabe, como amigo.

— Vou te contar o que eu disse a ele. Lide com isso e aceite como um erro e siga em frente, ou tire sua calcinha e fodam de verdade.

— Não acho que nenhuma dessas seja uma opção, — respondi devagar.

— Então leve sua bunda de volta à escola e se torne uma maldita astronauta, — ela revidou sem piscar. — Ele é seu melhor amigo há mais



tempo do que eu. Você realmente vai deixar um erro causado pelo álcool arruinar vinte anos disso?

— Não é só isso. Eu tive... sonhos... e aparentemente, eu disse isso a ele.

Ela cuspiu sua Coca-Cola. — Cale a boca!

— Oh, fica melhor. Pior. — Fiz uma pausa. — Ele também teve.

Agora ela se engasgou.

Isso mesmo.

Em sua própria saliva.

Esse era um tipo especial de habilidade.

— Não há como voltar disso, Blaire. Nossa amizade está condenada. A vida que eu conheço acabou.

Ela piscou para mim e pegou o telefone. — Estou pedindo uma pizza para você. Você é burra quando está com fome.

Peguei uma almofada e gritei nela. Foi bom. Um pouco da frustração que sentia desde que a verdade me atingiu esta manhã me deixou, evaporando no ar ao meu redor.

Graças a Deus.

Eu tive a pior dor de cabeça durante todo o dia, e embora esta manhã tenha começado por causa da tequila, agora era pelo estresse.

Estresse por causa da tequila. E más escolhas.

— Certo. Pizza encomendada. — Blaire colocou seu telefone na mesa de café e se aconchegou de volta sob o cobertor. — E você vai me ouvir. Você pode evitar Luke o quanto quiser, mas precisa falar com ele, Aspen. Independentemente de como você se sente ou o que aconteceu, você não pode deixar isso assim para sempre. A única razão pela qual você não falou com ele sobre isso antes foi que você estava com medo de



perder a amizade dele. Bem, estou lhe dizendo agora: Fale com ele, ou você *vai* perdê-lo.

Suspirei, abraçando a almofada com força.

Sabia que ela estava certa. Toda essa situação existia por causa do meu medo de perder meu melhor amigo.

Exceto que agora, eu temia que isso acontecesse, independentemente do que eu dissesse ou fizesse.



Capítulo 14

Aspen

O drama é melhor na TV

Servi a bandeja de doses de tequila para a despedida de solteira no canto. Elas tinham a maior mesa do lugar, e essa era a terceira rodada. Estava esperando que elas quebrassem a velha máquina de karaokê no canto.

Pelo menos elas tinham comida. Nós raramente servimos, mas elas estavam comendo queijo grelhado e asas de frango como campeãs.

Sem mencionar cerca de dez tigelas de batatas fritas e salsa que eu coloquei na mesa delas.

Garotas bêbadas podiam *comer*.

Por outro lado, eu sabia disso. Eu mesma, era uma excelente comedora bêbada.

— Posso pegar mais alguma coisa?— Eu perguntei, sorrindo para todas elas.

A noiva sorriu para mim. — Talvez um pouco de água?

— Com certeza. Você gostaria de gelo e limão com a água?

— Pode trazer o limão ao lado?

— Sem problemas. Vou pegar duas jarras e trazê-las. — Com outro sorriso, eu me virei e voltei para o bar. Fiz sinal ao Sr. Gomez para que me desse um segundo enquanto pegava a água e ele respondeu com um sorriso caloroso. Ele estava aqui mais tarde, celebrando com a esposa...



sua filha estava grávida, ele havia me dito antes, e isso foi motivo para quebrar sua rotina inabalável.

Não pude deixar de concordar.

Levei a água na festa delas, certificando-me de adicionar gelo extra e colocar os limões em uma pequena travessa como pediram. Foi preciso algumas habilidades de equilíbrio para não deixar cair as duas bandejas contendo tudo, mas eu consegui.

Voltando ao bar, eu dei a conta do Sr. Gomez. — E parabéns, vovô!

Ele sorriu, seus dentes ligeiramente tortos adicionando um montão de caráter à sua personalidade já vivaz. — Obrigado. Eu não poderia estar mais emocionado. Aqui está, Aspen, e obrigado pelas bebidas grátis.

— Bebidas grátis? Quem está dando bebidas grátis?— Declan saiu para o balcão atrás de mim.

— Fui eu. — Levantei a mão.

— Vou ser vovô! — Gomez exclamou, ainda com um sorriso no rosto envelhecido.

Declan sorriu, inclinando-se por mim para apertar sua mão. — Bem, parabéns, meu amigo! Suponho que vou deixá-la dar a minha melhor cerveja de graça.

Revirei os olhos e virei para a caixa registradora. — Você é uma rainha do drama.

— Rei, — ele corrigiu. — Eu sou um homem.

— Tudo bem, seja um rei. — Dei de ombros. — A história diz que as rainhas eram mais poderosas, mas tanto faz.

— Mulheres. — Dec sacudiu a cabeça. — Espero que o bebê seja um menino, Sr. Gomez.



— Tudo o que estou esperando é que seja saudável e cresça para ser um pé no saco como Gabby, — a Sra. Gomez disse, juntando-se a ele no bar. — Vamos, querido, temos que ir. As reprises de Family Feud começam em quinze minutos, e eu não ajustei o gravador.

Abaixei a cabeça para esconder meu sorriso. — Seu troco.

— Fique com ele. — Ela piscou para mim. — Compre um lindo vestido para encontrar um marido para você.

Três dólares não me levariam longe, mas eu ri e tirei os copos vazios do bar. — Vou manter isso em mente, Sra. Gomez. Obrigada.

— Teria que ser um marido um tanto paciente.

Os copos que eu estava segurando escorregaram, quebrando em milhares de pequenos pedaços quando caíram no chão.

Respirei fundo antes de me virar para olhar para Luke. Ele estava em pé no bar, inclinando-se para frente, bíceps pressionando as mangas da camiseta branca.

Honestamente, era injusto.

Ninguém deveria ficar tão bem em uma simples camiseta branca.

Entre o cabelo escuro, a pele bronzeada e os bíceps tonificados... sim, não. Para quem envio uma queixa sobre boa aparência absurda? Deus estava aceitando isso?

Não que ele iria me ouvir. Ele e eu não estávamos em ótimos termos desde que meu hamster morreu quando eu tinha sete anos. Eu nunca o perdoei por isso.

— Você está bem, Aspen? — Dec me olhou.

— Bem. Luke me assustou, é tudo. — Saltei sobre o vidro quebrado para pegar a pá e a vassoura. — Só vai demorar um segundo para limpar.



— Peguei o material de limpeza debaixo do balcão e fiquei de joelhos para varrer o vidro.

Demorei alguns minutos, durante os quais Dec e Luke tiveram uma conversa casual sobre futebol da qual eu me desliguei. O vidro tilintou quando eu inclinei a pá para a lata de lixo.

— Ei. Desculpe. — Eu levantei e coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Tudo bem?

Os lábios de Luke torceram de lado. — Isso é o que eu vim lhe perguntar.

Ah. Certo. Aquela ligação perdida e três mensagens ignoradas fariam isso. Ele odiava ser ignorado. Muito parecido com um menino de quatro anos de idade.

Dec me lançou um olhar confuso.

— Desculpa. Meu telefone estava descarregado. — Eu mudei de posição.

O sorriso disse que Luke sabia.

Por que diabos eu estava mentindo para ele? Era como dizer que você não comeu os biscoitos com o chocolate ao redor de sua boca.

— Você tem um intervalo em breve? — Ele perguntou, olhando para Dec. — Eu só preciso de dez minutos.

Eu hesitei.

Dec me cutucou nas costas. — Faça sua pausa. Eu atendo o time de noiva ali. Você tem vinte minutos, tudo bem?

Ótimo. Só ótimo.

Eu precisava me mudar para Nova York para evitar alguém. Apenas não estava dando certo aqui.



Respirei fundo e acenei para Luke me seguir. Andei direto pelo bar direto para o pátio ao ar livre, parando por um momento para acender as luzes pisca-pisca que iluminavam a área coberta.

A área de churrasqueiras de Declan estava em um canto, o combustível da festa de 4 de julho do último fim de semana ainda estava na sacola próxima a ela.

Eu me sentei contra a mesa em um dos bancos, segurando a borda da madeira. Olhar para ele era estranho, então olhei para os joelhos dele até conseguir tirar as palavras da minha boca.

Os joelhos dele.

Eu sei.

Que porra é essa?

— Então... o que há?

— Meus joelhos estão lisonjeados que você perguntou, — Luke respondeu. — Mas você sabe o que há.

Agarrei as ripas de madeira um pouco mais forte. — Nós temos que ter essa conversa agora?

— Sim. Eu te disse, vamos falar sobre isso, Aspen. Você me ignorou o dia todo, então vim até você.

Havia um grande nó na minha garganta que dificultava engolir.

— Estou no trabalho, — respondi. — Eu não tenho tempo para isso agora.

— Ou você fala comigo agora, ou vou esperá-la terminar. — Seus olhos encontraram os meus com um fogo que queimava brilhantemente. Ele estava falando sério. — Dec disse que temos vinte minutos e vamos usá-los.



— Você sabe que minha pausa é para fazer xixi, beber e fazer um lanche, certo?

O olhar que ele me deu disse que ele realmente não se importava.

Suponho que a culpa é minha. Se eu não tivesse sido uma idiota sobre tudo isso, estaria comendo batatas fritas e salsa agora.

— Tudo bem. — Eu rolei meus ombros. — Diga o que você precisa.

Olhando por cima do ombro, ele verificou se a porta da área dos fundos estava fechada. O bar não estava cheio o suficiente para ninguém vir aqui, e a área para fumantes que Dec tinha designado estava na parte da frente.

Luke coçou a nuca e voltou seu olhar para o meu. — Me desculpe por não ter lhe dito que me lembrava. Eu perguntei se você sabia o que aconteceu porque esperava que você não se lembrasse, e quando você me contou aquela história de merda, eu realmente pensei que você tinha esquecido.

— Eu gostaria de ter.

— Não tanto quanto eu. Confie em mim, Asp, aquela noite foi... infeliz, — ele continuou. — E não pelo fato de termos feito sexo, mas por causa do quanto foi ruim. Tipo, aquilo era coisa de pesadelos. Eu me masturbava no chuveiro e durava mais que isso.

Chupeí meu lábio inferior e mordi para não rir.

— Mas foi você. Você é minha melhor amiga. Jamais poderia imaginar fazer alguma coisa para destruir a nossa amizade, e juro por Deus que fiz isso no último fim de semana.

Abri a boca para responder, mas ele levantou a mão.

— Deixe-me terminar, — disse. — Eu estava pronto para superar isso. Aceitei que você tinha esquecido. Você não tinha motivos para



mentir para mim e não mentiu, na verdade não. Nós dois mantivemos isso em segredo por um motivo.

Sim.

Ele passou a mão pelo cabelo. — Merda, eu poderia até superar pensar em você de maneira diferente, sabe? Não apenas como minha melhor amiga, mas como alguém por quem eu sou estupidamente atraído. Alguém que eu penso mais do que eu tenho direito de pensar.

Oh, Deus.

Era isso.

Aqui era onde vinte anos de amizade foram à merda.

— Então sua boca bêbada me atropelou.

— Essa é a descrição mais precisa de mim bêbada que eu já ouvi, — respondi.

Ele estendeu as mãos. — Tenho vários anos de descrições, se você quiser.

— Na verdade não. Acho que esta é horrível o suficiente agora.

Seus lábios se contraíram para o lado, e odiei como isso fez meu coração palpitar um pouco demais.

— Sério, Aspen. Sua boca corre mais rápido que Usain Bolt. Especialmente quando você está bebendo, e agora não consigo parar de pensar sobre o que você disse para mim.

Eu me desloquei. Contorcendo, quase. — Mesmo? Eu gostaria de poder esquecer.

— Diga-me uma coisa. — Luke deu um passo em minha direção. — Você me vê da mesma maneira que sempre viu?

— Honestamente, eu não consigo tirar sua cara de sexo estranho da minha mente.



— Aspen.

— Você já viu? É como um cruzamento entre Shrek e Grinch, só um pouco menos verde.

— Aspen...

— Assim como peludo, dependendo de quando você fez a última barba. — Eu parei. — Essa não era a resposta certa? Não tenho o direito de avançar e cobrar duzentos dólares?

— Aspen!

— Não! — Passei os dedos pelo meu cabelo até que eles se uniram na parte de trás do meu pescoço. Encontrei seus olhos, lentamente deixando minhas mãos caírem até que elas estivessem na mesa novamente. Meus dedos se enrolaram ao redor da borda como se segurá-la fosse uma tábua de salvação para mim. — Não, eu não te vejo mais do mesmo jeito.

A garganta dele balançou e ele assentiu. — Como você me vê?

Eu não poderia dizer a ele que queria mais, poderia? Não podia dizer quão minuciosamente eu pensava sobre suas mãos se movendo sobre o meu corpo. Não podia dizer como eu queria saber se os dedos dele no meu cabelo pareciam tão bons quanto eu pensava.

Não poderia dizer a ele que eu literalmente sonhei com seus lábios e como ele me beijaria se eu deixasse.

Não podia dizer a ele que o pensamento de seus lábios nos meus fazia meu coração bater um pouco mais rápido.

Não.

— Eu não sei, — eu sussurrei, meu estômago apertando forte.

— É que você não sabe porque não sabe, ou porque não quer me contar?



— Ambos?

— Já imaginava. — Ele respirou fundo, segurando antes de lentamente soltar o ar. Suas narinas dilataram em sua expiração, e a intensidade em seu olhar me fez parar.

Havia algo novo lá.

Eu tinha visto riso. Diversão. Confusão. Descrença. Choque.

Eu nunca vi isso. Não esta centelha mais escura que eu não estava familiarizada em ver em seus olhos. Era mais profundo... Mais forte. Algo que me agarrou e fez com que eu não pudesse desviar o olhar.

Como um quebra-cabeça que queria completar.

Um enigma que eu precisava descobrir.

Havia um lado do meu melhor amigo que eu claramente nunca conheci, mas tinha a sensação de que estava prestes a conhecer.

— Não me odeie, — Luke disse, olhos nos meus. — OK?

— Se eu não te odiei depois do fim de semana passado, eu teria muita dificuldade agora.

— Aspen. Estou falando sério. Esse não sou eu brincando com você. Apenas me prometa que você não vai me odiar por isso.

— Isso o quê?

— *Isso.*

Suas longas pernas fecharam a distância entre nós em segundos. Meu coração trovejou contra meu peito. Isso não era normal... ele era Luke, meu melhor amigo, minha rocha, minha pessoa.

Por que ele estava vindo para mim?

Minha resposta veio em segundos.



Sua mão grande, com seus dedos ásperos de trabalhar todo o dia, foi para o lado do meu pescoço. Ele passou o polegar sobre minha bochecha, sua mão segurando meu queixo.

Ele não hesitou.

Luke tocou seus lábios nos meus.

E ele não apenas os pressionou lá.

Não.

Ele me beijou.

Me *beijou*.

Seu aperto na minha cabeça era firme. Seus lábios se moveram habilmente sobre os meus. Seu corpo se tornou um com o meu, e não pude evitar o jeito que estendi a mão e agarrei sua camiseta.

Eu o queria mais perto.

Sempre mais perto.

Era o tipo de beijo que fazia a cabeça girar. De confusão e conflito e do pensamento de que, embora não devesse ser, parecia que era certo. Destinado a ser. Como se fosse um beijo cheio de coisas que um beijo deveria ter.

Meu melhor amigo me beijou do jeito que uma garota deveria ser beijada. Completamente, com paixão e o tipo de magia que apertava o coração que era reservada para filmes e contos de fadas.

Meu melhor amigo.

Luke.

Luke Taylor, o garoto que me jurou que piolhos eram reais e que ele mataria os monstros debaixo da minha cama, agora era um homem, e ele estava me beijando.

E cara, esse homem sabia *beijar*.



Em todos os lugares. Eu senti em todos os lugares. Seu beijo era pura magia. Ecstasy puro. Os arrepios que começaram nos meus lábios desceram sobre a minha pele até que cada parte do meu corpo estivesse viva com o seu toque.

Droga.

Estava dividida. Tão dividida. Em mil pedaços. Mesmo isso não era suficiente.

Enrolei meus dedos no colarinho de sua camisa e me afastei. Eu não queria que parasse. Queria que ele continuasse a me beijar e me possuísse aqui, agora mesmo neste maldito banco.

Mas isso era assustador.

A maneira como ele exalava contra meus lábios me disse que ele sentia o mesmo.

Era assustador pra caralho.

— Você é minha melhor amiga, — ele sussurrou. — E eu não posso te perder, Aspen. Mas também não posso ignorar o fato de que você está me deixando louco.

— Então talvez você não deva, — respondi, minha voz pouco mais alta que a dele.

A porta do pátio se abriu. — Aspen! Eu não posso mais lidar com essas mulheres. Já faz dez minutos e elas estão cantando 'It's Raining Men' na antiga máquina de karaokê. Quanto elas já beberam? — Declan exigiu da porta.

Luke deu um passo para trás e eu saí do banco, correndo para o lado de seu corpo.

Declan fez uma pausa. — Você ainda tem dez minutos. Fique à vontade.



— Está tudo bem. — Limpei as mãos na saia preta apertada que estava usando. — Eu posso lidar com elas. Nós terminamos aqui.

Meu chefe olhou entre nós dois com um brilho nos olhos. — Tem certeza?

— Eu tenho certeza. — Não olhei de volta para Luke quando caminhei de volta para o prédio. — Obrigada. Eu cuido disso.



Capítulo 15

Luke

Variedade é o tempero da vida

Vi Aspen se afastar, correndo de volta para o bar como se eu tivesse acendido um fogo de artifício e colocado na bunda dela, muito consciente dos olhos de Declan em minha direção.

Ele tinha visto. Eu sabia que ele tinha. Não havia como o perito em cerveja grisalho e levemente barrigudo não tivesse. Mesmo que ele não estivesse olhando diretamente para nós, ele não teria perdido.

Lentamente, ele levantou uma sobrancelha. — Melhor se eu não disser nada, não é?

Fazendo uma careta, eu assenti. — É complicado.

— As mulheres sempre são, filho. Estou casado há trinta anos e ainda não a compreendi. — Ele balançou a cabeça. — Vocês darão um jeito.

— Espero que você esteja certo. — Fiz uma pausa. — Eu não sei o que vai acontecer se não dermos.

Dec deixou a porta se fechar atrás dele e se aproximou de mim. Ele descansou a mão no meu ombro, apertando levemente. — Ouça-me, filho. Não existe tal coisa como um relacionamento fácil. Amizades, relacionamentos românticos... isso não importa. Mas sei o seguinte: os únicos relacionamentos que valem a pena são os que são difíceis.



— Parece uma boa razão para ficar solteiro para o resto da minha vida.

— Sua avó não vai estar por perto para cozinhar para você para sempre, garoto.

— Eu vou viver em um apartamento sobre a garagem de Aspen quando ela conhecer alguém com quem se casará.

Ele riu, inclinando-se contra o banco do jeito que Aspen fez. — Sim, tenho certeza que você vai. Enquanto você a vê feliz e apaixonada e fazendo um futuro para si mesma. O que acabei de ver definitivamente estará ligado a esse plano.

Soltei um suspiro profundo e passei meus dedos pelo meu cabelo. — Tudo bem, talvez isso não dê certo para mim agora.

— Nunca dará certo para você. Não tenho que ser um gênio para ver que você tem algum sentimento pela minha garota.

— Sim, bem, nem ela, considerando que acabei de beijá-la.

— Finalmente, — Declan respondeu. — Ela está andado pelos cantos o dia todo de péssimo humor. Eu teria perguntado se ela precisava de um absorvente se minha esposa não tivesse me ensinado a ser mais esperto do que isso.

Eu ri, relaxando meu queixo. Sim. Eu sei como se sente.

— Este velho pode te dar um conselho?

— Você já me deu alguns, — respondi.

— Tudo bem, então eu quero te dar um pouco mais, seu espertinho.

Meus lábios se contraíram em um sorriso e olhei para ele. — Morda-me, velho. Continue.

— Eu te morderia se achasse que essas dentaduras poderiam causar algum dano. — Ele riu. — Tudo bem, aqui vai.



— Parece que você está prestes a me mandar em uma montanha russa.

— Você está prestes a enviar-se em uma, filho, — Dec respondeu. — Aqui está a única coisa que você precisa saber antes de levar isso adiante. E deixe-me dizer, não é fácil ser casado. Não é fácil ser solteiro. Nada nesta vida é fácil, com certeza.

Eu me mexi. Eu já sabia disso. Nada sobre ser o melhor amigo de Aspen foi fácil alguma vez... não importa a última semana.

— Mas uma coisa é certa, — ele continuou. — Amar é fácil. Enganosamente assim. Amar alguém é uma das coisas mais fáceis que você pode fazer em sua vida, mas colocar esse amor em ação? Essa é a parte difícil. Dizer a alguém que você ama é aterrorizante. Lembrá-los de que você os ama pode ser uma jornada difícil. Provar que você os ama pode ser algo completamente diferente.

— Você não está me vendendo sobre relacionamentos aqui, Dec.

Ele me deu um tapinha no ombro, levantando-se. — Amar é fácil. Relacionamentos são difíceis. Mas, se você ama alguém o suficiente, nada é muito difícil de lutar.

— Eu não amo Aspen.

— Ah, está certo. Vocês, crianças, hoje em dia se beijam por diversão. Na minha época, beijos significavam alguma coisa.

Sim, bem, esse beijo significou alguma coisa.

Significava que eu potencialmente tinha fodido vinte anos de amizade.

Dec me bateu nas costas e levantou. — Você vai descobrir, garoto. Vocês têm muita coisa entre vocês para deixar escapar. Seja honesto e você não vai errar.



Com isso, ele me deixou sozinho no pátio.

Não pude deixar de pensar que ele estava errado.

As verdades embriagadas de Aspen eram o motivo de estarmos aqui nesta situação.

Às vezes, a verdade não fazia bem a ninguém.

Mordi o taco que estava na minha frente. Meu apartamento parecia minúsculo essa noite. Abuelita me mandou para casa com tacos depois que passei na casa dos meus pais após o trabalho, mas havia algo nessa noite que parecia vazio.

Eu sabia o que era.

Eu falava com Aspen todos os dias.

Hoje, eu não falei.

Chamem do que diabos quiserem, mas não há qualquer comunicação desde que eu a beijei ontem.

Ela esteve incomunicável por dias, verdade seja dita. Nós não teríamos falado se eu não tivesse ido vê-la no trabalho. Estaríamos presos em um limbo pior do que já estamos.

Empurrei o taco para longe de mim. Eu não estava com fome. Honestamente, eu me sentia mal.

Por que tive que pressionar? Por que eu a pressionei para falar sobre isso? Ela claramente esqueceu que admitiu que lembrava.

Se eu tivesse apenas deixado pra lá. Se tivesse calado minha boca grande.

Não haveria problema.



Levantei-me, pegando o prato da mesa e levando para a cozinha. Joguei o taco restante no lixo e larguei o prato na pia. Eu realmente não sabia o que fazer comigo agora, então eu meio que fiquei lá.

Até que houve uma batida na porta.

— Luke, deixe-me entrar! — A voz de Blaire entrou pelas fendas.

Joguei a cabeça para trás. Não. Blaire era a última pessoa que eu queria ver agora. Ela estava muito animada para o meu humor.

— Vá embora, — eu gritei de volta para ela.

— Abra esta porta, ou eu vou chutá-la!

Infelizmente, eu sabia que ela não estava mentindo. No mínimo, ela faria uma boa tentativa até que eu finalmente abrisse.

Com um suspiro, fui ao sofá. — Está aberta.

A porta se abriu e Blaire entrou quando minha bunda bateu no sofá. — Você a beijou? — Ela exigiu, em pé ao lado da porta, segurando a maçaneta.

Olhei para ela. — Eu a beijei.

— Graças a Deus por isso. — Ela fechou a porta e se aproximou de mim. — Um de vocês tinha que fazer alguma coisa.

— Você acha que é uma coisa boa? — Eu balancei a cabeça. — Você é uma idiota.

— Não, você é o idiota. Vocês são idiotas. É como jogar gatos em um banho. — Ela pulou no sofá e pegou o saco aberto de batatas fritas da mesa. — Ela está ignorando você. Sabia disso?

— Não, sério? Pensei que ela tinha ido a uma expedição ao Ártico e era por isso que ela não fala comigo desde então.



— Você não precisa ser sarcástico comigo, Luke. Acredite ou não, estou aqui para ajudá-lo.

— Comendo toda a minha comida?

— Dificilmente acho que um pacote de batatinhas constitui como toda a sua comida. — Ela fez uma pausa, a mão no fundo do pacote. — Por outro lado, é você, então provavelmente é.

Peguei o pacote dela e enfiei minha mão nele. — Foda-se.

— Ou você quer minha ajuda ou não quer.

— Não me lembro de pedir sua ajuda.

— Tudo bem. — Ela ergueu as mãos e se levantou. — Você descobre como lidar com isso sozinho.

— Acalme-se, eu não disse que não queria.

Blaire parou, colocando as mãos nos quadris e me dando um olhar duro. — Ok, mas você vai me ouvir, e não vai discutir comigo.

— Jesus. Não sei se consigo fazer as duas coisas.

— Bem. Você vai me ouvir, mas eu vou aceitar argumentos leves e ocasionais.

Balancei a cabeça. — Isso funciona. Sente-se.

— Tudo bem. — Ela puxou um elástico de cabelo do pulso, esticou, e fez um rabo de cavalo antes de se sentar. — Você precisa falar com ela. Agora.

— Eu tentei. — Coloquei o saco de batatas fritas na mesa de café e limpei as migalhas dos dedos. — Eu liguei esta tarde, mas ela deixou ir para o correio de voz.

— Ela estava trabalhando esta tarde. Há uma festa de casamento no fim de semana, e Dec deu a ela esta noite de folga se ela fosse e o ajudasse a organizar as coisas.



— Ela está no trabalho agora?

Blaire sacudiu a cabeça.

— Então ela poderia ter me ligado. — Dei de ombros. — Só há um determinado limite de vezes em que posso ligar ou correr atrás dela no trabalho antes que alguém pense que sou um perseguidor maluco e seja preso.

Ela se inclinou para trás, suspirando. — Ela é teimosa demais para o bem dela, mas Luke? Ela só está com medo. Ela está envergonhada por causa do que aconteceu, e não sabe o que dizer depois do que você disse a ela.

— Eu disse a ela como me sentia. Tive que ser honesto com ela. Se tivéssemos sido honestos um com o outro em primeiro lugar, provavelmente nem estaríamos nessa situação.

— Não, provavelmente estariam. — Blaire fez uma pausa quando olhei para ela. — O que? Acha que o nível de atração que você sente em relação à outra pessoa é baseado na honestidade? Se fosse esse o caso, todos nós seríamos atraídos pelas nossas mães.

— Não, elas mentem. Papai Noel. Fada dos Dentes.

— Tudo bem, tudo bem, todos nós seríamos atraídos por nossas mãos e vibradores. — Outra pausa. — Embora...

— Não preciso saber sobre o seu vibrador, — eu disse rapidamente. — Onde você quer chegar com isso?

— Certo. — Ela enfiou os pés sob a bunda e, com o cotovelo na parte de trás do sofá, levantou a cabeça. — Você precisa apenas fazer isso. Vá até a casa dela e a coloque contra a parede até ela falar. Se tudo mais falhar, você pode foder com ela.



— Estou quase inteiramente certo de que preciso do consentimento dela para essa parte final.

— Sim, bem, ela vai ceder. Ela me contou como você a beijou. Tenho certeza que descreveu isso como um conto de fadas.

Eu levantei as sobrancelhas.

— Então, você precisa entrar no apartamento, agarrá-la e exigir que ela lhe diga a verdade sobre como se sente.

— Jesus, Blaire, você assiste muitos filmes. — Eu me levantei e entrei na cozinha para pegar uma cerveja.

— Sim, exceto que eu não quero essa merda de romance. Prefiro quando as pessoas morrem. — Ela bufou, olhando por cima do ombro. — Você sabia que Tom e eu terminamos há seis meses?

— Vocês parecem bem juntos para mim, — eu disse secamente.

— Nós estamos. Não durou muito tempo. Sabe o que ele fez quando disse a ele para se foder e saí de seu apartamento? Ele me seguiu até o meu carro, então me empurrou contra o veículo e me beijou pra caramba até que eu o perdoasse.

— Blaire, isso não é um rompimento. Isso é você fazendo birra.

— Eu disse a ele para morrer e ir para o inferno.

— Mais uma vez, isso é você fazendo birra.

— Não é a questão. A questão é que ele veio atrás de mim. Ele não estava disposto a me deixar ir.

— Uma grave falha de julgamento, considerando que você tinha acabado de desejar que ele queimasse no inferno.

Ela encolheu os ombros. — Mesmo assim. Escute-me. Ele me queria. Veio atrás de mim. Se você realmente quer mudar sua situação com Aspen, ficar esperando que aquela teimosa venha até você não vai



mudar nada. Tudo o que vai fazer é que você a perca. Você tem que assumir o controle dessa situação.

Tomei um longo gole da minha cerveja e me apoiei no balcão da cozinha. Sabia o que ela estava dizendo. Eu sabia, no fundo, que ela estava certa. Eu tinha que ir atrás dela novamente e resolver isso de verdade, mas era difícil.

Eu estava com medo.

Não queria perder minha melhor amiga.

— Luke. — Blaire se levantou e caminhou até mim, agarrando meus braços. — Sei que você está com medo também. Mas do que você tem mais medo? Ir até lá e descobrir que você é o único que se sente assim? Ou você tem medo de perdê-la de sua vida para sempre?

Não respondi.

— Tudo bem. — Ela recuou e respirou fundo. — Como melhor amiga de vocês dois, eu fiz o meu trabalho aqui. — Ela levantou as mãos e pegou sua bolsa da mesa. — Falo com você amanhã.

Ela saiu com um aceno e olhei para ela.

Ela estava certa.

Eu odiava quando Blaire estava certa.

Coloquei a garrafa no balcão e fui até a porta onde estavam meus tênis. Enfiei meus pés neles e agarrei minhas chaves, mal parando para trancar a porta atrás de mim.

Desci as escadas mais rápido do que já desci alguma vez na vida. Minha caminhonete estava a poucos metros da porta e eu entrei e liguei o motor antes mesmo de fechar a porta.

Duas batidas soaram na minha janela.

Eu abri.



Blaire levantou uma sobrancelha. — O que você está fazendo?

— Se isso der errado, arrasto você comigo, — eu avisei, colocando a caminhonete em marcha à ré.

Ela riu, saindo do meu caminho. — E nós vamos descer balançando. Totalmente bem com isso.

Sorri para ela, subi o vidro de volta, e recuei do espaço, pronto para ir.

— Espere! Eu tenho uma ideia! — Ela correu de volta para mim e abriu a porta do lado do passageiro. — Ela não vai atender a porta se souber que é você.

— E o seu carro?

— Eu andei. A casa dela é mais próxima da minha do que a sua. Pense nisso enquanto você me dá metade de uma carona para casa em troca de eu te colocar no apartamento dela.

— Eu não vou subir pela janela.

— Nada tão estúpido, — Blaire disse. — Embora eu tenha saído de algumas depois de encontros ruins. Mas não, vou bater e dizer que sou eu e depois fugir.

— E me deixar enfrentar a ira dela?

— Ei, se correr como planejado, você pode transar até o final da noite.

— E se der errado, eu poderia ser castrado.

— Os orgasmos podem ter um preço. Aspen vai ser cara depois do que você aprontou. — Ela bateu duas vezes no painel. — Vamos lá!

Eu já estava me arrependendo disso.



Capítulo 16

Aspen

Sorvete não cura tudo

Olhei para o pote de sorvete Ben and Jerry na minha frente.

Eles me fizeram bem, esses dois. Eles foram meus amigos através de inúmeros ciclos menstruais, encontros ruins e separações.

Mas esta noite, hoje, eles simplesmente não estavam ajudando.

Aparentemente, não havia cura por ter sexo ruim com seu melhor amigo, depois se embriagar e admitir isso, depois ele te beijar.

Não que eu tenha me surpreendido. Essa era uma situação complicada.

Coloquei a tampa de volta no pote e, com um suspiro, levantei para colocá-lo de volta no freezer.

Toc. Toc.

— Não há ninguém em casa, — eu gritei, colocando o pote de volta em seu lugar na prateleira e fechando a porta do freezer.

— Sim, isso vai deter um machado assassino, — Blaire gritou do outro lado. — Deixe-me entrar, Asp. Acabei de vir da casa de Luke.

— Eu não quero falar sobre ele.

— Você não precisa. Juro.

Suspirei novamente e destranquei a porta, abrindo-a.

Não era Blaire.

Era Luke.



Eu pisquei para ele.

— Para que conste, — ele disse, erguendo as mãos. — Não foi minha ideia.

— Eu vou matá-la. — Soltei a porta e voltei para dentro. Quando ele não se mexeu, eu disse: — Você vai entrar ou não? Acho que você não veio aqui para ficar no corredor a noite toda.

Luke entrou no meu apartamento e fechou a porta atrás dele. — Nós realmente temos que falar sobre isso.

— Quer uma bebida?— Puxei a garrafa de tequila do canto do balcão e peguei um copo.

— Com base na história recente, eu vou com não.

— Como queira. — Servi uma dose e engoli. — Acho que não pode ficar muito pior neste momento.

— Aspen...

Tomei uma segunda dose e imediatamente me arrependi. Queimou. — Não, olhe. Escute-me. Ficamos bêbados e fizemos sexo ruim que, aparentemente, nós dois nos lembramos, apesar de pensarmos o contrário...

— Sim, eu tenho certeza que ainda pareço pior depois daquela noite.

— Então, eu tenho sonhos eróticos sobre você porque, aparentemente, você parece realmente bem nu, e meu subconsciente tinha uma aposta com o meu cérebro acordado que você era melhor na cama do que grandes quantidades de tequila me levaram a acreditar.

— Eu concordo com o seu subconsciente.

— Então, eu fico bêbada e te digo que me lembro de quão ruim foi, como você foi um mete-mete-goza, exceto, Luke? Não conte a Luke! —



Agarrei o gargalo da garrafa de tequila com força. — Então, você aparece no meu trabalho, me diz que me quer e me beija como se fosse o final de um filme da Disney.

— Provavelmente o melhor elogio que tive em muito tempo sobre o meu beijo.

— Luke!

— O quê?— Ele jogou os braços para o lado. — O que quer que eu te diga, Aspen? Desde domingo, você está se escondendo e me ignorando. Quer que eu fique aqui e lhe diga que sinto muito por ter sido sincero com você? Que sinto muito por beijá-la? Porque não sinto, não sinto. Tudo que eu quero fazer é descobrir o que diabos nós fazemos agora, mas eu não posso fazer isso porque você está se escondendo como uma criança!

Minhas sobrancelhas se ergueram. — Eu não sou uma criança!

— Então, pelo amor de Deus, aja como tal!— Ele passou os dedos pelos cabelos. — Você é minha melhor amiga. Acha que eu gosto dessa situação? Não gosto, mas quero consertar isso.

Olhei para ele.

— Mesmo agora, de pé na minha frente, você não consegue falar comigo. Por que você não pode simplesmente ser honesta?

— Porque, — eu disse, baixando meus olhos. — Receio que ser honesta significa perdê-lo, de uma forma ou de outra.

— Agora, estamos chegando a algum lugar. — Ele se inclinou para o outro lado da ilha, pressionando as mãos contra a superfície plana. — Por quê?

— Porque você é meu melhor amigo, — eu respondi baixinho, trazendo o meu olhar para cima para encontrar o seu azul brilhante. — E



não vejo nenhuma maneira de sair desta situação para voltarmos ao normal.

— Não há maneira, — Luke disse, seu olhar nunca deixando o meu. — Não há como voltar para antes de fazermos sexo, Aspen. Não a menos que um de nós, de repente, adquira uma máquina do tempo. Você tem uma dessas?

— Se eu tivesse, nós não estaríamos tendo esta conversa. — Eu coloquei a tampa de volta na garrafa de tequila e a coloquei no outro balcão.

Seus lábios puxaram para um lado, iluminando seus olhos. — Igualmente. Nós simplesmente não podemos ignorar isso. Eu sei o que quero fazer, mas preciso que você me diga aonde você quer ir daqui.

Mordi o interior do meu lábio, afastando o meu olhar dele.

Verdade seja dita, eu não parei de pensar em beijá-lo desde que ele me beijou. Eu queria fazer isso de novo, mas as implicações disso me aterrorizavam.

Nós tínhamos um relacionamento fácil. Levamos um ao outro para casamentos familiares. Saímos o tempo todo. Nós nos salvamos de encontros ruins. Vinte anos de amizade nos colocaram em um status quo que era confortável.

Beijar novamente seria uma reviravolta que eu não sabia se poderíamos desfazer.

— Bem?

Torci os dedos na minha frente. — Eu não... quero que as coisas mudem, — eu disse devagar e baixinho. — Mas isso não significa que não parece que está mudando.



— Está mudando. Quero dizer, três semanas atrás você ainda era a menina bochechuda que eu protegia dos garotos.

Eu sorri.

— Agora... — Ele suspirou e baixou o queixo.

Sim. Isso resumia tudo.

— Talvez seja apenas desejo. — Eu mordi o lábio. — Talvez seja apenas curiosidade da nossa parte. Quero dizer, o que realmente fizemos não foi sexo. Não teve realmente uma conclusão satisfatória.

— Não para você, — ele apontou.

— Sério? Você acha que aquilo foi satisfatório?

Ele levantou as mãos. — Deixa pra lá. Continue.

— Obrigada. — Eu fui até a geladeira e peguei uma garrafa de água. — É uma ponta solta. Nós não amarramos. Tipo... na maioria das vezes quando você faz sexo, você está em um relacionamento, ou é claramente uma noite só.

Lentamente, Luke assentiu. — Faz sentido.

— O nosso foi uma foda bêbada que, honestamente, mal se qualifica como isso.

— O que você está dizendo?

O que eu estava dizendo? Excelente pergunta. Eu não tinha certeza.

— Eu, hum, eu não sei. — Eu me desloquei para o lado um pouco. — Mas acho que estou dizendo que ou colocamos uma pedra sobre o que aconteceu ou nós... não colocamos.

Ele arqueou uma sobrancelha, seus lábios puxando com isso. — Você está sugerindo para fazermos sexo?

Rapaz, isso era estranho.



— Talvez. Um pouco. — Fiz uma careta e mexi na barra da minha camisa. — Olha, eu acho que a maneira que sentimos é pura curiosidade e a única forma de parar isso... — Acenei entre nós. — Ou é dizer que nunca vai acontecer ou apenas fazer.

— Apenas fazer, ela diz. Como se você fosse limpar um banheiro.

— Bem, o sexo envolve um pouco de mergulho. Como limpar um banheiro.

Ele pressionou a mão contra a testa. — Por favor, nunca mais use as palavras ‘sexo’ e ‘mergulho’ na mesma frase.

— Estou tentando deixar isso um pouco menos complicado.

— O que? Ao comparar sexo com a limpeza de um banheiro? Não está funcionando, Asp. Você está apenas fazendo isso estranho.

— Você trouxe a coisa do banheiro. Além disso, toda essa situação é estranha. Não pode *ficar* mais estranho.

— Sim, pode.

— Como?

— Com você comparando sexo à limpeza de um banheiro!— Ele riu, andando até mim. Ele arrancou a garrafa de água dos meus dedos e segurou meu rosto. Suas palmas eram ásperas contra minhas bochechas e seus dedos brincavam com meu cabelo. — Eu sei o que eu quero, tudo bem? Quero levá-la de volta ao seu quarto e provar para você que sou muito mais do que um mete-mete-goza.

— Nunca vai deixar esquecer essa frase, não é?

— Sim, bem, eu nunca vou esquecer ser mete-mete-goza, por isso estamos aqui mesmo. — Seus olhos brilhavam. — Mas eu não vou obrigá-la a fazer nada que você não queira. Eu só quero acabar com essa estranheza. Você decide.



Eu gemi, inclinando-me para ele. Rindo, ele passou os braços pelos meus ombros e me segurou firme.

Por que ele tinha que colocar a decisão em minhas mãos? Por que ele não poderia simplesmente fazer a escolha por mim? Ser uma adulta é um saco. Quando era criança, você não precisava se responsabilizar por más decisões. Era apenas: 'Oh, ela aprenderá!'

Sim, bem, eu não aprendi.

Respirei fundo e me afastei dele. — OK. Vamos fazer isso. Vamos fazer sexo.

Suas sobrancelhas se ergueram. — Tem certeza?

— Sim. Vamos fazer isso. — Eu balancei a cabeça. — Acho que sim.

— Você acha. Isso não é ter certeza.

— Bem, acho que tenho certeza. Isso é um pouco de certeza.

— Aspen, se fizermos sexo, e descobrir que não é mera curiosidade, que há algo mais aqui, não podemos voltar.

Merda. Merda. — Não tenho certeza.

— Ok, venha aqui. — Ele agarrou minha mão e me puxou para ele. — Deixe-me te ajudar com isso.

Antes que eu pudesse perguntar como, ele segurou a parte de trás do meu pescoço e trouxe meus lábios aos seus. Meu coração deu um salto feliz e meu corpo reagiu muito antes do meu cérebro.

Meu cérebro ainda estava preso ao potencial de haver mais do que curiosidade quando minhas mãos agarraram sua camisa.

Beijá-lo foi fácil. Estranhamente assim. Seus lábios eram macios, quentes, cheios e com sabor de cerveja e tacos. Em qualquer outra pessoa, isso teria sido uma combinação totalmente nada sexy, mas nele...



Eu estava perdendo a cabeça. Principalmente porque agora eu tinha meus braços ao redor de sua cintura e sua língua estava provocando minha boca.

Eu o deixei entrar, aproximando meu corpo do dele. Sua mão estava espalmada na parte superior das minhas costas, a outra segurando minha bunda e me prendendo ao seu abdômen firme.

Fogos de artifício irromperam pela minha pele. Tudo que eu podia sentir era ele e o jeito que me beijava, o jeito que me segurava tão apertado contra ele que eu podia sentir o quanto me queria.

Seu pênis estava duro e pressionando contra minha barriga. As pontadas de desejo que combati surgiram em mim ao senti-lo, e sabia que nós tínhamos passado dos limites.

Não havia como voltar daqui.

Eu me afastei dele. Estava corada e minhas bochechas queimavam. Meu queixo estava formigando de onde a barba dele tinha roçado contra mim.

Eu não disse nada.

Simplesmente peguei a mão dele e o puxei para o meu quarto. No segundo em que passamos pela porta, agarrei a gola da camiseta dele e o beijei novamente.

As mãos de Luke imediatamente foram para minha bunda, puxando-me contra ele. Nós dois cambaleamos para trás na cama.

— Tire seus sapatos, — murmurei contra seus lábios. — E suas meias. Não vou fazer sexo com alguém usando meias.

Ele começou a rir, deslizando as mãos até meus quadris e inclinando-se para trás para que ele pudesse olhar para mim. — Sabe, se



eu não sentisse o mesmo sobre meias durante o sexo, eu ficaria aborrecido por você nos interromper e dizer isso.

Levantei meu dedo e sentei na beira da cama, em seguida, tirei as meias. Agitando-as na frente dele, eu sorri, depois as joguei para o lado.

— Tão sexy. — Ele revirou os olhos antes de chutar os sapatos e fazer o mesmo com as meias. — Feliz agora?

— Não. Tire sua camisa.

— Você está exigindo.

— Eu sou exigente.

Rindo de novo, ele agarrou a parte de baixo de sua camisa e puxou sobre a cabeça, revelando seu corpo bronzeado e musculoso.

Sério.

Era esculpido? Ele não deveria estar em um museu?

— Aspen? Você pode parar de olhar? Eu tenho vinte centímetros de pau ficando impaciente.

Meu olhar foi para sua ereção. — Sério? Vinte centímetros? A média não é, tipo, treze?

Ele sorriu. — Estou acima da média.

— Sim, bem, vamos ver sobre isso muito em breve.

— Jesus, você fala muito para uma mulher que acabou de me arrastar para o quarto dela. — Ele agarrou minhas mãos e me puxou da cama.

— Sim, bem, eu...

Ele me beijou para me calar. — Cale a boca e tire sua blusa.

Antes que eu pudesse me mover, ele agarrou a parte inferior da minha blusa e puxou, forçando-me a levantar os braços para que ele pudesse removê-la.



— Agora, de verdade... pare de falar. — Ele me beijou novamente, em seguida, me empurrou de volta para a cama. Gritei quando aterrissei no colchão e pulei, mas qualquer protesto foi silenciado por ele se inclinando sobre mim, deslizando uma perna entre a minha e cobrindo minha boca com a dele.

Meus dedos desenharam padrões para cima e para baixo em suas costas enquanto nos beijávamos, e quando ele moveu sua boca para o lado do meu pescoço, parecia a coisa mais natural de sempre.

Deixei de lado a estranheza de ser Luke, meu melhor amigo, e me entreguei ao momento.

Ele não demorou muito para descer pelo meu corpo e agarrar o cós do meu short. Eu estava respirando rápido e forte a esta altura, então não questionei quando ele o puxou pelos meus tornozelos e voltou para a minha calcinha.

Em seguida, puta merda, eu estava nua e seu rosto estava entre as minhas pernas.

Ofeguei no primeiro contato entre sua língua e meu clitóris. Era como se alguém tivesse acendido uma faísca dentro de mim, e quando ele separou completamente minhas pernas com as mãos, eu podia ouvir o sangue bombeando dentro das minhas orelhas.

Ele não teve pressa, empunhando sua língua como uma arma, brincando comigo várias vezes. Ele sabia exatamente o que estava fazendo, e eu me contorci de prazer quando ele deslizou um dedo dentro de mim, ajustando sua cabeça para que tivesse espaço.

Meus quadris se contraíram. Meu coração estava ficando louco contra minhas costelas. Eu mal conseguia controlar a minha respiração



enquanto ele me provocava até o limite, adicionando mais e mais pressão com a língua até que perdi o controle.

Agarrei os lençóis, arqueando minhas costas enquanto o prazer vinha à tona. Sabia que estava tremendo. Eu estava toda quente; não conseguia pensar. Era um nevoeiro nebuloso que descia pela minha cabeça e, quando passei um braço por cima dos olhos, ouvi vagamente a abertura e o fechamento de uma gaveta e o barulho de algo.

Estava alheia a tudo até que Luke se inclinou sobre mim, deslizando facilmente entre as minhas pernas. Ele riu baixo, trazendo seus lábios aos meus. Eles tinham gosto um pouco como eu, mas eu ainda envolvi minhas pernas em seus quadris para forçá-lo dentro de mim.

Meu cérebro era uma papa, mas meu corpo estava bem acordado.

Ele estendeu a mão entre nós, seu polegar roçando meu clitóris, e se guiou para dentro de mim. Eu estava tão molhada que não era exatamente difícil, mas ele ainda não teve pressa enquanto entrava em mim e inclinava meus quadris para cima.

Ele me beijou enquanto se movia dentro de mim, movimentos longos e lentos que eram ao mesmo tempo irritantes e sexy. Sua língua lutou contra a minha no ritmo de seus impulsos, e quando o primeiro gemido deixou meus lábios, eu o senti sorrir.

Bastardo presunçoso.

Uma de suas mãos percorreu meu corpo, deslizando para baixo sobre a minha coxa e de volta para cima. Seu toque era incandescente, e não demoraria muito para que eu fosse vítima de outro orgasmo quando ele era construído dentro de mim. Quanto mais rápido Luke me fodia, mais rápido gozaria.



Minhas unhas estavam em suas costas enquanto eu me agarrava a ele pela vida. Eu não queria que ele parasse. Eu queria... precisava... que ele continuasse, continuasse se movendo, continuasse aumentando a pressão antes que eu ficasse louca em esperar.

Então ele continuou.

Ele sentou-se, agarrando meus quadris e me fodeu ainda mais fundo. Eu sabia que seus olhos estavam em mim, brilhando de desejo, mas eu não conseguia aguentar mais.

O orgasmo veio até mim muito parecido com o primeiro, me atravessando com um prazer intenso que eu raramente senti antes.

O gemido de Luke interrompeu o meu, e ele empurrou em mim muito forte, então parou, soltando seu aperto na minha bunda para se inclinar para frente e descansar a testa no meu ombro.

Ficamos lá assim por um minuto, recuperando o fôlego, com ele ainda dentro de mim e eu cobrindo meus olhos enquanto me recuperava.

— Obrigado por mutilar meus ombros, — ele sussurrou, levantando a cabeça ligeiramente.

— De nada, — eu sussurrei de volta. — Obrigada por se tornar acima da média na cama.

Ele riu, o som embargado e rouco quando ele pressionou o rosto no meu pescoço. — Bem, agora você sabe que eu não estava mentindo. — Ele beijou o lado do meu pescoço e se levantou, lentamente saindo de mim. — Você quer tomar banho primeiro, ou eu vou?



Capítulo 17

Aspen

Grinches e Banshees... e uma manhã depois

Amarrei o elástico na parte de baixo da minha trança molhada e balancei a cabeça do meu lugar no balcão da cozinha. Eu estava sentada no meio dele, pernas cruzadas, cercada de comida.

— Não há como Voldemort derrotar Harry.

Luke levantou a sobrancelha e pegou um punhado de batatas fritas. — Como você sabe?

— Há literalmente sete livros e oito filmes sobre como *Voldemort não consegue matar Harry Potter*.

— Tudo bem, mas se Harry não fosse invencível...

— Agora, você está apenas desesperado. — Eu balancei a cabeça novamente e peguei uma fatia de pizza. — Seu argumento não tem mérito. Desista.

— Eu nunca desisto. Não contra você.

— Eu sei. Você é um idiota. Você não pode ganhar uma discussão contra mim. — Dei uma mordida na pizza. — Apenas admita.

— Você está tão gostosa, falando com a boca cheia.

— Eu jogaria esta pizza em você se não estivesse morrendo de fome.

Ele bufou, pegando sua própria fatia. — Não, você não jogaria. Eu nunca vi você jogando comida. Nunca.



— Comida é sagrada. Nunca deve tocar o chão.

— Não tocaria. Eu pegaria. Concordo plenamente com você.

Mordi o último pedaço da fatia que tinha molho e joguei a crosta na caixa. — Tanto faz. Voldemort ainda não poderia vencer Harry. Eu não me importo com o que você diz, estou certa.

— Claro, você está certa. — Ele encolheu os ombros e mergulhou algumas batatas fritas no molho rancheiro antes de empurrá-las em sua boca. — Sempre certa. Exceto pelas minhas habilidades no quarto.

— Você está tão gostoso, falando com a boca cheia, — eu devolvi para ele suas próprias palavras. — E de quem é a culpa que achei que você tivesse a habilidade de um adolescente virgem? Dificilmente era a estrela pornô do ano duas semanas atrás!

Ele riu, engasgando com as batatas fritas. Ele bateu com o punho no peito até poder falar novamente. — Estrela pornô do ano? Eu não iria tão longe. A menos que você tenha uma câmera de vídeo secreta lá...

Apontei para ele. — Eu só te deixei entrar porque pensei que fosse Blaire.

— Você me deixou entrar sim.

Bochechas ardentes, eu pisquei para ele. — Seu trocadilho não é engraçado.

— Eu pensei que era. — Ele sorriu.

— Nenhuma câmera de vídeo. — Eu redirecionei a conversa de volta. — Eu disse que você estava acima da média, não fique convencido.

— Você acabou de dizer que sou melhor do que pelo menos cinquenta por cento da população masculina. Como posso não ficar convencido?



— Porque, com esse cálculo, pelo menos quarenta e oito por cento da população poderia ser melhor na cama do que você.

Ele balançou a cabeça, jogando sua própria crosta na caixa. — Uau, Asp. Você realmente sabe como fortalecer um cara.

Eu me inclinei para trás e levantei as sobrancelhas. — Gozei duas vezes em quinze minutos e arranhei suas costas pra caramba. Acho que não preciso mais alimentar seu ego.

— Egos sempre precisam de alimentação.

— Assim como trolls da internet, mas isso não significa que você deve servir-lhes um jantar de três pratos.

— Entendi.

Eu sorrio, descruzando minhas pernas e esticando-as. Luke pegou mais batatas fritas e as mergulhou de novo enquanto eu pegava a água que abri mas não bebi há um tempo.

Ficamos em silêncio por alguns minutos antes de eu dizer: — É diferente agora, não é?

Luke lentamente deslizou seu olhar para mim. — Sim. É diferente.

Descansei meus pés no banquinho ao lado dele e brinquei com a garrafa. — Não foi curiosidade, foi?

— Você acha que foi?

Olhei para ele. Realmente olhei para ele. Seu cabelo escuro era uma bagunça e desarrumado em cima de sua cabeça. Seus olhos azuis eram suaves, mas curiosos, e a barba que escurecia sua mandíbula era longa o suficiente para que implorasse que eu passasse meus dedos por ela.

E eu balancei a cabeça.

— Eu também, — Luke disse calmamente.

— O que você quer fazer?



— Eu não sei, — ele respondeu. — Você?

— Não. — Eu estiquei o ‘a’. — Talvez devêssemos ter pensado nisso um pouco mais antes de... você sabe.

— Antes de eu fodê-la para o espaço?

— Eu não saí do quarto, quanto mais ir longe o suficiente em órbita para chegar ao espaço. Acalmes-se, Shrek. — Eu ri.

— Shrek? Pelo amor de deus. Não a coisa de cara de sexo novamente. — Ele balançou a cabeça.

— O que?— Eu sorri, inclinando-me para frente e descansando os braços em meus joelhos. — É verdade. Sua cara de sexo é um cruzamento entre Shrek e o Grinch, não tão verde. Mas totalmente peludo hoje. — Estendi a mão e acariciei o queixo dele.

Ele afastou minha mão. — Não estamos discutindo rostos sexuais. Você não vai gostar do que eu tenho a dizer sobre o seu.

— Por quê? O que há de errado com meu rosto sexual?

— Bem... Você parece um pouco como uma banshee.

— Uma *banshee*?— Minha voz subiu várias oitavas. — Uma maldita banshee?

Seus lábios se contraíram enquanto ele lutava contra o sorriso. — Sim. Você sabe, olhos arregalados, boca em uma grande forma de ‘o’...

— Uma banshee?— Eu não podia acreditar que ele estava me chamando de banshee. Ou mais especificamente, meu rosto sexual.

— Por que você está tão ofendida? Você me chamou de cruzamento entre Shrek e Grinch!

— Sim, bem... — Eu parei. — Você é injustamente bonito em um dia normal, então só parece justo a sua cara de sexo ser muito feia.



Ele sorriu. Era o tipo de sorriso que alcançava seus olhos e os fazia brilhar... e meu estômago revirar.

Era inquietante.

O revirar... não o sorriso.

— Acha que eu sou injustamente bonito?

— Agh. — Eu deslizei para fora do balcão. — Foi só isso o que você ouviu? Não poderia se concentrar na parte ‘muito feia’?

— Não. Isso não faz bem ao meu ego. Por que eu iria me concentrar nisso?

— Claro. — Eu balancei a cabeça. — Por que você iria?

Ele riu e se levantou, limpando os dedos em um guardanapo. — Está ficando tarde. Eu provavelmente deveria ir. Tenho que trabalhar amanhã.

Eu parei, me virando. — Você não... quero dizer, não é como se você nunca tivesse ficado aqui antes.

Ele arqueou uma sobrancelha. — Você está me pedindo para ficar?

— Não. — Eu me ericei. — Estou dizendo que você não tem que ir embora se não quiser.

Luke se aproximou de mim, parando apenas alguns centímetros à minha frente. — Se você quer que eu fique, apenas diga.

Cruzei os braços para colocar uma pequena barreira entre nós. — Eu não vou dizer isso.

— Então, você quer que eu vá embora?

— Por que você é tão estranho? Fique ou vá. Sua escolha. — Eu o cutuquei no peito. — Mas eu vou para a cama. Estou cansada.

— Sim? — Seu sorriso era torto. — Você está?

Estalei a língua e fui em direção ao meu quarto. — Tanto faz. Faça o que você quiser.



— Eu vou com você. Não será tão estranho quando eu acordar com uma ereção desta vez.

Atirei-lhe um olhar por cima do ombro e peguei uma camiseta e um short para usar para dormir. — Isso nunca vai deixar de ser estranho.

Ele encolheu os ombros e tirou a camisa. — Talvez para você.

Oh. Por que eu abri minha boca grande?

— Lembra quando Abuelita disse que eu precisava casar com uma mulher que sabe cozinhar?

Olhei para Luke, parando com a panqueca na minha espátula. — Aja com muito cuidado.

— Acho que eu poderia casar com você, — ele disse, pegando a garrafa de xarope. — Você é gostosa, boa na cama e sabe cozinhar. Isso é como a mágica tripla. Além disso, nós já nos conhecemos.

— Isso não é nada superficial. — Coloquei a panqueca no meu prato e me juntei a ele no balcão.

— O que? Aparência, sexo e comida. É tudo que um homem precisa em uma esposa.

— Errado. Ele também precisa que ela tenha a paciência de um santo, se esse é o tipo de besteira que ela tem que ouvir.

— Ah, merda, sim. — Ele fez uma pausa. — Bem, isso coloca você fora do páreo.

Eu lhe mostrei o dedo e coloquei uma fatia de bacon na minha boca. Tão idiota. Não que eu soubesse como fomos de fazer sexo para ele decidir que ia se casar comigo.



Claramente, ele estava pensando com seu pau e seu estômago.

Não era uma combinação muito inteligente.

— Por isso, você pode fazer seu próprio café, — eu disse, levantando para ir até a cafeteira.

— Pelo quê? O comentário triplo, ou a parte em que eu disse que você não tem paciência?

— Ambos, seu idiota. — Apertei o botão na cafeteira. — E não, você não pode usar um dos meus copos de café para viagem só porque está atrasado para o trabalho.

— Ah, olhe. Quem precisa se casar? Nós temos agido como fôssemos casados há anos. É bom saber que impressioná-la não mudou sua atitude em relação a mim.

— Jesus, Luke, se eu soubesse que fazer sexo com você iria transformá-lo em um idiota do ensino médio, eu teria mantido minhas pernas fechadas.

Ele engasgou com o suco. — Esqueci quão legal você é de manhã.

Segurando minha xícara de café, me virei, olhando para ele por cima da borda.

— Você também é muito bonita de manhã.

— Pare de me bajular. — Escondi meu sorriso atrás do copo. — Não está funcionando.

Ele dobrou uma panqueca em duas e deu uma mordida. — Então por que você está sorrindo?

— Não fale com a boca cheia. É nojento.

— Você fez isso na noite passada.



— É meu apartamento. Posso fazer o que eu quero. — Mostrei a língua para ele e caminhei até a porta da frente para atender a batida. Eu torci a chave e a abri.

Merda.

— Você pode se foder, — eu disse a Blaire. — *Traidora*.

— Sim, sim, tanto faz. — Ela me empurrou para o lado, entrando no meu apartamento.

Eu mal tive a chance de me estabilizar antes que ela parasse.

Um grande sorriso apareceu em seu rosto quando ela viu Luke sentado na minha ilha. — Vamos ver. Cabelos molhados, roupas de ontem, comida suficiente para alimentar quinhentas pessoas... Olá, vadia.

— E aí, — Luke disse, acenando com a cabeça, enquanto pegava outra fatia de bacon.

Minhas bochechas arderam quando os olhos de Blaire encontraram os meus. Eu murmurei: — Agora não, — mas disse em voz alta: — Café?

— Oh, então ela toma café, mas eu não?— Luke apontou seu pedaço de bacon para mim com um olhar irritado em seu rosto.

— Sim. Ela não está pensando com o pau e estômago. — Eu peguei o bacon dele e coloquei na minha boca.

— Compartilhando comida?— Blaire perguntou, abaixando sua bolsa. — Tão romântico.

— Você sabe onde a cafeteira fica. — Voltei para o meu banquinho no balcão e me sentei. — Não tenho que aturar essa merda de vocês dois.

Ela mostrou o dedo médio para mim e caminhou até a máquina. — Vou fazer um café para você, Luke. Você está claramente exausto. Foi uma noite longa?

Dei um olhar fulminante nas costas dela.



— Não. Eu estava dormindo às onze e meia, — ele respondeu. — Eu só gosto de café com meu bacon de manhã.

— Você provavelmente nem tem bacon na geladeira, — eu murmurei na minha xícara.

— Correto. Não tenho. — Ele me deu um sorriso. — É por isso que fiquei aqui ontem à noite. Então você pode me alimentar.

— Sim, — Blaire disse, puxando uma xícara da cafeteira. — É por isso que você ficou.

Olhei feio para ela mais um pouco.

Luke drenou seu suco e se levantou. — Não se preocupe com meu café, Blaire. Tenho que ir para casa e me trocar antes do trabalho. Eu vou pegar uma xícara lá.

Ele era mais esperto do que eu lhe dava crédito. Ele claramente viu que eu ficaria mais confortável sentada em um cacto do que nessa conversa.

— Saindo tão cedo?— Os olhos do meu melhor amigo brilharam quando ela se virou.

— Ela vai socar alguém se eu não sair, e já que eu não estou sendo um idiota, eu prefiro que seja você. — Ele sorriu, pegando seu telefone e as chaves no balcão e virando para mim. — Eu te ligo mais tarde?

— Trabalhando, — eu disse.

— Tudo bem, então eu te vejo mais tarde?

— Considerando o seu hábito de aparecer, você provavelmente vai.

— Eu meio que sorri. — Até logo.

Ele piscou, puxou meu cabelo e acenou para Blaire enquanto saía. A porta se fechou e o som dela se fechando contra a moldura pareceu ecoar no meu apartamento silencioso.



Blaire não disse nada por um bom minuto. Ela simplesmente ficou lá, encostada no balcão, segurando a xícara de café na frente dela para poder soprar. Ela me observou como um falcão.

Um falcão que queria ser socada na cara.

Mastiguei meu bacon, esperando que ela dissesse a primeira palavra. Ela costumava dizer. A primeira e última era o seu modus operandi. Por isso ela era ainda pior em discutir do que eu.

— Então, — ela finalmente disse depois de alguns minutos de espera. — Você dormiu com ele, hein?

— Nós fizemos uma experiência, — respondi. — Queríamos ver se nos sentíamos assim porque o primeiro... acidente... foi tão ruim.

— Ok, um: não foi um acidente. Dois: você não fez uma experiência. Você dormiu com ele.

— Foi uma experiência! Dormimos juntos puramente para ver se queríamos fazer isso só porque estávamos curiosos ou porque havia... alguma coisa... ali.

— E?

— E o que?

— Tem alguma coisa aí?

Eu parei. — Acho que sim. Ou isso ou os dois orgasmos me foram dados por feitiçaria.

— Dois? Espere. — Blaire abaixou a xícara. — Ele não conseguia nem te excitar na primeira vez, mas desta vez, você goza como se tivesse um botão de orgasmo na sua bunda?

Dei de ombros. — Eu não sei, mas não vou reclamar.

— Inteligente. Você provavelmente gemeu bastante nas últimas doze horas.



Cuspi meu café em cima das panquecas que sobraram enquanto ela ria. — Tanto faz.

— O que acontece agora?

Encolhendo os ombros novamente, levantei e levei o prato de panquecas para lixeira. — Nós não sabemos.

— Vocês não sabem? Olha, Asp, até eu tenho um plano claro de ação depois que eu transo com um cara. Ou ele é um bom partido ou eu estou fora de lá.

— Uau. Aposto que Tom está tão feliz que você não joga levianamente com seus padrões.

— Ha-ha-ha, — ela disse. — Ele é o sortudo que recebe um pedaço disso regularmente. — ‘Com isso’, — ela gesticulou para baixo de seu corpo. — O *único*.

— Estou tão feliz que você esclareceu. — Eu coloquei todos os pratos na lava-louças e liguei. — Nós simplesmente não sabemos. Não acho que nenhum de nós estivesse preparado para o fato de sentirmos algo além de uma mera curiosidade.

Blaire assentiu como se entendesse. — Ainda assim, ele ficou a noite. Foi diferente?

— Sim. — Eu estiquei o ‘m’. — Tipo, eu não estava apenas deitada ao lado de Luke. Estava deitada ao lado desse cara realmente gostoso com abdominais que faria um fisiculturista chorar, e eu acordei com o braço dele em volta de mim. Foi estranho.

— Estranho bom? Ou estranho ruim?

— Apenas... estranho. Ainda é Luke, sabe? Mas estou começando a pensar que a estranheza está na minha cabeça. Não parece nada



errado. Na verdade, estou muito confortável em torno dele. É tão... perfeito.

Ela inclinou a cabeça para o lado, lentamente empurrando o cabelo para trás da orelha. — É tão fácil que você tem medo de ser fácil demais.

Envolvendo meus braços em minha cintura, eu assenti. — Muito fácil.

Ela suspirou, depois olhou para mim com um olhar resignado. — Entendi. Sabe que eu não sou realmente do tipo emocional...

— Não, sério? Estou chocada.

— Cale a boca. — Ela escondeu uma risada. — Mas eu senti o mesmo quando comecei a namorar Tom, e éramos apenas amigos, e mesmo assim foi só porque éramos amigos de Luke. Inferno, nós nem estávamos namorando. Nós estávamos apenas transando.

— Eu me lembro das malditas chamadas telefônicas.

— Foi mal. — Ela até corou. — Foi muito fácil ir daí para namorar e depois morar juntos.

Eu me abracei ainda mais. — Por que você o trouxe aqui ontem à noite? Para me enganar?

— Enganar é uma palavra forte, — ela respondeu lentamente. — Eu queria ajudar. Eu só... eu te conheço, Asp. Você estava se martirizando sobre isso e, quando faz isso, tem tendência a se tornar um avestruz.

— Um avestruz?

— Sim, você enterra a cabeça na areia e espera que a merda passe por você.

Eu queria discutir com isso, mas... sim, sim. Ela estava certa.

— Fui até a casa dele, e ele parecia que eu tinha acabado de atropelar o cachorrinho dele. — Ela levantou um ombro indiferente e



empurrou o balcão, movendo-se em minha direção para colocar sua caneca na lava-louças. — Eu só... vocês têm algo. Vocês têm que conversar sobre isso. Posso ver que você sente algo mais por ele.

— Não sei o que sinto, — admiti. — Preciso descobrir isso. Eu só... e se eu o perder, Blaire? Prefiro sentir algo por ele e nunca levar isso adiante a perder meu melhor amigo de uma vez por todas.

— Aspen, honestamente, — ela respondeu, encontrando meus olhos. — Você só tem que ter uma chance, se é isso que quer fazer.

— Esse é o problema. Eu não sei o que quero fazer. Eu nem sei se podemos transformar uma amizade em um relacionamento romântico sem arruinar tudo.

Esperava algum tipo de resposta espertinha, mas não recebi.

Em vez disso, Blaire envolveu seus braços em mim e me abraçou com força.

Blaire não era de abraços.

Nunca. Nem mesmo cachorrinhos, crianças pequenas ou sua própria família.

Descansando a cabeça em seu ombro, fechei os olhos, e foi só então que senti as lágrimas rolando pelas minhas bochechas.

Droga.



Capítulo 18

Luke

Sonhos eróticos <Sexo <Ciúmes

Entrei no bar, meus olhos instantaneamente deslizando para a morena atrás do balcão. Aspen estava rindo de algo que um cara da nossa idade dizia a ela, seus olhos cor de mel vivos com diversão e seu sorriso largo.

A pontada de ciúmes que torcia meu estômago me irritou.

Eu odiava. Não queria sentir isso. Odiava que vê-la rir para um cara estranho me causassem arrepios. Odiava que isso fosse uma merda pra mim.

Normalmente, esta situação me faria andar até lá e me apresentar como seu melhor amigo. Isso, ou eu observaria de longe, certificando-me que o cara não era um idiota para ela.

Agora, eu queria ir até lá e arrastá-lo para longe dela pelo colarinho.

Algo que eu não tinha o direito de fazer.

Inferno, apesar de meus gracejos sobre o casamento esta manhã, mesmo que ela fosse minha esposa, eu não teria o direito de impedi-la de falar com alguém. Especialmente não no trabalho.

Mas eu queria arrancar as orelhas dele.

Em seguida, eu queria sufocá-lo com elas.

— Você está bem, cara? — Will me deu um tapa no ombro. — Você parece estar tramando um assassinato.



Eu rolei meu ombro e o segui até o bar. — Hoje não. Talvez amanhã.

Seus olhos seguiram os meus. O cara agora estava inclinado para frente no bar, e as mangas de sua camiseta estavam enroladas um pouco mais altas do que antes de eu olhar um minuto atrás.

Como eu sabia?

Eu arregacei as mangas mais de uma vez para impressionar alguém.

— Ah, — Will disse. — Um cara dando em cima de Aspen.

— Não apenas um cara dando em cima de Aspen, — Tom disse, chegando ao meu lado. — Um cara dando em cima da mulher com quem ele dormiu na noite passada.

Will se afastou. — O que?

— Vou matar Blaire, — eu murmurei, afastando-me dos dois em direção ao bar. Eu cheirava a serragem e suor com um pouco de ar marítimo misturado da construção que estávamos trabalhando a poucos metros da praia, mas provavelmente era melhor do que qualquer coisa que o menino bonito que ela estava falando cheirasse.

Porra.

Isso estava piorando.

— Você dormiu com Aspen?— Will sibilou no meu ouvido, agarrando meu braço.

— É uma longa história, mas sim, — respondi. — Estendi a mão e agarrei a parte de trás do meu pescoço, abaixando a cabeça para que eu não tivesse que assistir o babaca no final do balcão flertando com ela.

Porra, isso era tão diferente.

De onde diabos isso veio? Não por ter sexo com ela. Isso era mais do que ser apenas protetor dela — isso era eu querendo *protegê-la*. Escondê-la de imbecis que só queriam fazer sexo com ela e descartá-la.



Porque foda-se o que eu disse a ela ontem à noite, não tinha sido curiosidade para mim.

Eu sabia que a queria. Sabia que queria mais. Não sabia quando isso aconteceu, e não sabia por que, e não conseguia explicar.

Só sabia que queria Aspen Camden mais do que eu jamais quis alguém na minha vida.

Eu queria a minha melhor amiga mais do que jamais quis outra mulher.

— Merda, — Tom murmurou, inclinando-se para frente ao meu lado. Seu cotovelo cutucou o meu.

— Ele deu a ela o número dele na parte de trás do recibo, — Will continuou.

Passei os dedos pelo cabelo.

— Houston, nós temos um problema, — Tom continuou, ainda resmungando como um maldito garoto de cinco anos tentando evitar comer todos os biscoitos.

— Houston, eu preciso de um passeio no espaço. Traga minha cerveja para fora, sim? — Saí do bar e me virei, caminhando até a porta da frente.

O ar quente do final da tarde bateu em mim no segundo em que deixei a atmosfera do ar-condicionado do bar. Havia duas mesas no pátio do lado de fora, e eu podia ver a praia do meu novo lugar no final de uma delas.

O que diabos havia de errado comigo?

Eu me inclinei, apoiei os cotovelos nos joelhos e enterrei minha cabeça nas mãos. Meus dedos deslizaram em meu cabelo, e abaixei tanto meu queixo até quase tocar meu peito.



O que diabos estava acontecendo? O que era isso?

Eu não era o tipo de cara que enlouquecia por uma mulher só porque fizemos sexo. Além de minhas primas, Aspen e Blaire eram as únicas que eu protegia ativamente, mesmo que isso significasse tirar minha bunda do bar porque alguém me irritou um pouco demais.

Isso aconteceu. Uma ou duas vezes. Talvez três vezes.

Tudo bem, então havia três bares na cidade mais próxima que eu não era mais bem-vindo. Mas tudo o que eu fiz foi protegê-las de mulherengos apalpadores.

O cara no bar dando em cima de Aspen e fazendo-a rir... ele não estava sendo um idiota. Eu vi caras dando em cima dela mil vezes. Não era uma coisa nova. Eu não era novato em ser o melhor amigo homem.

Eu sabia o meu papel.

Ficar sentado. Morder minha língua. Arrastar o cara para longe quando ele se excedesse. Talvez socá-lo se ele for um pouco arrogante comigo.

Este... este não era meu papel.

Sentar do lado de fora do bar, com a cabeça em minhas mãos, sentindo pena de mim mesmo, não era o que eu fazia.

Não por causa de Blaire. Não por causa de qualquer mulher.

Não por causa de Aspen.

Mas aqui estava eu.

Sentado do lado de fora, cabeça em minhas mãos, sentindo pena de mim mesmo. Por causa de um cara dando em cima de *Aspen*.

Foda-se. Eu estava ferrado.

— Aqui. — Tom colocou uma garrafa na mesa ao meu lado. — Beba isso.



Eu bebi. Quase tudo pelo menos. Meus lábios formaram uma vedação em torno do topo da garrafa que estalou quando eu a soltei. — Obrigado.

Will encontrou meus olhos da mesa oposta. — Ela jogou o número dele fora.

— O que? — Eu levantei a cabeça.

— Sim. Ela sorriu até ele finalmente se virar. Ela atirou o pedaço de papel embaixo do balcão e jogou no lixo quando veio até nós.

Um tipo de satisfação doentia me invadiu, embora eu tivesse poucos motivos para acreditar que fosse por minha causa. Nós não tínhamos discutido exatamente o que estávamos fazendo com nossa estranha situação, mas isso não significava que eu não gostasse do que tinha ouvido.

Porra, eu adorei.

Foda-se, garoto bonito.

Não que eu não fosse um.

Não, foda-se, eu não era. Eu não era um menino bonito que passava horas arrumando meu cabelo ou que usava calças mais apertadas do que as da minha garota.

Não que eu tivesse uma garota.

Não. Eu não tinha.

Peguei a cerveja e tomei um longo gole. Foda-se essa merda. Ela não era minha. Ela era minha melhor amiga, mas isso era agora. Não importa o quanto eu quisesse tirar o número do cara da mão dela e enfiar no nariz dele...

Neste momento, ela ainda era apenas Aspen.

Minha melhor amiga.



A garota com quem eu dormi ontem à noite.

A garota que estava me enviando sinais contraditórios porque estava tão perdida quanto eu por causa disso.

Ela era a fodida Aspen, porra.

Ela não era apenas Aspen.

Ela era Aspen.

Aspen.

— Tudo bem, Dec me deu dez minutos para sentar com vocês, então meu turno acabou, com licença. — Aspen correu para a nossa mesa e colocou uma bandeja cheia de cerveja e batatas fritas e salsa. — O queso e o creme azedo estão saindo. Principalmente porque eu lembrei a ele que se ele não me desse em dez minutos, ele me devia mais cinco.

Ela subiu no banco ao meu lado e sentou sobre a mesa. Sua coxa roçou meu braço.

Sua saia era apertada e, enquanto estava sentada, mal chegava aos joelhos. Moldava o corpo dela como se fosse feita para isso. O top branco que ela tinha enfiado na saia era tão apertado e justo, e porra, mostrava seus peitos.

Quando eu percebi isso?

Merda.

Aspen segurou o rabo de cavalo, parando para desfazer um nó. — Como está o trabalho?

— Ótimo, — Tom respondeu. — Luke não foi assediado por três dias inteiros.

Seus lábios puxaram para o lado em um sorriso. — As mulheres que vocês têm cantado têm bom gosto, — ela disse. — Quantas mostraram o dedo?



— Todas elas, — Will admitiu. — Exceto a que acenou para Luke.

O olhar de Aspen deslizou para mim, escurecendo no processo. — Estou surpresa, — ela disse. — Eu adoraria ficar com vocês, mas meu intervalo acabou. — Ela deslizou para fora do banco, limpando as mãos sobre a bunda dela.

— São os dez minutos mais rápidos de todos os tempos, — Tom disse.

— Sim, bem, o tempo voa quando você está se divertindo. — Ela deu um sorriso tenso e se virou para voltar para o bar.

— Isso não foi nada estranho, — Will disse, observando-a ir. — Então, você vai nos contar como acabou fazendo sexo com ela?

— Não. — Eu puxei minha cerveja para mim e bebi da garrafa.

Tom levantou as sobrancelhas. — Você sabe que Blaire já me disse.

— Você conta a história então.

— Ou não, — ele terminou.

Esfreguei a testa e descansei os braços sobre a mesa. Toda essa situação era estranha. Eu estava sentindo ciúmes de um cara que deu seu número para ela, e ela desapareceu no segundo que Will disse que alguém tinha acenado para mim.

E ninguém acenou. O imbecil estava tentando implicar com ela, e funcionou.

Já era difícil o suficiente sem que ninguém se envolvesse.

Aspen reapareceu com duas pequenas tigelas de queso e guacamole. Ela colocou sobre a mesa sem dizer uma palavra e voltou para dentro.



— Volto logo. — Empurrei minha garrafa e me levantei, seguindo-a. O bar estava congelando comparado ao exterior, e eu tremi quando me aproximei do balcão.

Aspen estava de pé do outro lado, entregando outra cerveja ao mesmo cara que lhe deu o número.

— Tem um minuto?— Eu interrompi a conversa.

Seus olhos cintilaram entre ele e eu. — Você pode me dar um segundo?

— Nah, sem problema, querida. — Coloque na conta para mim. — O cara atirou nela o tipo de sorriso que você dá a garota que quer foder e despejar na manhã seguinte. Ele nos deixou sozinhos, me lançando um olhar sombrio enquanto saía.

Tenho certeza que aquele que atirei nele foi ainda mais sombrio.

— O que se passa? — Aspen perguntou, com um brilho falso em sua voz.

Voltei minha atenção para ela. — Você está me ignorando de novo?

— Por que você diria isso?

— Bem, para começar, você não disse uma palavra para mim, — eu disse, descansando meus braços no balcão e me inclinando para frente. — E assim que Will disse que uma mulher acenou para mim, você foi embora.

Ela levantou uma sobrancelha, pegando um copo e limpando o interior com um pano. — Vindo do cara que me viu conversando com outro e saiu para se sentar do lado de fora.

— Não é a questão.

— É totalmente a questão. Você pode ficar com ciúmes, mas eu tenho que gostar que uma mulher aleatória acene para você?



— Eu não estou com ciúmes, — eu menti. — Simplesmente não gosto da aparência do cara.

— Mhmm.

— E vocês não estavam apenas conversando. Eu vi ele te dar o número dele.

— Que eu prontamente deixei cair no lixo, — ela respondeu espertamente, abaixando tanto o copo quanto o pano. Agarrou a borda do balcão e me deu um olhar que dizia que ela via através de mim. — Isso faz você se sentir melhor?

Sim.

— Não há nada para sentir melhor. Eu não estou com ciúmes. — Dei de ombros. — Eu só queria saber se você estava bem, isso é tudo.

— Estou bem. Melhor?

— Claro. — Pausando, olhei por cima do ombro para o cara que estava nos observando. — Você realmente jogou fora o número dele?

Ela deu de ombros. — Eu não queria. Ele meio que empurrou para mim.

— Sério?

— Sim. Por que isso importa, Sr. Não Estou Com Ciúmes?

— Não importa. Mas, você sabe, só para o caso de acontecer... — Eu me inclinei no balcão, segurei a nuca dela e a beijei.

Suas bochechas coraram quando eu me afastei. — Sim. Não estou com ciúmes minha bunda.

Sorri, acariciei sob seu queixo e voltei para os rapazes.



— Um passarinho me disse que você beijou Aspen ontem. — Mamãe deslizou um sanduíche do outro lado da mesa para mim. Ela tinha uma sobrelanceira levantada, e estava olhando para mim do mesmo jeito quando eu era criança e ela sabia que eu estava mentindo sobre alguma coisa.

Esse era o olhar dela: “Conte-me tudo e não vou dizer a sua avó com o chinelo dela.”

Funcionava sempre.

— Eu beijei. — Peguei o copo de Pepsi que ela me ofereceu e bebi.

— Bem? É tudo o que você vai dizer? Você beija sua melhor amiga de infância e é isso?

— Quem beijou quem? — Abuelita perguntou em espanhol, arrastando-se para a cozinha com a roupa brilhante de hoje: uma saia roxa com uma camiseta verde e um suéter amarelo.

Mamãe olhou para mim com um brilho maligno em seus olhos. — Luke beijou Aspen.

Abuelita parou. Ela levou as mãos enrugadas às bochechas, boquiaberta. — Você beijou Aspen?

Sabia que vir aqui hoje era uma má ideia. — Eu beijei Aspen, — confirmei.

— Vocês vão se casar?

Uau.

— Nós apenas nos beijamos, Abuelita. Nós não vamos nos casar. — Mordi meu sanduíche.

Ela correu para mim e pegou minhas mãos nas suas, quase me fazendo soltar meu sanduíche. — Isso é maravilhoso!— Ela continuou em



espanhol, dizendo-me em termos inequívocos que eu tinha que casar com Aspen, ter lindos bebês e comprar uma casa e arranjar um Labrador.

— Acalme-se, Abuelita, — eu disse, ignorando mamãe rindo na pia. — Nós apenas nos beijamos. Não planeje nosso futuro ainda. Nós nem tivemos a chance de conversar corretamente.

— Vocês dois podem não ter conversado, mas vocês são o assunto do dia na cidade, — mamãe acrescentou. — Eu descobri nos correios esta manhã.

— Mesmo? As pessoas estão falando de um beijo?

— Por quê? Já houve mais?

— Você realmente quer que eu responda isso?

Ela fez uma pausa. — A pessoa intrometida aqui dentro diz sim, mas como sua mãe, não. — Ela balançou a cabeça. — Mas sim, as pessoas estão falando sobre isso. Ora, Luke. Vocês são melhores amigos desde o dia em que começaram a estudar, mas aí você se inclina sobre o balcão e a beija como se estivesse namorando com ela? As pessoas vão falar.

— Sabia que deveria ter me mudado para Austin depois do ensino médio. Ninguém lá se importaria se eu a beijasse.

— Todo mundo aqui ainda saberia. Não esqueça que a Luisa está na faculdade lá.

Eu precisava de uma família menor.

— Então você não vai se casar com ela? — Abuelita perguntou, finalmente soltando minhas mãos.

— Não está nos planos agora, — respondi. — Mas eu vou deixar você saber se isso mudar.



O tema da Roda da Fortuna veio da sala de estar, e felizmente foi o suficiente para fazer minha avó sair da cozinha e parar de me casar com Aspen.

Soltei um longo suspiro e peguei minha bebida.

— Não sei se ela está feliz por você estar vendo Aspen, ou que Aspen está finalmente interessada em um de seus netos. — Mamãe sentou-se à minha frente.

— Definitivamente o último, — eu respondi. — A última coisa que precisamos é que toda a cidade fofoque sobre nós quando nem sequer sabemos o que estamos fazendo.

— Você deveria ter pensado sobre isso antes de beijá-la em público.

Ela tinha razão. — Sim, bem, eu não estava pensando nisso. Estava pensando que o idiota que estava dando em cima dela precisava recuar.

Mamãe riu. — Aw, meu garotinho, todo ciumento.

— Não estava com ciúmes, — respondi. — E não tenho sido seu garotinho desde que eu tinha oito anos e era não realmente menor do que você.

Ela se inclinou e apertou meu braço. — Não seja insolente. Você estava com ciúmes. É normal que sinta ciúmes, Luke. Você se importa com ela.

— Sim, mas estou acostumado a me importar com ela como seu melhor amigo. Assim não. Eu não sei como lidar com essas emoções quando se trata dela.

— Adapte-se às dificuldades. Você não tem escolha. Se vocês dois sentem o mesmo, o que suponho que sentem, então precisam aprender como navegar em seu relacionamento em mutação.



— Eu sei disso, mas é a parte de aprendizado que é difícil. — Peguei uma fatia de tomate do meu sanduíche. — Nós tivemos um status quo por tanto tempo. Nós conhecemos os limites da nossa amizade, mas agora eles foram cruzados. — *Epicamente cruzado*. — Eu não sei ser nada além de ser o melhor amigo dela.

Mamãe tomou um gole de Pepsi. — Você ainda pode ser o melhor amigo dela. Isso não tem que mudar só porque suas emoções mudaram.

— Isso não ajuda.

— Faça algo diferente. — Ela apertou as mãos na frente dela. — Faça algo juntos que vocês não fariam como amigos. Trate seu relacionamento em mudança como deveria. Se você estivesse começando a namorar uma estranha, você ficaria deitado no sofá, assistindo filmes em seu moletom?

— Soa como o primeiro encontro perfeito, em minha opinião, mas acho que percebi o que quer dizer.

Seus lábios puxaram para um lado. — Exatamente. Você faria isso mais tarde, quando fizesse amizade com ela. Você e Aspen já têm essa amizade, então isso significa que vocês precisam sair de suas zonas de conforto. Leve-a para um encontro. Não presuma que você pode fazer algo romântico só porque vocês se conhecem muito bem.

— Eu não vou. Acho que vai ser mais difícil do que qualquer coisa fazer um relacionamento romântico dar certo com ela, porque se algo der errado, nós nunca conseguiremos ter a nossa amizade de volta como era.

— Às vezes é um risco que você tem que correr, — mamãe continuou, com os olhos suaves. — Você sempre pode desistir agora. Você não precisa ir mais longe do que já foi.

Fácil de dizer quando ela não sabia o quão longe nós já fomos.



— Mas, se realmente quiser ter uma chance de fazer isso dar certo, você tem que estar pronto para se esforçar. Pense nisso desta maneira. — Ela colocou a mão no meu braço. — Você não precisa impressionar Aspen. Ela já conhece todas as suas partes boas e ruins, e se ela pôde te aturar por vinte anos, ela provavelmente é o tipo de garota com quem você realmente precisa se casar, Luke. Poucas conseguiriam aguentar suas falhas.

Eu sorri. — Obrigado, mãe. Você sabe como fazer um cara se sentir bem.

— Ela está certa!— Abuelita gritou da sala de estar. — Você foi às compras, ou eu preciso cozinhar para você de novo?

Mamãe pode ter razão...

Eu: Tive uma ideia.

Aspen:...Não pense muito. Você pode se machucar.

Ela era uma típica comediante, não era? Balancei a cabeça e abri o teclado novamente no meu celular.

Eu: Falei com mamãe mais cedo. Ela sugeriu que fôssemos a um encontro.

Aspen: Isso não é ter uma ideia. Isso é roubar a ideia de sua mãe.



Eu: Semântica.

Aspen: Semântica importante. Você está me convidando para um encontro ou sua mãe está fazendo isso por você? Mais ou menos como Abuelita cozinha para você.

Eu: Ela cozinha para você também.

Aspen: Eu sei. Estou comendo a comida dela agora. A propósito, você sabia que me beijar no trabalho é basicamente a conversa de toda a cidade? Obrigada por isso.

Eu: Sabia. Como você acha que minha mãe descobriu?

Aspen: Isso significa que Abuelita sabe?

Eu: Sim. Ela já está planejando nosso casamento. Ela está extasiada que você finalmente está interessada em um de seus netos.

Eu: Embora, ela tenha parecido um pouco ofendida que é um com o qual ela nunca tentou te juntar. Ela acha que está perdendo o toque como casamenteira.

Aspen: Ela nunca teve um toque como casamenteira. Ela tinha?

Eu: Não, mas VOCÊ quer ser a única a dizer isso a ela?



Aspen: Não. Ela me deserdaria. Eu preciso de mais quesadilla.

Eu: Você já comeu tudo?

Aspen: Você está me julgando? Porque eu já tive isso do meu jeans. Eu não preciso disso de você também.

Eu: Seu jeans te julga?

Aspen: DEVIAM FAZER O CÓS ELÁSTICO OK

Aspen: CALÇAS DE YOGA NÃO ME JULGAM

Eu: Eu ficaria bem se você usasse calças de yoga o tempo todo.

Aspen: Você e a maioria dos outros homens. Eu trabalho duro pela minha bunda.

Eu: Eu não quero ouvir falar de outros homens.

Aspen: Oooh. Você está ficando com ciúmes de novo?

Eu: Eu não estava com ciúmes para começar.

Aspen: Você é tão mentiroso que há alienígenas em outra galáxia que podem sentir o cheiro dela.



Eu: Cheiro a algodão doce.

Aspen: Não. Eu usei o banheiro depois de você. Não cheira.

Eu ri. Ela não estava errada.

Aspen: Você disse algo sobre um encontro?

Respirei fundo. Parecia uma boa ideia antes de termos nos desviado, mas agora eu me sentia nervoso. Eu sabia que minha mãe estava certa... se íamos namorar, precisávamos agir como tal. Precisávamos passar pelo constrangimento para ver se realmente poderíamos ser mais que amigos.

E quanto mais eu pensava nisso, mais eu queria ser.

Porra, eu queria ser. Não queria pensar nela com mais ninguém.

Eu: Quer jantar comigo? Eu vou reservar uma mesa.

Aspen: Caramba, você realmente quis dizer um encontro de verdade.

Eu: Eu não estava falando sobre a fruta⁴.

Aspen: Estamos realmente fazendo isso?

⁴ Tâmara, que em inglês é “date”, que também significa encontro. ^_^



Eu: Mamãe sugeriu que saíssemos da nossa zona de conforto. Não é como se tivéssemos que nos conhecer, mas se nós ficássemos em casa assistindo filmes, não seria um encontro. Nós fazemos isso todo fim de semana.

Aspen: E nunca fomos jantar, então é um passo lógico.

Eu: Exatamente. Você topa? Sexta-feira à noite?

Aspen: Você vem me buscar? Eu tenho que me arrumar?

Eu: Sim e sim. Você não usaria calça de yoga em um primeiro encontro, usaria?

Aspen: Se eu pudesse me safar, pode apostar que sim.

Eu: Você não pode. Não.

Aspen: Tudo bem. Mas você deve saber, não vou tirar a roupa até o terceiro encontro.

Eu: Isso só funciona se você ainda não tiver tirado a roupa.

Aspen: Eu vou tirar a roupa se você pagar. E se não for totalmente estranho.



Eu: Ah. Eu poderia comer toda a sua comida, mas sou um cavalheiro. Você pode pagar pelo encontro dois.

Aspen: Ok, mas vou usar calça de yoga.

Eu sorri.

Eu estava bem com isso.



Capítulo 19

Aspen

Como namorar seu melhor amigo

Eu andava de um lado para o outro pela sala de estar, com as roupas penduradas na parte de trás do sofá. Vestindo apenas uma camiseta e calcinha, e Blaire estava folheando uma revista como se eu não estivesse perdendo a cabeça por aqui.

— Você tem que me ajudar!

Suspirando, ela largou a revista e olhou para mim. — Você está pirando por horas. Eu não sei o que te dizer. Mas tenho certeza que não vou lembrá-la do nome dele já que você quase arrancou minha cabeça uma vez.

Gemi e sentei no sofá, enterrando a cabeça nas mãos. — Isso é loucura, Blaire. O que eu estou fazendo?

— Sim, é um pouco louco. Você fodeu seu melhor amigo, mas ir jantar com ele? Que horror!

Joguei uma almofada nela. — Eu sei disso, mas é como... Isto é um encontro. Um encontro de verdade. Na verdade, estaremos em um encontro.

— Diga isso de novo. Eu não entendi que é um encontro.

Pressionei meu rosto nas mãos. — Não. Isso muda tudo, Blaire. Tudo.

— Então, cancele.



— Eu não posso!

— Por que não?

— Eu simplesmente não posso. — Fiz uma pausa, caindo de volta no sofá.

Ela fechou a revista com um suspiro e a colocou na mesa de café. — Você tem sentimentos por Luke?

Eu tinha. Não sabia quando apareceram, mas eles apareceram. Ontem, no trabalho, quando Will tinha dito que alguma mulher tinha acenado para ele, um toque de ciúme fez minha pele formigar. Foi perturbador.

Eu ainda estava inquieta.

Se esta noite der certo... e daria, porque sempre dava quando estávamos juntos... isso significaria que estávamos oficialmente namorando.

Uma coisa é ter sentimentos pelo seu melhor amigo.

E outra coisa totalmente diferente era namorá-lo.

Ainda nem tinha aceitado ter sentimentos por ele, quanto mais namorá-lo. Toda a situação ainda era estranha para mim.

Não importava que eu gostasse que ele tivesse me beijado no bar ontem. Na frente de todas as pessoas. Especialmente o cara que me deu seu número mesmo quando eu disse não.

Luke ciumento era um Luke fofo.

Era ainda mais fofo que ele negasse ter ciúmes.

— Aspen, escute. Você se sentiria assim, não importa com quem você estivesse saindo. Lembra-se daquele cara que você conheceu no Tinder? Você estava praticamente borrando as calças antes daquele encontro. O que você está sentindo é totalmente normal. — Blaire



encontrou meus olhos. — Se você está realmente incomodada, não leve isso mais longe.

— Eu quero, — eu disse suavemente, parando de remexer pela primeira vez em anos. — Mas ele é...

— Seu melhor amigo. Eu sei. Mas namorar um ao outro não significa que ele ainda não possa ser assim. Tom é praticamente meu melhor amigo além de você e Luke.

— Mas vocês namoraram primeiro. A proximidade de sua amizade veio depois.

— Então? Finja que vocês não são melhores amigos. É estúpido, mas se você levar seu relacionamento ao básico, provavelmente descobrirá que é mais fácil do que você pensa.

Isso não era uma má ideia. Por mais idiota que parecesse fingir que não nos conhecíamos, removeria o elemento de nosso relacionamento em que tanto confiamos.

Era irônico. A coisa com a qual estávamos mais confortáveis em nosso relacionamento era a coisa que nos deixava tão desconfortáveis de seguir em frente.

— Nós poderíamos fazer isso, — eu disse lentamente. — Isso faria com que parecesse mais um primeiro encontro de verdade e não dois melhores amigos brincando de relacionamentos.

— Viu? Eu não sou apenas um rostinho bonito. Tenho boas ideias também. — Ela se levantou do sofá. — Agora, vamos encontrar um vestido que irá ao mesmo tempo impressioná-lo e deixar o pau dele duro.

— Ah, a combinação mágica para um primeiro encontro. — Peguei um vestido vermelho ao meu lado. — Foi mais ou menos assim que meu último primeiro encontro foi.



— Sim, mas pelo menos desta vez, você sabe que não vai acidentalmente jantar com um estudante de dezenove anos fingindo ter vinte e cinco anos.

Um ponto para namorar seu melhor amigo.

Eu ia vomitar. Tinha tanta certeza disso que apostaria dinheiro.

Nenhuma dúvida sobre isso. Nunca senti meu estômago revirar assim antes de um encontro. Nunca. Parecia não natural. Na verdade, se não fosse pelo fato de que minha maquiagem estava perfeita, eu provavelmente correria para o banheiro preventivamente.

Mexi meus dedos dos pés dentro dos sapatos, não era uma coisa fácil com saltos altos, e olhei para a porta da frente.

Ele estava atrasado.

Por que ele estava atrasado?

Ele havia mudado de ideia? Será que ele decidiu que namorar sua melhor amiga era demais? Eu não iria culpá-lo. Nós poderíamos voltar ao normal.

Convenhamos. Se nós namorássemos, eu teria que alimentá-lo em uma base semirregular, e eu fazia isso, afinal. Ele ficava para dormir. Nós até tivemos sexo ruim e bêbado.

Basicamente estávamos namorando há anos, apenas sem o lado físico ou emocional.

Apenas, você sabe. Se voltássemos ao normal, eu provavelmente compararia cada cara com ele e usaria seu beijo como o nível mais alto



para beijar. Eu nunca mais namoraria porque não havia como alguém se comparar com ele.

Ele seguiria em frente facilmente. Olhe para ele. Era perfeito num pacote ligeiramente preguiçoso. Ele se casaria com alguém que iria alimentá-lo e que sua avó amaria e ele esqueceria tudo sobre mim.

Oh, Jesus, ele me esqueceria.

Foi por isso que ele se atrasou.

Ele mudou de ideia e já estava me esquecendo.

Eu precisava de uma bebida.

Eu me movi tão rápido quanto meus sapatos me permitiram ir até o canto onde a garrafa de tequila estava. Trinta segundos depois, eu tinha o copo minúsculo cheio de líquido na minha mão e estava engolindo como se fosse uma poção mágica que poderia curar todos os meus problemas.

Irônico, considerando que isso foi a causa de todos os meus problemas atuais.

Três batidas trovejaram contra a porta e eu quase derrubei o copo em estado de choque.

— Ah... ah, espere! — Eu gritei, empurrando o copo sujo para o armário e deslizando a garrafa de volta para o canto. Ele tintilou contra a vodka, e eu estremeci, em seguida, rapidamente soprei na palma da mão para cheirar meu hálito.

Tequila.

— Aspen? Você está bem? — Luke chamou pela porta.

— Sim! Apenas um sexo! Quero dizer, segundo... merda. — Abri a gaveta de remédios e tirei duas pílulas pra azia Gaviscon. Eu não tinha balas de hortelã nem tempo para escovar os dentes, então elas teriam que servir.



Mastiguei como se minha vida dependesse disso e, quando eu engoli a última pílula de calcário, fui até a porta da frente. Mas não antes de fazer outro teste de respiração rápida.

Eca. Gaviscon, mas melhor que antes.

Abri a porta e congelei.

A camisa de Luke parecia totalmente branca contra a pele bronzeada e, se possível, isso o deixava ainda mais bonito. Estava enfiada em uma calça preta perfeitamente passada que ficava sobre sapatos pretos e brilhantes. Seu cabelo escuro estava penteado para o lado, e seus olhos azuis brilhavam enquanto me olhavam de cima a baixo.

E eu não vou mentir, meu coração parecia ter pulado na minha garganta ao vê-lo.

— Oi, — ele disse, trazendo o olhar para cima para encontrar o meu com seus lábios curvados.

— Oi, — sussurrei, meus próprios lábios se contorcendo em um pequeno sorriso.

— Você está linda. — Ele deu um passo em minha direção, sorrindo um pouco mais.

— Obrigada. — Abaixei a cabeça, sorrindo. — Você também não está nada mal.

Ele estendeu a mão e segurou meu queixo, inclinando minha cabeça para cima. — Você está pronta para ir?

Balancei a cabeça.

— Espere. — Ele se inclinou e suavemente me beijou, roçando os lábios nos meus e fazendo meu estômago saltar. — Isso é... Gaviscon?

— Umm. — Eu coloquei meu sorriso mais doce. — Sim.

— Eu realmente não deveria estar surpreso, deveria?



— Ninguém quer gás preso em seu primeiro encontro. — Dei de ombros, dando um passo para trás e pegando minha bolsa. — Vamos?

Rindo, ele voltou para o corredor para que eu pudesse trancar a porta, então pegou minha mão com uma piscadela. — Vamos lá.

Olhei para Luke por cima do cardápio.

Nós tínhamos mais do que algumas pessoas olhando para nós quando entramos no restaurante. Esse era o problema com Port Wynne. Havia apenas um restaurante chique em toda a cidade, então não tínhamos como escapar a menos que saíssemos da cidade, e ambos concordamos que era um esforço demais quando morávamos aqui.

— As pessoas estão olhando para nós, — eu sussurrei no vinco do cardápio.

— É porque eles viram sua bunda nesse vestido quando você entrou. — Ele encontrou meus olhos. Seus estavam cintilando com diversão. — Não se preocupe com isso. Não é como se fosse um segredo, há algo acontecendo conosco. Fui parado na mercearia mais cedo por Lorna Raleigh e...

— Espere, o quê?

— Fui parado na mercearia por Lorna Raleigh, que me perguntou sobre nós.

— Estou presa no fato que você estava na mercearia. — Eu abaixei o cardápio. — Você está brincando?

Ele balançou a cabeça lentamente. — Veja, começou quando eu fui pegar um lanche depois do trabalho, e percebi que se o meu encontro



decidisse ir para casa comigo hoje à noite, eu não tinha nada para alimentá-la.

— Nem mesmo a comida de Abuelita?

— Não. Eu comi tudo.

— Vocês estão prontos para pedir?— Nossa garçonete interrompeu nossa conversa, olhando diretamente para Luke, embora ela tivesse direcionado a pergunta para nós dois.

Luke assentiu sem nem olhar para ela. — Você está pronta?

— Sim. Eu vou querer o tagliatelle com camarão, por favor. — Eu dobrei o cardápio.

Luke fez seu pedido e entregou a garçonete nossos menus. Ela atirou-lhe um sorriso estonteante enquanto pegava e girava nos calcanhares.

Bebi meu vinho, dando um olhar fulminante nas costas dela.

Luke pegou seu copo, sorrindo. — O que há, Asp? Você está com ciúmes?

Virei a cabeça para que nossos olhos se encontrassem. — Não.

— Se olhares pudessem matar, ela estaria morta agora.

— Eu não estou com ciúmes, — eu disse com firmeza. — Só acho que ela estava flertando um pouco para uma garota no trabalho. Ela deveria ser profissional.

Ele coçou o lábio superior, a mão escondendo o sorriso. — Você flerta com as pessoas o tempo todo no trabalho.

Eu suspirei. — Eu não flerto!

— Você flerta. Eu vi você puxar sua camisa para baixo algumas vezes para levar as pessoas a comprar mais bebidas, e você faz essa jogada no



cabelo quando está conversando com alguém que é claramente atraído por você.

— Agora quem está com ciúmes?

— Você. Porque você não vai mais flertar com ninguém, ou eu vou te beijar ainda mais em público.

Minhas sobrancelhas se ergueram. — É meu trabalho flertar com as pessoas.

— Aspen, você é uma barista. Não uma prostituta.

Passei minha língua pelo lábio inferior. — Você está certo. Estou mesmo na profissão errada.

Seus olhos escureceram, mas ele tomou um gole de seu vinho em vez de falar de imediato. — A propósito, você acabou de se contradizer. Você disse que não flertava, depois disse que sim. Qual deles é?

— Eu sou amigável, — eu disse rapidamente. — Isso é tudo. Tenho que ser gentil com as pessoas, mesmo quando não gosto delas.

— É por isso que você e Blaire se dão tão bem. Vocês se aproximaram por causa do seu ódio pela maioria das pessoas.

— Não. — Eu inclinei meu copo em direção a ele. — Nós nos aproximamos por causa do nosso ódio por Justin.

Ele engasgou com a bebida, abaixando o copo. — A propósito, ele me perguntou hoje o que eu faria se ele pedisse seu número novamente.

— O que você disse?

— Disse que iria enfiá-lo em um misturador de cimento e o daria a algumas galinhas como alimento se ele sequer pensasse sobre isso.

Inclinei a cabeça para o lado. — Pensei que você não fosse ciumento.



— Eu não sou. Venho dizendo a ele algo parecido há anos. Apenas acompanhei isso com um soco desta vez. — Ele sorriu. — O que? Estamos namorando agora. Posso fazer isso.

— Não acho que nós concordamos em namorar. Estamos em um encontro. Namorar significa mais de um.

— Podemos contar o outro como nosso primeiro encontro.

— Certo, se contar sexo como um primeiro encontro, Blaire seria uma namorada em série.

— Em vez de uma vagabunda em série?

— Eu diria a você para não chamá-la assim, mas tenho certeza que é o endereço de e-mail dela para os sites de namoro que ela costumava usar.

— Ah. — Luke assentiu. — Isso explica os numerosos ‘primeiros encontros’ até Tom.

Eu ri, apoiando meu queixo na minha mão. — Não. Acho que Tom foi como um raio para ela. Ela teve uma queda por ele no momento em que pôs os olhos nele.

— Não sabia que ela era capaz de emoções humanas.

— Ela é capaz de surpreender as pessoas de vez em quando.

Ele riu, recostando-se em sua cadeira. — Podemos conversar sobre ela em outro momento. Vamos falar sobre algo diferente.

Levantei as sobrancelhas. — Algo diferente?

— Sim. Isso é sobre nós, forçando nossos limites de amizade, então... Vamos fazer isso.

— Ok, hum. — Girei a taça de vinho pela haste. — Alguma ideia?

— Não. Nenhuma. — Ele clicou sua língua algumas vezes. — Você?

— Bem, Blaire teve uma ideia.



— Oh, Deus.

Eu abaixei a cabeça para esconder minha risada. — Na verdade não é tão ruim assim. Ela sugeriu que fingíssemos que este é um primeiro encontro onde não nos conhecemos.

Luke franziu a testa. — Você quer dizer para voltarmos ao básico e falarmos um com o outro sobre nós mesmos?

— Acho que sim.

— Mas nós já sabemos tudo sobre o outro. Sei que você não pode usar laços de cabelo com o pequeno fecho de metal porque seu cabelo é muito volumoso. Sei que você não suporta meia-calça porque nunca fazem para pernas longas e o fundo constantemente cai. Sei que você não suporta o volume da TV acima de quinze, vinte, se for música, porque é muito alto para que você possa se concentrar.

Meus braços ficaram arrepiados.

Vinte anos era muito tempo para ser amigo de alguém, mas não era até que estivesse na sua frente que você percebia quão bem conhecia uma pessoa.

— Você sabe todas essas coisas?— Eu disse suavemente. — Até a coisa do laço?

— Sim. Você diz que prende o seu cabelo e esses laços sempre quebram porque o fecho de metal é fraco. — Ele encolheu os ombros. — Eu só... eu ouvi você reclamar sobre isso tantas vezes que nunca pensei que seria algo que iria surpreendê-la.

— Acho que não penso nisso dessa forma. É apenas algo que é para mim. Não é algo que achei que você lembraria.

— Por quê? Porque eu esqueci seu aniversário um ano? Eu te disse, eu misturei as datas.



— Não!— Eu cobri a boca enquanto ria. — Eu te perdoei por isso quando você apareceu no dia seguinte com pizza, vinho e sorvete.

— Estamos praticamente namorando. É exatamente assim que eu aparecia se fosse seu namorado e nós brigássemos.

— Não. Se fosse meu namorado, você teria que levar chocolate, doces e batatas fritas, além disso. Também teria que rastejar por pelo menos uma semana e me dizer como eu sou bonita a cada hora.

— Estou começando a ver por que você está solteira há alguns anos.

— Não. Estive solteira por alguns anos porque a internet está cheia de homens desprezíveis, e Port Wynne está cheia de, bem, Justin.

Luke começou a rir. — Não posso comentar sobre os homens desprezíveis, mas concordo com você sobre Justin.

— Além disso, você ainda está solteiro porque nunca vai ao supermercado.

— Ah, eu fui hoje.

— Só porque você está potencialmente transando.

Seu sorriso era torto. — Potencialmente?

Franzi os lábios para ele, mas esconder meu sorriso era difícil. — Sim, potencialmente. Você teria ido ao supermercado se não estivéssemos jantando hoje à noite?

— Não, — ele disse rapidamente. — Eu teria ido à sua casa e comido sua comida em vez disso.

Olhei fixamente para ele.

— Viu? Praticamente namorando.

Peguei a garrafa de vinho para completar minha taça, mais uma vez tendo que lutar contra o meu sorriso enquanto ele sorria para mim de



forma sexy. Felizmente, eu fui salva de responder pela paqueradora trazendo nossa comida.

Retirando seu truque de magia de quando ela tomou nosso pedido, ela nos perguntou se precisávamos de algo mais com sua atenção totalmente focada em Luke.

Ela nem sequer olhou para mim quando ele perguntou se eu queria.

Dei às costas dela outro olhar mortal enquanto ela se afastava, ignorando a risada ofegante de Luke.

— Sim. Você não está com ciúmes.

— Eu não estou com ciúmes, — eu murmurei. — Eu simplesmente gosto de encarar cadelas até a morte.

— Você deveria colocar isso em uma camiseta. Isso vai assustá-las.

Revirei os olhos e peguei meu garfo. — Você é ridículo.

Ele sorriu novamente. Maldito seja aquele sorriso. Por que eu nunca percebi quão sexy era? Que magia era essa?

— Tudo bem. Vamos fazer a sua coisa enquanto comemos.

— Que coisa?

— A coisa em que fingimos que não sabemos muito um sobre o outro. Acho que poderia ser divertido. Tipo, eu não sabia que você era ciumenta. — Os olhos dele brilhavam de tanto rir.

Enfiei meu garfo em um camarão. — Eu não sabia que você era ciumento.

— Eu não sou, mas estamos nos entendendo agora.

Suspirei, colocando o camarão na minha boca e mastigando. — Ok, tudo bem. — Abaixei o garfo. — Eu trabalho no Salty's Bar a apenas alguns quarteirões da praia. Eu tenho um relacionamento quase doentio com a



Netflix e gosto de meias peculiares, e posso ficar um pouco selvagem depois de algumas bebidas a mais.

Luke mastigou, balançando a cabeça. — OK. Bem, eu sou um construtor da Wynne and Sons com alguns dos meus amigos. Uma vez eu abaixei a calça para os membros do clube de bingo na praça da cidade depois de muita tequila, e sou péssimo em fazer compras, então minha avó sempre me prepara refeições em porções. — Ele fez uma pausa. — Espere, descarte essa última parte. Isso não é nada atraente.

— Não é uma boa ideia mencionar Abuelita, — acrescentei. — Ela assustaria alguém.

— Certo. Tem razão. Que tipo de filmes você gosta?

— Oh. — Eu peguei a taça. — Sou meio eclética. Gosto de comédia romântica, mas também gosto muito de filmes de suspense.

— Suspense é divertido. Eles são meus favoritos também. Você tem algum hobby?

— Julgar os outros e beber vinho. — Eu inclinei minha taça de um lado para o outro para enfatizar. — Você?

— Assistio muitos esportes.

— Oooh, isso pode ser um problema. Eu não gosto muito de esportes.

— Posso fazer um acordo para não assistir perto de você. Eu posso lidar com isso.

— O que acontece se você precisar se alimentar em um domingo?

Ele fez uma careta. — Você faz um serviço de entrega?

— Eu pareço com Uber Eats?

— Não, você é muito bonita.



Eu ri e girei a massa no meu garfo. — Você só tem que se certificar de visitar sua avó antes de um longo dia de assistir esportes.

— Ah, minha avó totalmente não louca. — Ele assentiu. — Parece uma boa ideia.

Eu sorri, colocando o macarrão na minha boca. Luke piscou, enfiando o garfo na lasanha.

Segurei seu olhar por um segundo antes de abaixar meus olhos para a condensação na mesa dos nossos copos de água gelada.

Não foi tão ruim assim.



Capítulo 20

Aspen

Suspense e emoções

— Ok, não, eu não acredito em você.

Luke riu, me cutucando com o cotovelo enquanto atravessávamos a areia. — Eu juro. Quando ela descobriu que estávamos jantando hoje à noite, ela se sentou e me disse todas as desculpas que você disse a ela sobre por que você não podia namorar nenhum dos meus primos, então me perguntou por que eu era muito melhor do que todos eles.

Balancei a cabeça e sacudi meus sapatos ao meu lado. — Eu nem lembro porque eu os recusei. Não acho que sequer dei a ela razões válidas na maioria das vezes.

Ele encolheu os ombros, enfiando as mãos nos bolsos. — Ela me disse que não tenho permissão para foder isso, porque ela tentou trazê-la para esta família há anos, e este é o primeiro sinal promissor de que seus planos estão finalmente começando a dar frutos.

— Ela é louca. Agora eu sei por que vocês prometeram fugir quando planejassem casar.

— Você sabe que ela é louca. Não é como se fosse um segredo para você. A única questão é se você acha que pode ou não lidar com ela se começarmos a namorar de verdade.

Eu bufei, parando. — Se começarmos a namorar? Acho que nós dois chegamos à conclusão de que, até este ponto, estamos namorando sem



nenhum tipo de sentimento romântico. Não é preciso pensar muito, não é?

— Isso significa que estamos finalmente superando a coisa toda de ‘melhor amigo’ ser um problema?

— Não. Absolutamente não. — Eu balancei a cabeça. — Vai ser estranho. Você sabe disso, certo?

Luke se aproximou e pegou minha mão, em seguida, me puxou para a areia com ele. Coloquei meus sapatos na areia ao meu lado e enfiei os pés sob a bunda.

— Sei que vai ser estranho, — ele disse. — Não importa o quanto brincamos sobre isso, nós sempre seremos melhores amigos primeiro. Ajustar-se ao nosso relacionamento normal será difícil, mas não quero mentir, quero tentar.

— Acha que podemos fazer isso? Ir de melhores amigos para mais?

Ele balançou a cabeça lentamente, encontrando meus olhos e sorrindo. — Sim. Acho que precisaremos trabalhar duro para isso, mas por outro lado, esta noite foi fácil.

— Exceto pela garçonete vadia que lhe deu o número dela. — A audácia da mulher. Nós estávamos claramente em um encontro, mas ela teve a coragem de rabiscar seu número na parte de trás de seu recibo.

Eu queria ir atrás dela.

Luke envolveu um braço em minha cintura e quase me levou para fora do restaurante.

Ainda estava um pouco chateada com isso.

— Sei o que você está pensando, e não, eu não me arrependo de tirar você do prédio. — Ele manteve seu olhar focado no meu. — Eu vi você entrar em uma briga. Não é bonito.



Levantei um dedo. — Eu tinha nove anos, e Tammy Rosenthal tinha roubado meu projeto e o entregou como dela. Eu passei duas semanas naquele maldito sistema solar.

— Sim, e você deu um tapa nela como se fosse uma foca tentando chamar a atenção de alguém.

— Bem, funcionou, porque ela teve que admitir ter roubado meu sistema solar.

Luke revirou os olhos. — Ainda assim, não posso deixar que ninguém mais testemunhe isso.

— Ainda bem. Eu teria arrancado os apliques da cabeça dela.

— Por me dar o número dela?

— Você teve ou não um chilique esta semana porque um cara me deu o número dele? E nós nem havíamos concordado em ir a um encontro?

Ele abriu a boca e parou. — Totalmente diferente. Eu sou um cara. Estava marcando meu território.

— Ok, primeiro você não é um cachorro e eu não sou um tronco de árvore. Segundo, por que não posso marcar meu território?

— Porque você luta como uma foca bêbada.

— Eu deveria bater em você por isso.

— Mas não vai.

— Você tem certeza disso, não é?

— Aspen, se você tentar me bater, eu vou pegar seu pulso e te beijar até você se acalmar.

Levantei uma sobrancelha. — Tente, e eu vou te bater ainda mais forte.



Ele me agarrou, me empurrando para deitar na areia. Eu ri quando caí e ele se inclinou sobre mim. Seus olhos azuis brilhavam quando olhou para baixo, seu olhar facilmente encontrando o meu.

Seu corpo bloqueava o sol poente, fazendo as sombras dançarem em seu rosto, iluminando seus traços fortes.

— O que? — Ele perguntou, curvando os lábios para um lado.

— Nada. — Eu sorri de volta. — Eu só estou pensando que é estranho que sei há anos como você é bonito, mas o desejo de sentar em seu rosto é totalmente novo.

Seus lábios se contraíram. — Por que vale a pena, você sempre foi gostosa, mas o desejo de ter você sentada no meu rosto também é novo.

— É sempre bom estar na mesma página. — Sorri. — Pensei que você fosse me beijar.

— Eu ia, mas a Sra. Doncaster está passeando com seu cachorro, e ela está fazendo uma ‘pausa para xixi’ perto da árvore lá em cima. Se eu te beijar agora, a próxima coisa que ela vai fazer é ligar para todas as suas amigas no salão de bingo e dizer a elas que o cara que abaixou a calça para elas estava te beijando.

— Essa é uma razão válida para não me beijar. — Eu ri e o empurrei, fazendo-o sentar. — Por que você não me leva para casa e me beija lá em vez disso?

— Você vai me convidar para entrar?

— Não. Eu te disse, eu não vou transar no primeiro encontro.

— Tudo bem. — Ele suspirou. — Você vai se arrepender mais tarde hoje à noite quando tiver outro sonho erótico sobre mim.

— Não posso me arrepender tanto quanto da primeira vez. — Levantei e puxei meu vestido para baixo, depois peguei meus sapatos.



— Primeira vez? Não sei se lhe pergunto se isso significa que houve mais ou porque o primeiro foi o pior. — Luke se levantou e tirou a areia das mãos. — Oh, Deus, o primeiro não foi igual àquela noite, não é?

Eu balancei a cabeça com uma risada. — Não, não foi. Graças a Deus. Sem ofensa, mas não acho que poderia reviver isso de novo.

— Eu ficaria ofendido, se não sentisse o mesmo. — Ele destrancou o carro e segurou a porta do passageiro para mim. — Então... a primeira vez, hein?

Entrei e fechei a porta até que ele se juntou a mim. — Pode ter havido mais um sonho erótico, mas não preciso entrar em detalhes.

— Sim você pode. Você estava sentada no meu rosto?

— Estava sentada no túmulo que acabei de enterrá-lo por me fazer perguntas estúpidas.

Ele riu e colocou o carro em movimento, virando para a minha casa. — O túmulo tem um epitáfio, pelo menos?

— Não. Você não merece um epitáfio.

Mais risadas — Você é um encanto. Por que Abuelita está tão interessada em tê-la na minha família, afinal?

— Eu vou dizer que a razão número um é que ela me ama.

— Sim, mas por quê?

— Mesma razão que você me ama.

— Eu te amo porque você me alimentou, e não me deu um soco por não lhe dar um orgasmo na primeira vez que fizemos sexo. — Ele me deu um sorriso.

— Mmm. — Eu o olhei de lado quando entramos no estacionamento do meu apartamento.



Eu não sabia como não podíamos andar. Eu literalmente vivia a alguns minutos do centro da cidade... que ficava bem perto da praia... por causa do trabalho. Mas não, ele queria ser um cavalheiro e dirigir.

Coloquei meus pés de volta em meus saltos e estremeci quando os dedos do pé esmagaram na ponta.

Certo. Por isso não andamos.

Saltos.

Bom motivo. Meus dedos concordaram.

Luke chegou até a minha porta antes que eu pudesse pegar a maçaneta. Ele abriu, estendendo o braço para eu sair.

— Eu posso abrir minha própria porta, sabe, — eu disse, colocando as pernas para fora do carro.

— Na Terra, nós dizemos obrigado.

Fiquei de pé, segurando a parte superior da porta. — Obrigada.

— De nada. — Ele sorriu. — Além disso, você já conheceu minha avó? Se ela souber que deixei uma dama abrir a porta do seu carro em um encontro, ela traria aquele maldito chinelo que ela gosta tanto.

Estremeci e subi na calçada que percorria o comprimento do estacionamento. — Juro por Deus, apenas a menção do calçado faz com que eu nunca mais queira usar um.

— Sim. Abuelita e seu chinelo farão isso com uma pessoa. — Ele trancou o carro e caminhou comigo até a porta do prédio enquanto eu procurava minhas chaves na bolsa.

— Então, o que você está me dizendo, — eu disse, puxando as chaves, — É que você está fazendo isso não por ser um cavalheiro, e sim para Abuelita não bater em você com o sapato.

Um pequeno vinco apareceu na testa de Luke. — Sim. Basicamente.



— Ok, é por isso que você é solteiro.

— Nós éramos solteiros.

— Estive solteira há muito tempo, — finalmente decidi.

Ele riu, envolvendo um braço em meus ombros e apertando. — Você tem razão. Seria preciso alguém com sanidade questionável para entrar para minha família.

— Você está certo. Quero dizer, eu vi o que aconteceu com seu pai.

— Não. Ele era assim mesmo. — Ele deu de ombros quando chegamos à porta do meu apartamento. — Mas a insanidade é uma boa habilidade para ter em torno de Abuelita.

— Eu os vi literalmente discutir sobre cenouras.

— Sim, bem, esta manhã, eles estavam discutindo sobre a furadeira de papai. Ele está colocando algumas prateleiras no escritório para mamãe, e aparentemente, a perfuração estava interrompendo a TV diurna de Abuelita. — Ele franziu a testa. — Ela gravou três temporadas inteiras de Family Feud. Acho que ela tem uma queda por Steve Harvey.

Eu tentei não rir. Tentei. Mas o pensamento dela apaixonada pelo hilário apresentador era demais, e isso explodiu de mim ao ponto que eu estava rindo tanto que não conseguia colocar a chave na porta, por isso caí contra ela.

— Tudo bem, eu sei que a ideia é um pouco estúpida, mas é tão engraçado assim?

— Sim, — eu suspirei, me endireitando. — A ideia de que Abuelita pode amar qualquer coisa além de cozinhar, casar seus netos e torturar seu pai é uma loucura para mim.

— Bem, quando você coloca assim... — Ele encolheu os ombros quando finalmente deslizei a chave e destranquei a porta.



Olhei para ele por cima do ombro e entrei, ainda rindo. Coloquei a bolsa na mesa perto da porta, então parei, olhando para ele para encontrar seus olhos. — Eu me diverti hoje à noite. Surpreendentemente.

— Surpreendentemente? Certamente agora você sabe que eu sou um encanto para ficar por perto. — Os olhos de Luke brilharam provocando.

— Você sabe o que quero dizer. — Mordi o interior da bochecha. — Obrigada por esta noite.

O brilho de provocação deixou seus olhos. — Foi divertido. Então, eu ganho um segundo encontro?

Baixei a cabeça e ri. — Acho que posso fazer isso.

Seus lábios se curvaram até que seu sorriso alcançou seus olhos. — Bom, — ele murmurou, inclinando-se. A mão dele estava na parte de trás do meu pescoço, e eu encostei meu peito contra o dele enquanto seus lábios tocavam os meus.

Meu coração disparou.

Foi apenas um pequeno beijo. Um suave, fugaz, mas parecia significar tanto.

Luke deu um passo para trás, seu polegar deslizando sobre a curva do meu queixo. — Boa noite, Aspen.

Segurei a porta, sorrindo enquanto ele saía. — Boa noite, Luke.



Capítulo 21

Luke

Excesso de Steve Harvey

— Pênis!— Abuelita gritou.

Eu congelei, olhando para papai. — Que diabos?

— Ela está assistindo Family Feud novamente, — ele murmurou, lançando um olhar sombrio na direção da sala de estar. — Emmanuel esteve aqui ontem à noite e a ensinou a usar o YouTube.

— Por que ele faria isso?

— Para evitar o chinelo.

Fez sentido. — O que ele fez desta vez?

— Destruiu o carro. De novo. Depois que ela comprou para ele um novo.

Revirei os olhos e peguei o prato que ele me entregou para guardar. — Ela tem que parar de dar dinheiro para carros. E ele provavelmente precisa aprender a dirigir novamente.

— É o terceiro carro dele em dois anos. Acho que não tive três carros em trinta anos.

— Isso é porque você não vai a lugar nenhum, pai.

— Não é verdade. Eu vou para o inferno e volto toda vez que sua avó está acordada.

Ele e o resto da família. — O que ela está assistindo no YouTube?



— Partes mais engraçadas que foram cortadas da Family Feud. Mas eu não tenho certeza se ela entendeu completamente o que estava assistindo, então eu tive uma manhã dela gritando coisas inapropriadas na TV.

Fiz uma careta, bem quando ela gritou: — Mamilos!

— Ela sabe o que está gritando? — Perguntei.

Papai me lançou um olhar fulminante. — Eu duvido. Tentei perguntar, mas ela escondeu seus chinelos pela casa. Ela recebeu um pacote suspeito da Amazon esta semana que desconfio estar cheio deles.

— Não há como escapar?

— Não, mas eu estou prestes a começar a limpar a casa. — Ele bufou. — De qualquer forma, como foi seu encontro na noite passada?

— Meu encontro?

— Com Aspen. Você estragou tudo?

Peguei as tigelas e as coloquei no armário. — Não, eu não estraguei tudo. Foi bem.

— Bom. — Ele assentiu, pegando a coisa que mantinha os talheres e empurrando para mim. — Já estava na hora.

— O quê?

— Vocês dois juntos.

Fiz uma pausa, com a faca de manteiga na mão, e olhei para ele pelo canto do olho. — O que isso significa?

— Acho que sempre imaginei que vocês ficariam juntos. Vocês são diferentes o suficiente para não irritar o outro, mas semelhantes o suficiente para se darem bem. Além disso, ela aceita o lado maluco dessa família.



— Ouvi isso, — mamãe disse, olhando a cozinha e indo para a sala de estar, onde passou a conversar com Abuelita em espanhol impecável.

Balancei a cabeça e me virei para papai. — Você realmente pensou que nós ficaríamos juntos?

— Honestamente, eu pensei que vocês dois teriam descoberto isso antes. Vocês são tão bons amigos e passam tanto tempo juntos que qualquer um de vocês namorando outra pessoa seria problemático.

Hã.

— Problemático?

Papai suspirou e pegou as facas afiadas da cesta. — Sim. Você pode ver qualquer mulher com quem namoraria se sentindo confortável com seu relacionamento íntimo com uma mulher bonita?

— Não, — eu disse devagar.

— E nenhum homem ficaria confortável com a namorada passando tanto tempo com você. Você ficaria?

— Não. — Eu não precisava pensar nisso. — Você está certo. Mas isso não significa que devemos ficar juntos; é apenas uma observação.

— Você está certo. Acho que vocês deveriam estar juntos porque vocês claramente deveriam estar.

— O que?

— Merda, é como falar com uma batata e esperar que ela faça álgebra. — Papai colocou a cesta de talheres vazia de volta na lava-louças, em seguida, endireitou-se e olhou para mim. — Eu sempre esperei que vocês ficassem juntos porque faz sentido. Vocês se conhecem muito bem. Vocês se viram nos melhores momentos de suas vidas e sem dúvida nos piores. Quando o avô dela morreu, você largou tudo para ficar ao lado dela. Ela veio para todos os casamentos da família que já tivemos. Na



verdade, acho que te deserdaria se você trouxesse uma garota para casa que não fosse Aspen.

Eu ri, descansando minhas mãos no balcão. — Eu vou manter isso em mente, pai, obrigado.

— De nada. — Ele sorriu. — Mas, sério, filho... não preciso ser um gênio para saber que isso vai dar certo. De uma forma ou de outra.

— Estamos falando de Aspen?— Mamãe entrou. — Espero que mamãe pare de gritar órgãos genitais agora.

— Essa foi uma grande mudança. — Papai a puxou para o lado e beijou o cabelo dela. — Sim, estamos falando de Aspen.

O rosto da mamãe se iluminou. — Como foi seu encontro?

Eu deveria ter ficado em casa. Era melhor do que vir aqui. Droga.

— Tudo correu bem, — eu disse. — E sim, estamos tendo um segundo encontro, e não, não vamos nos casar ainda.

— Ainda. Eu vou aceitar. — Mamãe piscou e saiu da cozinha. — Oh, querido?— Ela se virou para papai. — Encontrei sua furadeira. Estava no chuveiro.

Os olhos de papai se arregalaram. — Ainda funciona?

Mamãe assentiu. — Ela estava apenas tentando te assustar. Vou levá-la ao médico esta tarde, então você terá duas horas para terminar essas prateleiras para mim. Se não ficarem prontas, não sou responsável pelo que acontece depois disso.

— Entendi. — Papai fez uma careta. — Onde está a furadeira agora?

— Na minha gaveta de calcinha. Ela nunca vai olhar lá. — Mamãe lhe lançou um sorriso doce e desapareceu.

Papai sacudiu a cabeça, suspirou e beliscou a ponte do nariz. — Agora, Luke, me escute. Vocês dois podem ser feitos um para o outro em



minha opinião, mas lembre-se disto: quando você se casa com alguém, você não se casa apenas com ela. Você se casa com a família dela.

— A família de Aspen não mora mais aqui.

— Oh, eu sei. — Ele abaixou a mão e encontrou meus olhos. — Estava apenas me certificando que você sabe que isso significa que ela vai ser arrastada para este show de merda.

Esfreguei a boca para esconder meu sorriso. — Acho que ela vai ser capaz de lidar com isso.

— *Putá!* — Abuelita gritou para a TV. — É uma *puta!*

Nós dois sacudimos nossas cabeças em sua direção.

— Que tipo de perguntas eles estão fazendo onde ‘puta’ é uma resposta correta? — Perguntei.

Papai deu de ombros. — Te disse. Show de merda.

— Justin, se você der em cima de mim mais uma vez, eu vou pegar um limão da tigela atrás de mim, te dobrar como uma vadia na prisão, e enfiá-lo na sua bunda. — Aspen bateu a mão em cima do balcão. — Estamos entendidos?

Justin se aproximou e agarrou a mão dela. — Nenhum anel. Você é solteira, querida.

Ele estava fazendo isso apenas para irritá-la agora.

— Querida? Eu vou te mostrar quem é a querida!

— Por favor, mostre. — Ele sorriu.

Tom me cutucou com o cotovelo. — Você só vai deixá-lo irritá-la assim?



Eu balancei a cabeça, bebendo da minha cerveja.

Aspen virou os olhos ardentes para mim. — Você não deveria ser um cavalheiro? Você ouviu esse idiota?

Abaixei a garrafa e estendi minhas mãos. — Uau. Dois dias atrás, você estava convencida de que poderia abrir sua própria porta. Eu pensei que isso se encaixava nessa categoria.

— Sim, abrir a porta do carro e um de seus amigos ser um grande cretino é exatamente o mesmo.

Blaire voltou do banheiro e bateu Justin na parte de trás da cabeça com um tapa afiado. — Deixe-a em paz. — Ela caminhou de volta para o seu lugar entre mim e Tom, em seguida, fez o mesmo comigo. — Vire homem, Luke.

— Porra do inferno. Sua mão é feita de concreto? — Esfreguei a parte de trás da minha cabeça.

Blaire sorriu sonhadoramente para mim, em seguida, se virou para Aspen. — Eu te dou cobertura. Serei seu namorado se ele não for. Eu provavelmente bato mais forte.

Tom sorriu para mim.

— Sim, mas você não tem um pau, — eu a lembrei.

— A julgar pelo seu silêncio, eu tenho bolas maiores.

— Lembre-me porque você gosta dela. — Eu olhei para Tom.

Ele sorriu.

— Porque, — Blaire disse, — Sou uma mágica fazendo oral.

Aspen fez uma careta. — Isso é muita informação para uma noite de domingo.

— Eu gosto de como ninguém comentou sobre a coisa do namorado, — Tom interveio. — Isso significa que é oficial?



— Não, significa que ninguém presta atenção à porcaria de Blaire,
— Aspen respondeu. — Você não é novato, Tom. Você sabe disso.

Ele assentiu, ganhando um olhar da namorada.

Eu ri, mantendo meus olhos em Aspen. Embora não fosse segredo agora que estávamos nos vendo... principalmente graças ao clube de bingo local e aos correios... não havíamos discutido rótulos.

Só que estávamos namorando.

E depois do que meu pai disse ontem, não precisávamos rotular nada. Quanto mais eu pensava sobre o que ele disse, mais percebi que ele estava certo.

Nós fazíamos sentido. Não tem que haver uma razão para isso. Apenas fazíamos.

Sabíamos tudo o que havia para saber um do outro, e embora inicialmente tivéssemos usado isso como uma razão para não agir de acordo com nossos novos sentimentos, eu estava começando a pensar de outra forma.

Nós não tínhamos que ir com cuidado, tentando descobrir onde estávamos juntos. Não haveria nenhuma reunião familiar embaraçosa. Sem tentar descobrir como lidar com uma discussão com o outro — como era o temperamento da outra pessoa? Ela guarda rancor? Quão cedo era para ligar de novo?

Nós sabíamos todas essas coisas. Assim como eu sabia sobre o ódio dela por certos laços de cabelo, ela provavelmente conhecia todas as pequenas coisas sobre mim que eu não prestava atenção.

Nós não nos conhecíamos apenas.



Nós nos *conhecíamos*. Do jeito como os casais que estão casados há trinta anos se conhecem. Sabíamos os prós e contras e altos e baixos do nosso relacionamento.

Sabia que quando ela estava com raiva de mim, eu tinha que deixá-la por pelo menos doze horas até que ela pudesse comer, tirar uma soneca e tomar um banho.

As três coisas que ela sempre fazia quando estava com raiva.

E eu sabia que não ficava bravo com ela. Não do jeito que ela ficava brava, afinal.

Por outro lado, eu não acho que alguém ficava bravo do jeito que Aspen ficava, então Justin estava realmente abusando da sorte hoje à noite.

Ela olhou para mim, finalmente encontrando meus olhos, e um pequeno sorriso puxou seus lábios antes de desviar o olhar quase timidamente.

O que tínhamos era a base perfeita para construir um relacionamento.

Tudo o que precisávamos fazer era descobrir como nos apaixonar e, considerando que dois minutos de sexo ruim e bêbado haviam dado início a outros sentimentos dentro de nós, não achei que seria muito difícil.

Nunca pensei em me apaixonar por ela até agora. Nunca tinha sido um pontinho no meu radar até agora, e agora, estava soando para mim. Apaixonar-me por Aspen Camden seria tão fácil. Como apertar um interruptor de luz.

Afinal, eu não precisava descobrir todas as coisas que eu amava nela.

Eu já conhecia e já as amava.



— Então, o que está nos cartões para o segundo encontro de hoje à noite?— Blaire perguntou, olhando entre mim e Aspen.

— Ela tem que escolher este, — eu respondi.

— Ah. Então vocês vão assistir a um filme em calças de ioga.

— Acertou em cheio, — Aspen falou do outro lado do bar.

— Eu não vou vestir calça de ioga. — Eu torci minha garrafa. — Nem em um milhão de anos.

Blaire sorriu maliciosamente. — Aposto que você não estará usando calça até o final.

Tom engasgou com uma risada, e eu quase fiz o mesmo, porque, ei. Eu não reclamaria se fosse assim que terminasse.

— As calças ficarão firmes no lugar, — Aspen acrescentou, juntando-se a nós. — Sem sexo até o terceiro encontro.

— Não vale. — Blaire balançou a cabeça. — A terceira regra de encontro aplica-se apenas se você já não tiver transado. E já que você fez isso...

— Eu te disse, — eu murmurei.

— Continue. — Aspen encontrou meus olhos, seu rosto inexpressivo. — E a única coisa que vai transar será sua mão direita.

— Sim, eu vou colocá-la em seu traseiro.

Blaire sorriu. — Isto é divertido. Não achei que gostaria de vocês dois namorando, mas retiro o que disse. Vocês são meio divertidos.

— Qual é o problema de namorarmos? — Aspen disse. — Você é a única que me empurrou para ele!

— É bom saber que você fez por vontade própria. — Eu bufei.

— Shh. — Ela levantou um dedo e se concentrou em Blaire. — Que diabos?



Blaire levantou as mãos. — Vocês são meus melhores amigos. De que lado devo ficar em uma briga? É automático? Minha opinião é importante?

— Do meu! — Aspen olhou para ela, de boca aberta. — Você sempre fica do meu lado.

— O que eu fiz? — Perguntei. — E se a culpa for sua?

— Não importa. Eu vou ganhar de qualquer maneira.

— Viu? — Blaire interveio, acenando com as mãos. — Você é minha melhor amiga, mas Luke tem Abuelita e seus tacos.

Era bom saber que meus amigos estavam aqui apenas pela comida da minha avó.

— Eu tenho os tacos dela, — Aspen respondeu. — Eu praticamente tenho seu restaurante em casa na minha cozinha.

— É um bom argumento, — Blaire meditou. — Mas se vocês terminarem, você não tem nada de Abuelita.

Suspirei. — Infelizmente, Abuelita provavelmente vai pensar que é tudo minha culpa, me bater com seu chinelo e levar Aspen para casa para que ela possa curar seu coração partido com tacos e salsa.

— Eu ficaria bem com isso, para o registro, — Aspen acrescentou. — Na verdade, Blaire, você fica do lado de Luke. Eu vou ter Abuelita no meu.

— Sim, é o que você quer, — Tom disse, mal conseguindo conter o riso. — Uma mexicana louca de um metro e meio de altura com muitos chinelos e um pouco temperamental. É assim que você ganha discussões.

Na verdade, era. Pelo menos na minha família.

Aspen olhou para mim. — Claramente, ele não está familiarizado com *la chancla*.



— O mundo seria um lugar melhor se ninguém estivesse. Incluindo Abuelita. — Eu bufei.

Blaire assentiu, estremeando. — Isso dói. Lembra-se daquela noite em que acampamos no seu quintal e fugimos para uma festa? Ela esperou na tenda para que voltássemos e nos bateu.

— Essa foi a primeira e única vez que saí escondido. — Eu balancei a cabeça.

— O mesmo, — Aspen acrescentou. — Estava com tanto medo que ela *soubesse*, apesar de ter crescido no lado oposto da cidade. Tive pesadelos por um mês depois daquela noite.

— Eu ainda os tenho! — Blaire estremeceu. — Não acho que usei chinelos desde então.

— Fale por você, — Aspen disse. — Sandálias ou nada para mim. — Ela verificou a hora em seu telefone sob o bar. — Oh, eu terminei. — Ela olhou para mim com um sorriso. — Deixe-me ir buscar Dec, e nós podemos ir, ok?

— Claro. — Eu balancei a cabeça enquanto ela desaparecia na parte de trás.

Blaire me cutucou. — Você está realmente fazendo isso. Estou um pouco surpresa.

— Todos nós estamos, — Justin disse a poucos metros de distância, tomando sua cerveja.

— Você quer outra bofetada? — Blaire retrucou.

Homem. Eles eram tão distintos como água e vinho.

— Sim, estamos fazendo isso, — eu disse a ela, ignorando Justin. — Ou estamos tentando. Pode tudo cair em chamas ainda.



— Bem, desde que Aspen não tenha o fósforo, você ficará bem. Com seu temperamento oculto, ela queimaria toda a cidade.

Tom franziu a testa. — Aspen tem um temperamento oculto?

Blaire e eu assentimos.

— É preciso muito para levá-la até lá, mas quando acontece... — Soltei um suspiro.

Blaire, no entanto, sorriu. — É por isso que ela vai se encaixar perfeitamente na família de Luke. Todos eles são temperamentais.

Eu queria negar isso.

Não podia.

Minha família era um caos completo.

— Pronto? — Aspen saiu saltitante da porta dos funcionários, com o celular na mão e a bolsa na outra.

— Pronto. — Eu terminei minha cerveja e me levantei. — Embora eu deva avisá-la, eu me esqueci de trazer minha calça de moletom.

Ela suspirou e encontrou meus olhos com um brilho conhecedor no dela. — Claro que esqueceu.



Capítulo 22

Aspen

Doces ou travessuras... ou ambos?

— Sabia que você esqueceu deliberadamente, — eu murmurei no ombro de Luke. Meu coração ainda estava acelerado porque, sim, eu fiz sexo.

E nem esperei até o final do encontro.

Em minha defesa, não era minha culpa que minha calça de yoga o excitava. Era tudo culpa dele, na verdade, por esquecer a calça de moletom. Eu não tinha nenhuma das coisas dele aqui, então não era como se eu pudesse tirar uma das minhas gavetas.

E, não, se você estava se perguntando, o sexo da última vez não foi um acaso.

— Eu juro, foi um acidente, — ele murmurou, arrastando a ponta do dedo em pequenos círculos no meu ombro. — Um feliz.

— Mentiroso. — Eu me movi e me ergui para que pudesse apoiar a cabeça na mão e olhar para ele. — Foi um movimento deliberado e você sabe disso.

— Você pode me culpar? Não é como se a calça de moletom pudesse esconder minha ereção, afinal. Eu a transformaria em uma tenda.

— Entendi. Você tem um pau grande e mágico. Você não precisa mais continuar tentando me convencer de que você é bom na cama. —



Dei um tapinha no peito dele e me sentei, balançando as pernas para o lado.

Eu me movi muito rápido. O sangue correu para a minha cabeça, e estendi a mão para me equilibrar enquanto piscava a pressão para longe.

— Sim, você está certa, eu não esqueci. — Ele riu e se levantou, deixando o quarto com o pênis na mão.

Droga. Ele ia chegar antes de mim no banheiro.

Levantei e corri atrás dele. Eu sabia que não poderia vencê-lo, mas tudo bem para ele. A gravidade funcionava a seu favor depois do sexo.

Não funcionava para mim.

Agarrando um pedaço de tecido, enfiei-o entre as minhas pernas.

— Isso é excitante, — Luke disse, ligando o chuveiro.

— Por que não posso tomar banho primeiro?

— Você quer compartilhar?

— Você normalmente é assim em segundos encontros?

— Não, mas já estabelecemos que não somos um casal normal. Então, você quer compartilhar?

— Não, eu quero ir primeiro. A gravidade não é minha amiga agora!

Ele olhou para o tecido entre as minhas pernas e sorriu. — Esse é o sinal do bom sexo.

— É o sinal que estou prestes a arrancar o chuveiro da parede e bater em você com ele.

Luke riu, afastando-se para mim.

— Obrigada. — Eu pulei sob a água e gritei.

Estava gelada, e estava batendo em mim como chuva torrencial.



Eu saí imediatamente do chuveiro e quase escorreguei, o pequeno tapete no chão sendo a única coisa me salvando de uma viagem quase certa para a sala de emergência.

Luke estava rindo. Muito.

— Esse relacionamento não está começando bem, Luke.

— Oh, é um relacionamento agora, é?

— Está prestes a ser sua morte, — retruquei. — Te odeio.

— Não, você não odeia.

— Me teste.

— É impossível odiar alguém que pode te dar um orgasmo tão forte como eu acabei de dar.

Suspirei e girei o botão para que a água quente passasse. Certificando-me de testar antes de entrar, enfiei a mão sob o fluxo e esperei que ficasse boa.

Levou apenas alguns minutos para enxaguar o meu corpo. Deixei a água ligada para Luke enquanto me secava e me envolvi no robe. Tudo que eu precisava era de uma calcinha, e estaria pronta.

Para terminar o filme que nós interrompemos.

Eu nem sabia o que estávamos assistindo.

Deixando-o no chuveiro cantando 'Sex Bomb' sozinho, voltei ao quarto pela minha calcinha. Eu tinha acabado de puxá-la sobre meus joelhos quando houve uma batida na porta.

Puxei a calcinha adequadamente e caminhei em direção à porta. — Quem é?

— Sou eu!

Ah não.

Oh não, não, não, *não*.



— Ah, apenas um segundo!— Eu corri de volta para o banheiro em pânico. — É Abuelita! Ela está na porta!

Luke se virou tão rápido que quase deslizou. — O que? Que porra ela está fazendo aqui?

Eu balancei a cabeça rapidamente. Eu não sabia. Não poderia simplesmente perguntar a ela pela porta, poderia?

Ele rapidamente saiu do chuveiro, sabonete ainda no lado do pescoço, e enrolou uma toalha na cintura. — Vá atender!

— Assim?— Eu sibilei. — Ela vai saber o que estávamos fazendo!

— Asp, ela tem gritado genitália e palavrões para Steve Harvey por três dias.

— O quê?

— Longa história. Apenas atenda a porta antes que ela comece a gritar genitália para nós!

Era isso. Era aqui que a minha vida terminava. Era o início do fim.

Eu ia morrer de vergonha.

Pelo menos eu estava usando calcinha.

Respirei fundo enquanto Luke se acovardou e correu para o quarto. Oh, Deus.

Destranquei a porta da frente e sorri. — Abuelita. Que surpresa agradável.

Ela levantou um saco de papel marrom, e o cheiro de comida me atingiu no rosto, fazendo meu estômago roncar. — Eu trouxe comida para namorar!

— Oh. Nós íamos pedir alguma...

— Bobagem. Eu cozinho. Eu trago. Você come. — Ela passou por mim e entrou na minha cozinha.



Excelente.

Isso não poderia piorar.

Luke saiu do meu quarto vestindo seu jeans e sem sua camiseta. —

Abuelita! O que você está fazendo aqui?

— Eu trouxe comida, — ela disse, olhando para ele.

Ela congelou.

Seus olhos correram para cima e para baixo em seu corpo seminu, então ela virou a cabeça para que ela pudesse olhar para mim.

No meu robe de lhama.

Com meu cabelo bagunçado.

Um lento e sábio sorriso se espalhou por seu rosto. — Ah, você precisa de comida.

Oh, inferno.

Minhas bochechas queimaram.

— Você está ocupada, *sí*? — Ela balançou as sobrancelhas.

Eu olhei para Luke.

— Abuelita, nós apreciamos a comida, mas estamos tendo um encontro. — Ele gentilmente a pegou pelos ombros e a girou.

— *Sí*. Você me faz bebê, sim?

Eu inalei bruscamente, meus olhos se arregalaram e girei com as mãos estendidas. — Não, não, sem bebê.

— Oh. Você deveria me fazer bebê. — Ela saiu do abraço de Luke na porta e se virou para ele, tocando sua bochecha. Ela disse algumas frases em espanhol, que fizeram o queixo de Luke se contorcer antes que ela viesse para mim.

Ela apertou meu rosto e me beijou em cada bochecha antes de sair.



Luke esperou até que ela estivesse fora do alcance da voz, depois fechou a porta com força.

— O que... o que ela acabou de dizer?

— Ela me disse que falou com o cara que administra sua igreja. Ele tem o terceiro domingo de setembro livre se quisermos um casamento no outono.

Eu pisquei. — O que? Ela é louca?

— Sim, — ele disse lentamente. — Nós sabemos disso há muito tempo.

— Ela fez a reserva?

— Está em espera.

— Você já pensou em levá-la a um psiquiatra?

— Sim. — Ele assentiu. — Mamãe tomou *la chancla* da última vez que abordaram a questão.

Estremeci e fui para o saco de comida. — Ela não é católica?

— Sim.

— Você não tem que ser católico para se casar em uma igreja católica?

Ele deu de ombros e tirou os recipientes. Eles estavam cheios de comida quente e fumegante, incluindo batatas fritas e molhos caseiros. — Eu não sei. Não tenho sido desde os doze anos.

— Bem, eu não sou católica, então lá se foi esse plano.

— Ela vai tentar convertê-la.

— Vamos fugir para Vegas. E não no terceiro sábado de setembro.

— Encontrei seus olhos através do balcão e nós dois começamos a rir.

Era tão ridículo. Sim, a mulher era louca e, sim, sabíamos disso, mas isso era outro nível de loucura.



Ainda assim, parecia estranhamente perfeito. Não me assustou porque conhecia Abuelita e sabia que ela era simplesmente apaixonada por sua família. Tudo o que ela queria era que eles fossem felizes, mesmo que ela mostrasse de maneiras estranhas.

Como aparecer depois do sexo com comida e reservar uma data de casamento em uma igreja... Depois de dois encontros.

Não que os encontros fossem iguais para nós.

Não precisávamos namorar como a maioria das pessoas. Nós não precisávamos nos conhecer, porque já nos conhecíamos.

Tudo o que precisávamos aprender era deixar de lado nossos limites autoimpostos e deixar acontecer o que deve acontecer.

Mas não haveria casamento em setembro.

Pelo menos não este ano.

Além disso, sempre imaginei casar na primavera. Que, no Texas, é em torno do ano novo.

Eu ri, baixando a cabeça.

— O que?

— É uma loucura, — eu disse, encontrando seu olhar. — Você não acha? Literalmente, qualquer outra garota já teria saído por essa porta se tivessem tido essa conversa com sua avó, mas aqui estou eu, abrindo um pote Tupperware com nachos caseiros, pensando que é totalmente normal.

Sua risada era profunda... uma boa gargalhada que provocou formigamentos em minha pele.

Luke caminhou ao redor do balcão da cozinha e passou os braços em meus ombros, me puxando para seu corpo. Nós dois estávamos



tremendo com o riso agora tranquilo, e eu passei os braços ao redor de sua cintura.

— É, infelizmente, normal, — ele riu no meu cabelo. — É por isso que fazemos todo o sentido juntos, Asp. Você entende.

— Estou aqui há tempo suficiente. — Uma última risada escapou dos meus lábios, e eu me inclinei para trás para olhar em seus olhos. — Você realmente acha que fazemos sentido?

Seu sorriso era torto, mas havia um calor em seus olhos que fez meu coração pular. — Sim. Acho que fazemos todo o sentido.

— Acha que podemos realmente fazer isso?

— Eu sei que podemos. — Ele inclinou a cabeça para baixo e roçou o nariz contra o meu. — Contanto que você possa suportar Abuelita.

— Bem, já faço isso há vinte anos. Pelo menos ela não vai mais me juntar com seus primos.

Ele riu, inclinando a cabeça para que seus lábios roçassem os meus. — Sempre existe isso. Agora ela vai casá-la comigo em vez disso.

— Eu posso lidar com isso, — eu sussurrei contra seus lábios.

— Bom. — Ele me beijou uma vez, duas vezes, três vezes. — Posso te contar uma coisa?

— Claro.

— Acho que seria muito fácil me apaixonar por você, Aspen Camden.

Corei, sorrindo. — Posso te contar *uma* coisa?

— Claro.

— Nossa comida está esfriando.

Ele deu um tapa na minha bunda enquanto eu corria para longe, rindo. Peguei uma batatinha de um dos potes, sorrindo enquanto mordia.



— E eu aqui pensando que você ia dizer algo bom para mim de volta, — Luke resmungou, abrindo o pote com burritos.

— Eu poderia me apaixonar por você, — eu disse, inclinando a cabeça para o lado. — Talvez no terceiro domingo de setembro.

Ele riu, olhando para mim através de cílios espessos, e jogou uma tampa de Tupperware em mim. — Eu quero isso por escrito.

Mastiguei outra batatinha, ainda sorrindo.

Sim.

Nós ficaríamos bem.



Epílogo

Aspen

Tequila para sempre

DEZOITO MESES DEPOIS

— Tequila é o nome perfeito para um cachorro!

— Sim, mas não estamos falando em ter um cachorro. Estamos falando de ter um gato. — Luke colocou as mãos no balcão. — E Tequila é um nome terrível. Já te disse isso umas quinhentas vezes.

Pressionei a mão no peito e ofeguei. — Como você pôde dizer isso? Você ainda estaria solteiro e comendo minha comida se não fosse pela tequila!

— Sim, e agora eu moro em seu apartamento, te dou orgasmos regulares e ainda como sua comida.

— Exatamente. Você tem que agradecer a tequila. Você pode homenageá-la e ter anos de ressaca ao chamar nosso cachorro de Tequila.

— Não vamos arrumar um cachorro. E não vou prestar homenagem a um mete-mete-goza bêbado. Seus lábios tremeram. — Teremos um gato.

— Eu não gosto de gatos.

— Eu não gosto de cachorros.

— Mentira. Você gosta de Blaire.



Ele se inclinou para frente, enterrando o rosto nas mãos. — Eu não posso fazer isso. Por que não pegamos um hamster?

Gemi e caí no sofá, olhando através do apartamento para ele. — Porque eles cheiram e não se importam se você esteve fora o dia todo. Eu quero voltar para casa e saber que sentiram minha falta enquanto estive no trabalho.

— Ei, eu sinto sua falta quando você está no trabalho.

— Luke, quando voltei na noite passada, você agarrou minha bunda e me perguntou se eu me importava que você terminasse seu videogame antes de ir para a cama.

Ele jogou os braços para o lado. — Eu peguei sua bunda! Isso é carinhoso. Senti sua falta.

— Não, você agarrou minha bunda porque queria terminar seu videogame, depois fazer sexo.

— Mas foi o que aconteceu.

— Ainda não é um cachorro.

Ele suspirou e caminhou até mim. — Nós vamos ter que jogar uma moeda por isso.

— Eu não vou jogar uma moeda por um animal de estimação, — eu disse calorosamente. — É um cachorro ou não é nada. E eu quero um desses beagles de Gerald do haras.

— Você e aqueles fodidos beagles. — Ele revirou os olhos. — Nós vamos ter que pensar nisso até que possamos chegar a um acordo.

— Tudo bem. — Suspirei e apoiei meu cotovelo no encosto do sofá para poder descansar a cabeça na mão. — Deixemos as coisas como estão e só voltamos a isso semana que vem.



— Aí está a minha menina. — Ele beijou o topo da minha cabeça. —
A propósito, um pacote chegou para você hoje. Você estava esperando
alguma coisa?

Eu me endireitei. — Ooh, meu novo secador de cabelo!

— Emocionante, — ele murmurou. — Está no quarto. Eu vou pegar.

Pulei no sofá até ele voltar com a caixa. — Essa é uma grande caixa
para um secador de cabelo.

— Eu lhe disse para parar de fazer compras online. São cinco por
cento do seu pedido, noventa e cinco por cento de embalagem.

— Sim, mas as compras on-line significam que não preciso falar com
as pessoas. Por que a caixa está aberta?

Ele encolheu os ombros, colocando as mãos nos bolsos. — Eu queria
ver o que era, mas não consegui passar pela embalagem, então desisti.

Revirei os olhos e corri para a ponta da almofada.

A caixa se mexeu.

— A caixa se mexeu. — Olhei para Luke. — Por que isso se mexeu?
Seus lábios se contraíram.

Olhando para ele, abri a caixa e olhei dentro.

E gritei.

— O que você fez? — Eu suspirei, estendendo a mão e puxando a
cachorrinha beagle. — Oh, olá, linda.

— Conheça Tequila, — ele disse secamente. — Eu estava pensando
em Patches, mas tanto faz.

Segurei o filhote minúsculo perto do peito, olhando com
admiração. — Mas o que? Como? Você acabou de me dizer que odeia
cachorros!



— Sim, bem, Gerald precisou de algum trabalho em um de seus celeiros há duas semanas. Eu fui lá para vê-lo e ele me deixou dar uma olhada nos filhotes. Ela não me deixava em paz e chorou quando eu saí, então eu praticamente lhe entreguei o dinheiro ali mesmo. — Ele levantou os ombros e os soltou novamente. — O que posso dizer? Ela me conquistou.

— Oh. Você é o meu favorito. — Eu segurei a cachorrinha a certa distância para olhar para ela.

— Eu ou Tequila?

— Eu não decidi ainda. — Ela era tão fofa. Tão pequena. Como se você pudesse colocá-la em sua bolsa minúscula. — E você comprou uma coleira para ela!

Era rosa. De couro.

E... cintilante.

Eu congelei quando meus olhos se concentraram no brilho. — Luke, — eu disse. — O que você fez? — Lentamente, virei a cabeça e ele estava no chão.

Sobre um joelho.

Na minha frente.

Eu trouxe o filhote para o meu colo antes de deixá-la cair. Minhas mãos tremiam quando ele se inclinou para frente e tirou a coleira. Ele mexeu com ela por um segundo e tirou o anel.

Eu olhei para ele.

Oh, meu Deus.

— Eu imaginei que ela quebraria o gelo. — Seus lábios puxaram para um lado. — E potencialmente me daria uma vantagem.

Pressionei a mão na boca.



— Quero dizer, nosso relacionamento começou com tequila, então eu percebi que era justo começar a próxima parte com Tequila.

Oh, meu Deus.

— Aspen, você quer se casar comigo?

Eu não conseguia fazer nada além de acenar com a cabeça freneticamente. Em parte porque eu estava segurando um filhote, e em parte porque o nó na garganta me sufocaria se eu tentasse falar. Então continuei balançando a cabeça, de novo e de novo, até ele se tornar um borrão na minha frente.

Ele sentou no sofá e me puxou para perto dele. — Mamãe disse que o filhote e o anel seriam demais. Eu deveria ter escutado.

Eu ri, pressionando meu rosto em seu ombro. Ele pegou o cachorrinho se contorcendo de mim para que eu pudesse jogar meus braços em volta do seu pescoço. Eu tive calafrios... do tipo bom.

— Há quanto tempo você planejou isso?— Eu sussurrei através das minhas lágrimas.

— Bem, eu tenho o anel por cerca de seis meses.

— Seis meses?— Eu recuei, enxugando os olhos. — O que?

— Eu estava tentando descobrir como te pedir. Então ela aconteceu. — Ele levantou Tequila que estava tentando freneticamente lamber seu rosto. — E eu soube.

Ele a colocou contra seu corpo e pegou o anel da mesa com a outra mão. Delicadamente, ele empurrou o anel no meu dedo, então sorriu para mim. — Quem diria que um mete-mete-goza terminaria bem?

Eu ri, nós dois caindo no sofá. Tequila finalmente se soltou das mãos de Luke e se lançou em seu rosto, praticamente o sufocando com sua



barriga de cachorrinho. Ele tossiu e cuspiu embaixo dela, e eu caí de volta rindo, segurando meu estômago.

— Pare com isso. Droga, Tequila. Pah, eu tenho pelo de cachorro na minha boca! — Luke balbuciou.

Eu ri ainda mais, estendendo a mão e removendo a pequena criatura de sua cabeça.

— É por isso que eu queria um gato, — ele disse, apontando para mim, em seguida, esticando a língua para remover um pelo.

Eu sorri, levantando meu queixo para que Tequila pudesse lamber meu pescoço.

Luke entrou na cozinha para pegar água. Ele lavou a boca uma vez e olhou para mim, tentando franzir a testa, mas ele não podia. Ele sorriu, os olhos brilhantes e felizes, e eu não pude deixar de sorrir quando Tequila pegou meus ombros para escalar.

Era uma verdade universalmente aceita que dormir com seu melhor amigo era uma ideia muito, muito ruim.

Mas passar a eternidade com ele?

Agora isso era uma boa ideia.

FIM

